



ENTREVISTA
Marta Suplicy:
“O PT traiu os
brasileiros”

NARCOESTADOS
Coronel confirma o tráfico
de drogas e armas entre
Bolívia, Venezuela e Irã

SIMETRIA FACIAL
A plástica que embelezou
ainda mais Kim Kardashian
faz sucesso no Brasil



Editora ABRIL
edição 2423 - ano 48 - nº 17
29 de abril de 2015

veja

www.veja.com

EXEMPLO DE
ASSINANTE
R\$ 12,00



EXCLUSIVO
OPERAÇÃO LAVA-JATO

EMPREITEIRO ARRASTA **LULA PARA O MEIO** **DO ESCÂNDALO**

Preso, Léo Pinheiro, da OAS, ameaça
contar à Justiça o que sabe sobre o
petrolão — e seu alvo é o ex-presidente



LIBERTY

Mensagens WhatsApp

sem descontar da
sua franquia de internet

MAIS CONEXÃO, MAIS VANTAGENS.

- Smartphones com até R\$ 1500 de desconto em 12x sem juros
- TIM-TIM ilimitado e minutos para outras operadoras
- Franquias de internet com compartilhamento grátis entre até 4 aparelhos
- SMS ilimitado

TROQUE
SEU CHIP
POR UM
TIMChip 4G

4G

O BENEFÍCIO INCLUI MENSAGENS DE TEXTO, ÁUDIO, VÍDEO E FOTO E NÃO INCLUI CHAMADAS REALIZADAS E RECEBIDAS VIA WHATSAPP (VOIP).

Os valores dos descontos dos aparelhos variam conforme o plano de voz Liberty e a franquia de internet contratados. O desconto de R\$ 1.500,00 é válido para o Liberty +800 com pacote de internet. Caso o cliente cancele ou migre para um plano de voz ou franquia de internet inferior antes do prazo de 12 meses, ficará sujeito ao pagamento de multa proporcional ao valor do benefício e tempo de pagamento com cartão de crédito. O Liberty tem abrangência nacional e os valores do plano Liberty são válidos para pagamento via fatura e sujeitos a análise de crédito. A velocidade de referência ter acesso ao 4G é preciso que o cliente tenha chip e aparelho compatíveis com a tecnologia, além de estar em um local com cobertura 4G. Acesse tim.com.br/4G, veja os aparelhos compatíveis e saiba que o benefício é promocional até 20/5/2015, podendo ser prorrogado pela TIM. Após o período promocional, o uso do WhatsApp será restrito a 500MB mensais. O benefício do WhatsApp sem descontar da franquia enviado via aplicativo, será descontada da franquia mensal de dados, caso haja. Para adquirir o compartilhamento, o cliente deve adquirir os chips adicionais em uma loja TIM. Os valores para aquisição dos chips cobrados por chip para compartilhar será de R\$ 29,90 por mês, podendo ser prorrogado pela TIM. Apenas o acesso principal da estrutura terá o benefício do WhatsApp ilimitado. O acesso ao WhatsApp



LANÇAMENTO

SAMSUNG
GALAXY S6 32GB
COM DESCONTO
DE ATÉ
R\$ **1.500**



Você, sem fronteiras.

igual ou superior a 6GB. Para adquirir o benefício do desconto no aparelho, o cliente deverá ficar vinculado ao plano de voz e franquia de dados igual ou superior ao contratado pelo prazo de 12 meses, permanência restante, conforme Contrato de Permanência. Essa Oferta é válida para adesões até 20/5/15, ou enquanto durarem os estoques. O parcelamento de aparelho em 12 vezes só é válido de navegação é de até 5Mbps na rede 4G para download e 100Kbps para upload. A velocidade de referência de navegação é de até 1Mbps na rede 3G para download e 100Kbps para upload. Para mais. Para saber as cidades com cobertura 4G, acesse tim.com.br/portasabertas. O acesso ao aplicativo WhatsApp para envio de mensagens (vídeo, áudio e texto) sem descontar da franquia de internet de internet não inclui chamadas de VoIP (realizadas e recebidas), portanto a utilização dessa funcionalidade, assim como qualquer utilização de dados fora do aplicativo, mesmo que originada de um link chips nas lojas serão cobrados normalmente. Promocionalmente, até 20/5/2015, não haverá nenhum custo adicional mensal para compartilhar o pacote de dados. Após o período promocional, o valor pelos chips adicionais será descontado da franquia de dados contratada pela estrutura e será bloqueado caso o cliente atinja o limite do seu pacote. Veja o regulamento das ofertas em tim.com.br.

1º COLOCADO

ELEITO O MELHOR CARRO DA CATEGORIA PELO J.D. POWER NOS ESTADOS UNIDOS, À FRENTE DAS MELHORES MARCAS DO MUNDO.

Em estudo feito pelo J.D. Power, o Hyundai Elantra recebeu o principal prêmio na avaliação de qualidade inicial de sua categoria.



ELANTRA
2.0 FLEX 178 CV



Pedestre, use sua faixa.

Fonte: USA TODAY - 18 de junho de 2014

www.hyundai-motor.com.br | DISTRIBUIDORES EM TODO O PAÍS: 0800-7703355



CONSULTE CONDIÇÕES NO SITE



• TETO SOLAR ELÉTRICO COM CORTINA,
ESPELHOS RETROVISORES EXTERNOS
COM INDICADORES DE DIREÇÃO
COM LED E DESEMBAÇADOR.

• CENTRAL MULTIMÍDIA COM GPS,
DVD, IPOD, USB, BLUETOOTH
E COMANDOS NO VOLANTE. CÂMERA
DE RÉ COM IMAGEM NA TELA.

• AR-CONDICIONADO DIGITAL DUAL ZONE.
SENSOR KEYLESS DE ABERTURA
E FECHAMENTO DAS PORTAS
POR PROXIMIDADE.

• FREIOS A DISCO NAS QUATRO RODAS
COM ABS E EBD DE ÚLTIMA GERAÇÃO.
CONTROLE DE ESTABILIDADE (ESP).



NEW THINKING.
NEW POSSIBILITIES.



Galaxy S6



Galaxy S6 Edge

SAMSUNG **Galaxy S6**

O NOVO COMEÇA AGORA





PATROCINADOR OFICIAL DE SERVIÇOS
DE TELECOMUNICAÇÕES

Galaxy S6 e Galaxy S6 Edge, sejam bem-vindos ao **Claro up**.



4G MAX

Só no **Claro up** você pode trocar de smartphone
todo ano com seguro, a partir de **R\$ 99,00** por mês.

Aproveite agora. Você parcela smartphones em 24 vezes com seguro, a partir
de R\$ 99,00 por mês, e depois de 12 parcelas pagas já pode pegar um novo*.
Claro up é smartphone novo todo ano. Visite uma loja da Claro ou acesse
www.claro.com.br/claroup



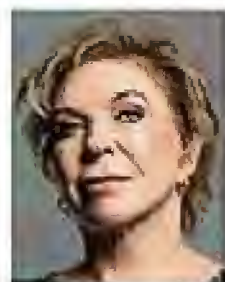
**É você quem
faz o agora.**

Oferta não inclui o valor do plano que deve ser contratado. Consulte o valor do plano em www.claro.com.br

*Na devolução do seu smartphone antigo em boas condições. Consulte condições de elegibilidade e troca de aparelho no Programa Claro up. Oferta válida para clientes portabilidade e exclusivamente para Samsung Galaxy S6 na contratação do plano Claro online max 7GB + 1200 min. Consulte condições de elegibilidade e troca do aparelho no programa Claro up. Oferta válida para cliente pessoa física exclusivamente para a modalidade pós-pago. A franquia do seguro é de 25% sobre o valor do aparelho e deverá ser paga via boleto em uma única parcela à Assurant Solutions. O benefício da recompra acarreta a aquisição de um novo smartphone, que pode ocorrer por meio da renovação do programa Claro up. O cancelamento do programa Claro up, a inadimplência dos serviços com a Claro ou a recusa do pagamento de indenização referente ao seguro não isentam o cliente da obrigação do pagamento das condições do parcelamento do aparelho. Para ser elegível ao benefício do programa, o cliente deverá observar as condições do item 7 do instrumento de adesão ao programa Claro up. Consulte o regulamento do programa, lojas participantes, coberturas e restrições em www.claro.com.br/claroup. Imagens meramente ilustrativas.

- 12 | **Carta ao Leitor**
- 17 | **Entrevista** Marta Suplicy
- 22 | **Lya Luft**
- 28 | **Leitor**

*"Saio do PT
porque o
partido mudou"*
PÁG. 17



LUIZ MAXIMIANO

Panorama

- 34 | **Imagem da Semana**
- 38 | **Datas**
- 42 | **Conversa com**
Adriane Galisteu
- 42 | **Números**
- 43 | **SobeDesce**
- 44 | **Radár**
- 48 | **Veja Essa**

*Marco Nanini:
problema com
"essas coisas
digitais"*
PÁG. 48



ILUSTRAÇÃO BAPTISTÃO

Brasil

- 50 | **Petrolão** Empreiteiro preso
ameaça envolver Lula na
investigação do escândalo
- 58 | **Justiça** As primeiras condenações
da Lava-Jato mostram os efeitos
positivos da delação premiada
- 60 | **Congresso** A ameaça
de retrocesso na lei
da terceirização
- 64 | **Eleições** O projeto de voto
distrital para municípios
avança no Senado
- 66 | **Política** A explosão do
fundo partidário
- 68 | **J.R. Guzzo**

Economia

- 72 | **Empresas** A Petrobras tenta
se reerguer depois da
publicação do balanço
- 76 | Os reflexos da crise da estatal
no emprego e no PIB

Internacional

- 78 | **Europa** Uma solução
para os migrantes
- 80 | **Bolívia** O narcoestado
e suas conexões

*Os segredos do
empreiteiro*

Léo Pinheiro PÁG. 50



DIVULGAÇÃO

*Bichectomia:
técnica que
valoriza
as maçãs
do rosto*
PÁG. 88



*Balanço da
Petrobras:
prejuízo de
21,6 bilhões de
reais em 2014*
PÁG. 72

WILTON JUNIOR/ISTADÃO CONTEÚDO

veja.com

IMAGENS

A 3ª Bienal de
Graffiti Fine Art,
em São Paulo

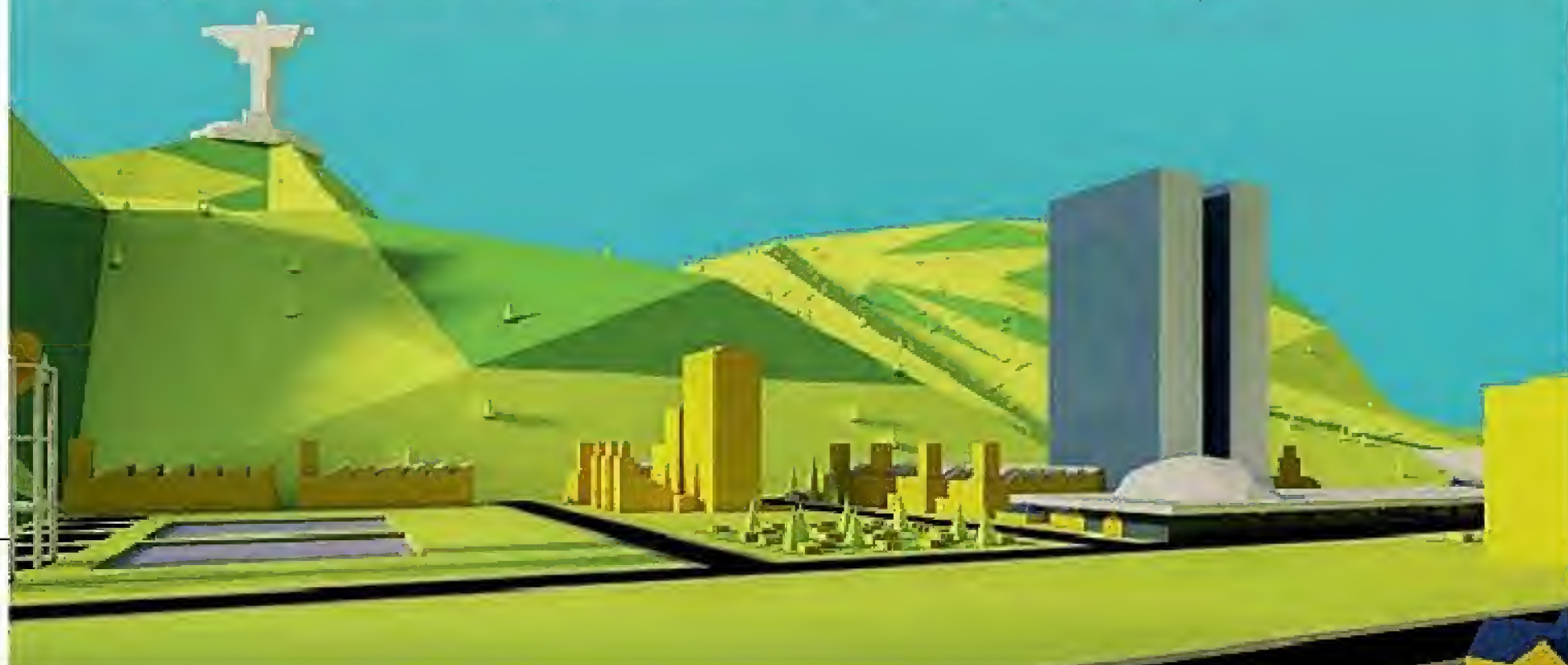


FOTOS FIAMÉ/FOLHAPRESS

CIDADE CORRUPÇÃO

Estima-se que o Brasil perca 82 bilhões de reais ao ano para a corrupção. Mas o que são 82 bilhões de reais? Com o propósito de ilustrar a enormidade do desperdício, VEJA lança nesta semana, em parceria com a agência MariaSãoPaulo, o game Cidade Corrupção. Nele, cada jogador é convidado a erguer uma cida-

de inteira usando o dinheiro que todo ano vai para o ralo. O usuário pode equipar seu projeto urbanístico com escolas, hospitais, rede de abastecimento, ruas, estádios, parques e até monumentos. O resultado, que pode ser compartilhado no Facebook, demonstra a importância de curar a chaga da corrupção.





ARCTIS MANTIKOS/EUROKINISSI/AP

Clandestinos no Mar Mediterrâneo: centenas de mortos nas últimas semanas **PÁG. 78**

Geral

82 | **Gente**

84 | **Vida digital** A estratégia da Apple para criar dezenas de modelos do Watch

88 | **Estética** A cirurgia para reduzir as bochechas que faz sucesso no Brasil

94 | **Tecnologia** Como os simuladores digitais ajudam a enfrentar os problemas reais

Artes & Espetáculos

100 | **Cinema** Vingadores e a potência da Marvel

104 | **Entrevista** com a atriz Jennifer Aniston

106 | **Livros** *Ordem Mundial*, de Henry Kissinger

110 | **Televisão** *Os Dez Mandamentos*, a novela bíblica da Record

112 | **Veja Recomenda**

113 | **Os livros mais vendidos**

114 | **Roberto Pompeu de Toledo**

Executivos da Marvel: império da indústria do entretenimento **PÁG. 100**

HAN MYUNG-GU/REUTERS/IMAGE



CHUNG SUNG-JUN/GETTY IMAGES

APOSENTADORIA DO CÃO-GUIA

O músico Alexandre Reis, morador de São Paulo, percebeu que havia algo errado com seu cão-guia, o labrador-fêmea Hanna, no dia em que ela o deixou esbarrar em um portão entreaberto em uma calçada. No veterinário, Reis recebeu uma notícia surpreendente: sua cadela, então com 5 anos, estava ficando cega. Reportagem no site de VEJA conta a incrível história de ambos e o que fazer com um cão-guia quando ele não pode mais conduzir seu dono.



ISTOCKPHOTO

TERRA DE NINGUÉM

Um dos principais dutos de desvio de dinheiro da Petrobras ao longo dos últimos anos, a Refinaria Abreu e Lima,

em Pernambuco, ainda não está pronta. Impedida de contratar as empreiteiras envolvidas na Lava-Jato, a Petrobras teve de confiar a continuidade do projeto a pequenas construtoras locais — e algumas delas, por sua vez, também repassam serviços. Reportagem de VEJA.com revela a “quarteirização” em curso na refinaria, que deixa funcionários sem nenhum vínculo nem garantia trabalhista — e tudo sob a vista grossa da estatal.



FIECDES REGIS/JC IMAGEM

HOPE®

Compre nas lojas exclusivas HOPE ou online em HOPELINGERIE.COM.BR

O universo dos veículos brasileiros

VEÍCULOS DE SERVIÇO DO BRASIL



ESCALA 1:43

Miniaturas dos veículos de serviços mais emblemáticos do Brasil, acompanhadas de fascículos com a história dos principais serviços, curiosidades e informações sobre o modelo de cada edição!



já nas
bancas*



ESCALA DE
COLECIONADOR
1:43



Miniaturas dos mais importantes carros brasileiros, desde a década de 1950, acompanhadas de fascículos que contam em detalhes a história dessas máquinas apaixonantes!



Embarque em uma viagem emocionante

Acesse planetadeagostini.com.br ou ligue (11) 2171-7111

*Capitais de SC, ES, MA, MT, MS e PI, Interior de MG e do PR.

*Campinas (SP), Goiânia (GO), Juiz de Fora (MG), Salvador (BA), Petrópolis (RJ) e outras.

em coleções inéditas e exclusivas!

CAMINHÕES BRASILEIROS

de outros tempos



*Rio de Janeiro capital, Curitiba (PR), Baurer (PA), Santos e algumas cidades do interior de SP.



Miniaturas dos caminhões que ajudaram a construir a história do transporte no Brasil, acompanhadas de fascículos que revelam as particularidades de cada modelo, dos seus fabricantes e marcas, além de uma ficha técnica com detalhes e ilustrações incríveis!



Viva o prazer de colecionar!

Acesse planetadeagostini.com.br ou ligue (11) 2171-7111



Longe do nocaute

A pesar de toda a pesada carga colocada sobre os ombros dos brasileiros pelos erros passados do governo... Apesar do alto custo dos ajustes recessivos aplicados na economia para corrigir aqueles equívocos... Apesar disso tudo, o Brasil real teimosamente se move na direção certa — e em várias frentes. Na frente política, é motivo de júbilo a aprovação pelo Senado Federal do projeto de voto distrital de autoria do senador José Serra (PSDB-SP). A tão esperada divulgação do balanço auditado da Petrobras, dias antes de se esgotar o prazo legal, é um passo significativo rumo à normalização das atividades da empresa brasileira, um gigante mundial que extrai 2,3 milhões de barris de petróleo por dia. Trazem o mesmo efeito regenerador os dados mais recentes do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) mostrando uma melhora na criação de postos de trabalho na economia brasileira. Também não se pode desprezar o fato de que se tenha estabilizado o Índice Nacional de Expectativa do Consumidor (Inec), da Confederação Nacional da Indústria (CNI).

Tudo resolvido, então? Longe disso. Como um lutador de boxe nas cordas, o Brasil não venceu a luta, mas ganhou um tempo para respirar. O nocaute, que parecia inevitável, pode resultar em derrota, ou até vitória, por pontos no fim do ano. Os eventos e os dados animadores da semana passada são dignos de nota porque vieram em meio a um mar de ceticismo e pessimismo com os prognósticos para o

O voto distrital foi aprovado na Comissão de Constituição e Justiça do Senado e, agora, vai ser examinado pela Câmara dos Deputados

ano de 2015. São pequenos avanços, mas altamente significativos.

O voto distrital que passou no Senado valerá, se confirmado pela Câmara dos Deputados, apenas para as eleições de vereadores em cidades com mais de 200 000 eleitores. Pelo seu efeito de aproximar o eleitor do eleito, diminuindo o abismo entre o povo e o Poder Legislativo, essa primeira experiência de voto distrital no país, mesmo que restrita a municípios, vai servir de vitrine para a ampliação do sistema aos demais colégios eleitorais. A divulgação do balanço da Petrobras, com o reconhecimento dos prejuízos bilionários impostos pela corrupção e pela ingerência governamental, permite encerrar um capítulo sombrio da empresa. É irrelevante que o Inec só tenha deixado de cair em março? Não é o caso de soltar foguetes, mas é um alento depois de o índice ter apresentado queda por quatro meses consecutivos. O mesmo raciocínio vale para o Caged, pois, após três meses em declínio, o mercado de trabalho fechou o mês de março com saldo de 19 282 vagas.

Fica em secundaríssimo plano e restrito ao terreno da especulação se esses sinais positivos da semana passada serão bons para o partido A ou B ou se quem mais se beneficiará deles será o governo ou a oposição. VEJA acredita que, quando o cenário político e econômico melhora, isso é bom para todos os brasileiros. Ponto.



GERAL DO MAGALHÃES, SENADO

VE 1184 0800 022 7442 WWW.HSTERN.COM.BR

DIANE KRUGER PARA HSTERN

70
Hstern

KEEP THE MOMENT



JEEP.COM.BR
CAC 0800 7037 150
facebook.com/jeepdobrasil

Pedestre, use sua faixa.

Je



NOVA FÁBRICA DA JEEP NO BRASIL.

Tecnologia e inovação que resultaram numa das fábricas de automóvel mais modernas do mundo.

JEEP. FABRICADO NO BRASIL PARA VOCÊ FAZER HISTÓRIA.

epo



**AGORA COM NOVA
MARCA REGISTRADA:
UMA DAS FÁBRICAS
MAIS MODERNAS
DO BRASIL.**

Jeep®
MAKE HISTORY

AQUI TEM
CONFIANÇA.

Friboi
CARNE CONFIÁVEL TEM NOME.

Onde tem Friboi, tem confiança. Onde tem Friboi,
tem carne com garantia de origem e rigoroso controle
de qualidade. A carne para servir pra sua família.

Conheça a história da Luci em: friboi.com.br

www.friboi.com.br



JBS

O PT traiu os brasileiros

A ex-ministra, ex-prefeita de São Paulo e senadora anuncia sua saída do partido que ajudou a construir e diz que a cúpula petista não tem mais outro projeto senão o de se manter no poder

Marta Suplicy foi deputada, prefeita de São Paulo, ministra do Turismo, da Cultura e atualmente cumpre mandato de senadora. Sempre pelo PT, partido em que milita desde o início da década de 80. Trinta e cinco anos, de muitas vitórias e algumas derrotas, um mensalão e um petrolão depois, que descreve como uma “avalanche de corrupção”, ela decidiu deixar a legenda a que dedicou metade de sua vida. Marta tem convite de quase todos os partidos políticos do Brasil, mas se inclina mais para o PSB de Eduardo Campos, o candidato morto em um desastre de avião na campanha presidencial do ano passado. Enquanto desenhava estrelinhas em uma folha de papel, Marta falou a VEJA de seus motivos para romper com o PT e de seu “projeto de nação”.

A senhora saiu do PT ou o PT a deixou antes? Tenho muito orgulho de ter ajudado a fundar o PT. Acreditei, me envolvi, trabalhei décadas, com dedicação total. Saio do PT porque, simplesmente, não é o partido que ajudei a criar. O PT se distanciou dos seus princípios éticos, das suas bases e de seus ideais. Dessa forma traiu milhões de eleitores e simpatizantes. Eu sou mais uma entre as pessoas que se decepcionaram com o PT e não enxergam a possibilidade de o partido retomar sua essência. Respondendo a sua pergunta, estou segura de que meus princípios nunca mudaram, são os mesmos da fundação do PT, os mesmos com os quais criei os meus três filhos. Agora tenho um desafio, o desafio do novo. Quero ter um projeto para o meu país. Um projeto em que acredite. É isso que eu vou buscar.

O que mais pesou na sua decisão?

O componente ético é muito forte. A decepção foi tremenda. Não foi fácil ver os integrantes da cúpula do partido na prisão. Discordo da maneira pública

“Saio do PT porque não é o partido que ajudei a criar. É um partido que se distanciou dos seus princípios éticos, das suas bases e de seus ideais”

LUÍZ NAXIMIANO



pela qual eles foram julgados e sentenciados. O processo judicial pode ter sido perfeito, mas a humilhação pública que eles sofreram não se justifica. Por essa razão eu não me manifestei durante o julgamento do mensalão. Mas senti que havia um profundo distanciamento do que nós, petistas, queríamos para o Brasil. Reconheço o muito que já se fez em termos de diminuição da pobreza e do aumento da mobilidade social. Mas eu percebo também que a cúpula se fechou e, cercada por interesses corporativistas de certos movimentos sociais e sindicalistas, trabalha apenas para se manter no poder. O PT não tem mais projeto para o Brasil. Se não recuperar seus princípios éticos, da fundação, não voltar às suas bases, se ficar só no corporativismo, o PT vai virar uma pequena agremiação. Teria chance se fosse no caminho oposto, mantendo sua base social, mas incorporando uma classe média que ele mesmo ajudou a criar. Mas, se você perguntar se o PT fará o que é preciso para se salvar, minha é resposta é não.

Houve uma gota d'água? A escolha do Fernando Haddad para ser candidato à prefeitura de São Paulo, em 2012, foi muito difícil para mim. Mas respirei fundo e fiz campanha para ele. Sei que minha participação foi fundamental para a vitória do Haddad. Antes já tinha sido praticamente abandonada na minha eleição para o Senado. Ganhei com enorme dificuldade. O PT fez campanha muito mais forte para o candidato Netinho do que para mim. Então comecei a pensar no que estava fazendo no PT. Em 2014, meu nome nem foi cogitado para a corrida ao governo de São Paulo, embora eu tivesse 30% das intenções de voto. Aí vem essa avalanche de corrupção. Engoli muita coisa na política. Mas, quando vi que estava em um partido que não tem mais nada a ver comigo, que não luta pelas bandeiras pelas quais eu me bati e que ainda me tolhe as possibilidades — e eu sei que sou boa —, a decisão de sair ficou fácil.

A senhora não viu os sinais da “avalanche de corrupção” no PT? Não, porque eu nunca participei disso.

“Sempre achei que uma mulher na Presidência faria muita diferença. Mas o temperamento se sobrepõe à questão do gênero. Isso de a Dilma não conseguir ouvir acarreta os problemas. A bola chega redonda e sai quadrada”

Não tinha a mais leve ideia. Como a maioria dos petistas não tinha também. Se você não estava ali naquela meia dúzia, você não sabia.

Quando ficou evidente sua saída, a máquina de destruição de reputações do partido começou a agir com a acusação de que a senhora, uma aristocrata, nunca foi realmente do PT. Isso magoa?

Essas pessoas nunca estiveram na minha pele. Dei ao PT uma cara de classe média palatável. Isso abriu outro horizonte, com a adesão de uma classe média que não se identificava com o sindicalismo. Se não posso dizer que a inventei, tenho certeza de que contribuí muito para a modernidade do PT. Esse tipo de crítica não me afeta.

A senhora teve um papel de destaque no “Volta, Lula”, movimento para afastar Dilma e lançar como candidato o ex-presidente. Por quê? Eu tinha certeza de que, se a Dilma vencesse, teria um segundo mandato muito difícil, como está sendo efetivamente. Achava que com o Lula teríamos condição de rever com clareza os erros cometidos e, assim, reunir força política para tirar o Brasil daquela situação. A maioria dos deputados e dos senadores preferia a candidatura

do Lula pelas mesmas razões que as minhas. Eles só foram mais cuidadosos.

O rompimento com o PT significa seu afastamento do ex-presidente Lula?

É preciso saber separar o lado pessoal. Mesmo quando fui impedida de ser candidata, em 2006, não rompi com o Lula. Porque existe uma coisa muito pessoal, gosto muito dele, o admiro. Acredito que ele também tenha admiração por mim. Tive uma conversa muito franca com ele no segundo semestre do ano passado e explicitiei o que iria acontecer se ele não fosse o candidato. Disse: “Presidente, estou buscando meu caminho”. Depois, não nos falamos mais. Não é uma questão de candidatura, é de não me sentir mais no ninho. Tem um momento em que você diz basta.

Seu descontentamento já era grande. Por que demorou tanto a deixar o governo Dilma?

Primeiro, o Lula pediu que eu ficasse. Disse que minha saída atrapalharia o projeto. Entenda-se, o projeto de ele ser o candidato. Quando a vitória de Dilma nas eleições foi confirmada, liguei para a presidente, dei-lhe os parabéns e disse que estava saindo. Foi uma conversa longa e ríspida. Ela pediu que eu esperasse sua volta do descanso, na Bahia. Quando voltou, fui conversar com ela, que me pediu que esperasse de novo, até seu retorno da Austrália, em 18 de novembro. Concordei. Qual não foi minha surpresa quando, de volta ao ministério (da Cultura), minha chefe de gabinete avisou que haviam ligado da Casa Civil, por parte do ministro Aloizio Mercadante, pedindo a carta de demissão de todos os ministros. Obviamente ele estava querendo aguardar minha saída, para que ela não fosse entendida como na realidade era, um gesto político. Imediatamente pedi à minha chefe de gabinete que protocolasse minha carta de demissão, que estava pronta, no Palácio do Planalto.

Como era despachar com a presidente Dilma? Até eu começar o “Volta, Lula”, foi agradabilíssimo. Ela é uma pessoa muito culta. Tem uma vasta cultura, é muito agradável para conversar. Lê muito, entende muito de arte, de teatro,

conhece profundamente vários museus. Depois do “Volta, Lula”, ela passou a implicar com tudo.

A senhora fala como se o governo Lula fosse completamente diferente, mas os dois grandes escândalos, o mensalão e o petróleo, floresceram nos mandatos dele. As máculas éticas do PT não pertencem tanto a ele quanto a ela? É difícil apontar a responsabilidade de cada um, e não compete a mim fazer essa afirmação. Não posso afirmar se Dilma ou Lula sabiam da corrupção. Eles tanto poderiam quanto não poderiam saber, mas, repito, não compete a mim esse julgamento. No caso do governo Dilma ficam evidentes os gigantescos prejuízos ao Brasil provocados pela má gestão. E não só por ela. Mas pelo intervencionismo e pelo autoritarismo. Quem se sente dono da verdade não escuta. Não escutar é mortal. Você pode discordar, mas tem de ouvir.

É ruim também pelo fato de ter uma mulher na Presidência e que não deu certo? Eu sou uma feminista desde o começo. Sempre achei que uma mulher na Presidência faria muita diferença. Ainda acho. Mas a questão principal é que o temperamento deixou o gênero em segundo plano. A sensibilidade do gênero feminino faz a diferença na hora de governar. São séculos e séculos cuidando de crianças, dos velhos e dos doentes. A Dilma tem essa sensibilidade, mas o temperamento prevaleceu sobre ela.

Qual a sua visão sobre o impeachment? Sou contra, não vejo nenhum fato objetivo para buscar essa saída.

Para qual partido a senhora vai? Quando estava amadurecendo a ideia de deixar o PT, fui procurada por uma frente formada por PSB, PP, PPS, PV e Solidariedade. Agora, também comecei conversas com o PDT. Vários outros partidos me procuraram. O martelo ainda não está batido, mas é com PSB que as conversas estão mais avançadas.

Mas esses outros partidos não têm, talvez, os mesmos problemas que a senhora

“Toda mulher tem o direito de se separar quando não ama mais, quando ama outro. Quando me separei, deveria ter colocado esse direito como qualquer mulher do século XXI. Mas a culpa não me permitiu. Paguei o preço, enorme”

vê no PT? Não tenho mais 30 anos, tenho 70. Não vivo mais de ilusões. Sou uma pessoa bastante machucada por toda a experiência partidária, por um sonho destruído. Vou procurar um partido no qual possa realizar meu projeto de nação.

A procura começa como candidata à prefeitura de São Paulo em 2016? Não estou saindo do PT porque quero ser candidata. Mas, para quem foi prefeita de São Paulo e ama sua cidade, é inescapável interessar-se de perto por todas as questões que dizem respeito ao cotidiano dos paulistanos. É inescapável não conseguir ficar calada vendo tanta coisa malfeita e prioridades erradas. O prefeito tem de energizar a cidade inteira, o que não vejo o atual prefeito fazer. Haddad é fraco. Eu tinha, em valores de hoje, 30 bilhões de reais de orçamento. Ele tem 51 bilhões. Qual a marca dele? Ciclovia? É muito óbvio. Todo mundo é a favor de bicicleta, mas isso não é solução para uma megalópole.

A senhora julga que foi uma boa prefeita, de 2001 a 2004, em São Paulo? Criei o Bilhete Único, os CEUs, escolas de periferia com piscinas e teatros de qualidade. Minhas amigas me diziam que suas empregadas me adoravam e

elas mesmas não entendiam muito por quê. A resposta era porque eu me dediquei mesmo com mais afinco a melhorar a vida de quem mais precisava.

Mesmo assim a senhora não foi reeleita. Por quê? Meu grande erro foi achar que ia conseguir fazer tudo em quatro anos. A cidade tem pressa e eu também. No final do mandato fiz obras urbanas que, reconheço, foram um martírio para muitos paulistanos. Isso atrapalhou minha reeleição. Deveria ter feito essas obras com mais calma, ocasionando menos transtorno.

Por que várias bandeiras históricas que a senhora, pioneiramente, empunhou — por exemplo, a legitimação do casamento gay — não são viáveis no Congresso? Acho que as pessoas se chocam com as coisas erradas. Veja o caso da novela *Babilônia*. No primeiro capítulo, teve o beijo das lésbicas, achei interessante. Em seguida, a vilã, Gloria Pires, deu um tiro a sangue-frio no motorista. Depois, uma outra começou a achacar alguém. Ninguém se chocou com a exibição desses crimes. O beijo das mulheres chocou. Que visão de mundo isso revela? Revela que achamos normal a corrupção e o assassinato, mas reagimos contra uma manifestação de amor.

Quanto sua separação de Eduardo Suplicy influiu na sua vida política? Alguns me viram como uma pessoa má por ter me separado do Eduardo. Em parte, fui responsável. Eu me sentia tão culpada que não tive condição de fazer minha defesa. Quando não se ama mais alguém, a separação é a saída natural. Eu me apaixonei por outra pessoa, não tive medo, paguei o preço, que foi enorme. Ainda por cima era um argentino. O Eduardo se colocou publicamente como vítima em uma situação em que não há vítimas nem algozes. Separei-me do argentino. Não o amava mais. Depois conheci o Márcio (*Toledo*), que é uma coisa muito boa na minha vida.

Pessoas públicas têm direito à privacidade? Ter a privacidade devassada é inerente à política. Quem não quer pagar esse preço não deve entrar. ■



Pedestre, use sua faixa.



AVENTURAS
E TENDÊNCIAS 4X4
BAIXE GRATUITAMENTE
O APLICATIVO
VIA APP STORE OU
GOOGLE PLAY

A PARTIR DE
R\$ 67.990,*
À VISTA (FRETE INCLUSO)

Preço válido até 1/5/2015, limitado a 2 unidades por concessionária. *Valor à vista de tabela do veículo Lancer Sedan 2.0 L mecânico ano 2015/modelo 2015: R\$ 67.990,00.



*O design
que você
sempre
quis ver em
um carro.
Ou melhor,
no seu
carro.*



LANCER
G SEDAN COM DESIGN MITSUBISHI



**Luft****Lya**

Tempos sombrios

A grande nau chamada Brasil andou à deriva, girou em redemoinhos, perdeu-se por falta de um timoneiro experiente e firme, inclinou-se para os lados, sofreu com divergências na tripulação, e os pobres passageiros, chamados “o povo”, cada vez mais aturidos. Ansiosos, sem nada entender, sem ter a quem de verdade recorrer, de repente se encontram numa falsa calmaria. A nau encalhou entre pedras brutas e agora a cerca um denso nevoeiro. Fechado, estranho e ameaçador, ele nos recobre e nos deixa irados, assustados ou desanimados. A quem precisamos atingir, abalar, chamar à razão, conclamar para que cumpra suas funções imediatamente e coloque o país de novo em uma rota confiável, respeitável, positiva? Os inimagináveis desastres do governo nos últimos anos trouxeram até aqui esta nau antes admirada, hoje objeto de espanto, dúvidas ou chacota nos grandes países: quem somos nós, o que nos tornamos, ou melhor, o que fizeram e estão fazendo de nós?

“Anda tudo muito estranho, disse outro dia um ministro do Supremo, comentando que de repente o não dito fica pelo dito, e vice-versa. Estamos todos perplexos. Tudo é imprevisível”

Quem parecia excessivamente autoritário já não manda; quem parecia adversário ganha as rédeas nas mãos; quem deveria ser atendido, isto é, nós, o povo, continua sendo ludibriado, maltratado, objeto de falácias, de grandes frases ou minúsculas ações logo esvaziadas, que não funcionam, como nada funciona direito.

Anda tudo muito estranho, disse outro dia um ministro do Supremo, comentando que de repente o não dito fica pelo dito, e vice-versa; o que era errado está certo, e vice-versa. Em resumo, estamos todos perplexos. Tudo é imprevisível, tudo é possível, tudo é enganoso, nada de eficaz acontece. Exceto os escorchantes aumentos de preços e de impostos, de obrigações: cada um de nós, com a conta de luz, o preço do supermercado, da escola, do se-

guro-saúde, da gasolina, paga a conta desse vergonhoso desastre, acrescido do desemprego que começa a se avolumar assustadoramente. E nos pedem compreensão, paciência. Os preços não esperam, nem o governo pode esperar: precisa que tapemos com nosso sacrifício os buracos que abriu.

Mas não fomos nós — os cidadãos esgotados no trabalho, suados nos ônibus, aguardando por meses, anos um tratamento de saúde que teria de ser imediato e bom, nós que não temos escola decente para os filhos e vemos toda uma infraestrutura se esfacelando dia a dia, nós que só obtemos respostas grandiloquentes sobre projetos faraônicos inacabados, PACs e PECs falhados tão logo surgem — que causamos esse desastre ainda sem contornos claros. E as fortunas de nossos impostos, onde foram parar?

Subimos ao convés desta grande nau, buscando alguma paisagem que faça sentido; vemos nevoeiro, escutamos vozes desconexas, sussurros suspeitos, grunhidos repulsivos ou rosnados ameaçadores: onde, quem, como, quando? Muitos líderes hesitam, ouvimos conselhos de prudência e moderação, rouba-se o ímpeto das necessárias, legais e pacíficas manifestações.

Não há praticamente partidos, portanto não há orientação, negociam-se cargos como num mercado persa. Adoecemos de uma confusão generalizada, o desemprego e a miséria crescem, e com eles o desânimo e o medo; estamos quase numa guerra civil; o narcotráfico impera; bandos de jovens vagam pelas ruas sem escola, sem esporte, sem orientação; detentos perigosos soltos voltam a matar, adolescentes assassinos fogem a tentativas irreais de “socialização” e livremente estupram, roubam, matam, dizendo “matei porque quis”.

Quem cuida das famílias desesperadas dos inocentes mortos? Brada-se em favor das famílias dos bandidos presos, o que é justo, mas nós, que cumprimos as leis, que produzimos bens, que tentamos levar à frente este sofrido navio encalhado, por nós quem batalha nesta confusa guerra por mais e mais poder, mais e mais dinheiro, mais e mais imposição de ideologias tantas vezes tacanhas?

Não tenho as respostas, mas tenho todas as aflições nesta coluna, onde me sinto na obrigação de falar pelos que não têm vez nem voz. Não posso, não devo, também eu, colorir hipocritamente a falsa calmaria destes tempos sombrios.



LYA LUFT
é escritora

ILUSTRAÇÃO: ATÔMICA STUDIO

AIRFRANCE



FRANCE IS IN THE AIR



CONFORTO DESLUMBRANTE

Novo assento Business totalmente reclinável: descubra o conforto de uma cama totalmente horizontal e de serviços excepcionais.

AIRFRANCE KLM

Sendo instalado gradualmente em parte da frota de Boeings 777, para voos de longa distância.

AIRFRANCE.COM.BR

Conselho Editorial: Victor Civita Neto (Presidente), Thomaz Souto Corrêa (Vice-Presidente), Eurípedes Alcântara, Giancarlo Civita, José Roberto Guzzo

Presidente Abril Mídia: Giancarlo Civita

Presidente Editora Abril: Alexandre Caldini

Diretor-Superintendente de Assinaturas: Dimas Mietto

Diretor de Marketing Corporativo: Ricardo Packness de Almeida

Diretora de Mobilidade: Sandra Carvalho

Diretora de Publicidade Corporativa: Ivanilda Gadioli

Diretor de Apoio Editorial: Edward Pimenta

Diretor-Superintendente: Rogério Gabriel Comprido

veja

Diretor de Redação: Eurípedes Alcântara

Redatores-Chefes: Fábio Altman, Lauro Jardim, Policarpo Junior e Thaís Oyama

Editores Executivos: Diogo Xavier Schelp, Isabela Boscov, Vilma Gryzinski **Editor Especial:** André Petry **Editores:** Adriana Dias Lopes, Alexandre Salvador, Eduardo Gracioli Teixeira, Felipe Vilicic, Giuliano Guandalini, Jerônimo Teixeira, Juliana Linhares, Leonardo Coutinho, Marcelo Marthe, Okky de Souza, Pedro Dias Leite, Rinaldo Gama **Repórteres:** Alana Rizzo, Alexandre Hisayasu, Bruno Meier, Carolina Melo, Fernanda Allegretti, Jennifer Ann Thomas, Kalleo Coura, Marcelo Sakate, Mariana Barros, Natalia Cuminal, Natália Luz, Nathalia Watkins Freire, Raquel Beer, Renata Lucchesi, Sérgio Martins, Thaís Botelho **Pesquisadora:** Susana Camargo **Sucursais:** **Brasília** - **Chefe:** Policarpo Junior **Editores:** Daniel Pereira, Rodrigo Rangel **Repórteres:** Adriano Coolin, Hugo Cesar Marques, Robson Bonin **Recife** **Pieter** **Atena** **Zalis** **Rio de Janeiro** - **Chefe:** Monica Weinberg **Editora:** Malu Gaspar **Repórteres:** Cecilia Ritto, Leslie Leitão **Checadores** - **Chefe:** Rosana Agrella Silveira, Andressa Tobita, Beatriz Semprini, Bruna Marin Assunção Ferreira, Felipe Machado de Souza, Gabriel Gama, Mariana Santos Silva **Fotografia** - **Editora de Fotografia:** Gilda Castrai **Coordenador:** Ismael Carmine Canosa **Pesquisa:** Ana Paula Galisteu **Diretor de Arte:** Tadeu Nogueira **Editor Visual:** Reinaldo Antunes de Moura **Designers:** André Luis Chagas, Daniel Marucci, Douglas Bressar, Geraldo de Moura Filho, Leonardo Eichinger, Marcelo Minemoto, Marcos Vinicius Rodrigues, Mario José Carvalho, Ricardo Ferrari, Ricardo Horvat Leite **Infografistas:** Alexandre Akemann, Wander Moreira Mendes **Produção Editorial:** **Supervisores de Editoração/Revisão:** Clara Baldrati, Felice Morabito, João de Melo, Shirley Souza Sodré **Secretários de Produção:** Ana Elisa Camasmie, Andrea Caitano, Fabiana Pino, Júlio Yamamoto, Maurício Bevilacqua, Patrícia Villas Boas Cueva, Vera Fedchenko **Coordenador:** Marco Antônio Alvarez Salvador **Revisão:** André Luis Porto Araújo, Célia Regina Arruda, Denise Rocha Costa, Eduardo Perácio, Elvira Gago, Heloisa Arraes, Jennifer Janof, Lygia Roncel Ferreira, Otacilio Nunes, Rosana Tanus, Sérgio Campanella, Valquíria Della Pozza **Supervisor de Preparação Digital:** Edval Moreira Vilas Boas **Preparadores Digitais:** Aline Senna Chagas, Eduardo Frazão, Eduardo de Moraes Motta, Lincoln Franz Messias, Luiz Henrique Silva de Azevedo, Oliveira Figueiredo Jr., Ricardo Albuquerque, Roberta de Donno **Atendimento ao Leitor:** **Editor Assistente:** Eduardo Tedesco **Colaboradores:** Augusto Nunes, Claudio de Moura Castro, Geraldo Samor, Lya Luft, Mailson da Nóbrega, Reinaldo Azevedo, Ricardo Setti e Roberto Pompeu de Toledo **VEJA.COM** - **Diretor de Redação:** Carlos Gracie **Editores:** Katia Perin (chefe), Ana Clara Costa, Carolina da Gama Parina, Claudia Andrade, Daniel Jelin, Ivan Marcelo Pacheco, Jadyr Magalhães Pavão Jr., Marcos Rogério Lopes, Maria Carolina Maia, Sílvia Nascimento, Sílvia Navarro **Editores Assistentes:** Alexandre Lopes de Oliveira, Branca Nunes, Bruna Pasano, Claudia Tozetto, Diego Braga Norte, Rita de Cassia de Lóiola, Vitor Pamplona **Repórteres:** Bianca Bibiano, Daniel Haidar, Daniela Macedo dos Santos, Eduardo Gonçalves, Felipe Frazão de Queiroz, Guilherme Amado, Heitor Feitosa dos Santos, Isabella Infantine, Luis Felipe Silveira Lima, Luiz Felipe de Oliveira Castro, Meire Akemi Kusumoto, Raquel Angelo Carneiro, Ricardo Vasques Helcias, Rodrigo Antonio, Virginia Alzueta Palanghe **Editor de Arte:** Alexandre Hoshino **Analista SEO:** Adriano Ramos de Oliveira **Webmaster:** Carlos Eduardo Jorge **Webdesigners:** Andre Fuentes, Siclei Sobral **Infografista:** Adriano Pádua **Pidone Sucursais:** **Brasília** **Repórteres:** Gabriel Castro, Larissa Borges, Marcela Moura Mattos **Rio de Janeiro** - **Repórter:** Thiago Prado **Checadora:** Luisa Costa de Oliveira e Sousa **Gerente de Produto Editorial:** Mariana Colletes **Serviços Internacionais:** Alcir N. da Silva (Nova York), Rogério Altman (Paris), Associated Press/Agence France Presse/Reuters

www.veja.com

PUBLICIDADE VEJA - **Diretora de publicidade UN NOTÍCIAS E NEGÓCIOS:** Selma Souto Pequenas e Mídias VEJA - **Diretor:** William Hagopian **Executivos de negócios:** Alexandre Rezende, Ana Cristina Magalhães, Andrea Batsi, Caio Souza, Camila Polhas, Carlos Eduardo Marques, Cristiano Pessoa, Fabio Tavares Fernandes, Jacqueline Brito de S. Silva, Juliana Vicedomini, Juliane Beck, Júlio Tortorello, Luiz Carlos M. P. de Almeida, Maria Angélica C. Carvalho, Márcio Bezerra, Marcio Luis Fernandes, Rodrigo Corner Cuetano, Vanessa Aparecida Ferreira, Williams Gomes **MARKETING** - **Diretora:** Simone de Sousa **CIRCULAÇÃO** - **Gerente:** Ícaro de Freitas **EVENTOS** - **Gerente:** Carolina Fiorini **MARKETING PUBLICITÁRIO** - **Gerente:** Keila Arciprete **PUBLICIDADE REGIONAL** - **Diretor:** Jacques Ricardo **Gerentes:** Graciele Pantuzo, Ivan Rizzental, Kiko Neto, Sonia Paula, Vania Passolongo **PUBLICIDADE RJ** - **Andréa Veiga** **PUBLICIDADE INTERNACIONAL** - Alex Stevens **ASSINATURAS** - **Atendimento ao cliente:** Daniela Vada **CIRCULAÇÃO AVULSAS** - **Gerente:** Maria Helena Couto

APOIO - PLANEJAMENTO, CONTROLE E OPERAÇÕES - **Gerente:** Adriana Favilla **PROCESSOS** - **Gerente:** Ricardo Carvalho **DEDOC ABRIL PRESS:** Elenice Ferrari **PESQUISA E INTELIGÊNCIA DE MERCADO:** Andrea Costa **CIRCULAÇÃO:** Andrea Abelleira **RECURSOS HUMANOS** - Camila Moreira, Marizete Anbrun e Regina Cordeiro (Consultoria Interna), Alessandra de Castro (Desenvolvimento Organizacional), Ana Kelli (Saúde e Serviços), Márcio Nascimento (Remuneração e Benefícios)

Redação e Correspondência: Av. das Nações Unidas, 7221, 19º andar, Pinheiros, São Paulo, SP, CEP 05425-902, tel. (11) 3037-2000. Publicidade São Paulo e informações sobre representantes de publicidade no Brasil e no exterior: www.publiabril.com.br

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL: Almanaque Abril, Ana Maria, Arquitetura & Construção, Boa Forma, Capricho, Casa Claudia, Casa Claudia Luxo, Claudia, Claudia Filhos, Contigo!, Elle, Estilo, Exame, Exame PME, Guia do Estudante, Guis Quatro Rodas, Info, Men's Health, Mundo Estranho, National Geographic, Nova, Placar, Playboy, Publicações Disney, Quatro Rodas, Saúde, Superinteressante, Títil, Veja, Veja BH, Veja Brasília, Veja Itio, Veja São Paulo, Vejas Regionais, Viagem e Turismo, Vip, Você S.A., Você RH, Women's Health **Fundação Victor Civita:** Gestão Escolar, Nova Escola

VEJA 2425 (ISSN 0100-7122), ano 48/eº 17, **VEJA** é uma publicação semanal da Editora Abril. Edições anteriores: Venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **VEJA** não admite publicidade redacional.

***VEJA** is published weekly by EDITORA ABRIL. A yearly subscription abroad costs US\$ 454,59, except for Europe, where the subscription costs US\$ 334,34. To subscribe, visit our website: www.assineabril.com.br and click on "Assinatura Internacional".

IMPRESSA NA ABRIL: GRÁFICA Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, CEP 02909-900, Freguesia do Ó, São Paulo, SP

IVC

FIPP

ANER

SIP



Abril MÍDIA S.A.

Presidente: Giancarlo Civita

Diretor de Finanças e Gestão: Fábio Petrossi Gallo

Diretor-Superintendente da Gráfica: Eduardo Costa

Diretora Corporativa de RH: Claudia Ribeiro

Diretor Corporativo de TI: Cláudio Prado

Conselho de Administração: Giancarlo Civita (Presidente), Andre Coetzee, Hein Brand, Roberta Anamaria Civita, Victor Civita Neto

www.abril.com.br

veja

Às Suas Ordens

ASSINATURAS

Vendas

Internet: www.assineabril.com

• Ligue grátis: 0800-7752828

• Grande São Paulo:

(11) 3347-2121

De segunda a sexta, das 8h às 22h. Sábado, das 9h às 16h.

Vendas Corporativas, Projetos Especiais e Vendas em Lote

assinaturacorporativa@abril.com.br

Serviço de Atendimento ao Cliente (SAC) (Consultar dados da sua assinatura, comunicar alteração de endereço, tirar dúvidas sobre pagamento ou entrega, renovação e outros serviços)

Internet: www.abrilsac.com

• Ligue grátis: 0800-7752112

• Grande São Paulo:

(11) 5087-2112

De segunda a sexta, das 8h às 22h.

Saiba como baixar a VEJA Digital, acesse www.assineabril.com.br/passoapassodigital

EDIÇÕES ANTERIORES

Venda exclusiva em bancas, pelo preço de capa vigente. Solicite seu exemplar na banca mais próxima de você.

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO

Para adquirir os direitos de reprodução de textos e imagens de VEJA, acesse:

www.conteudoexpresso.com.br

ou ligue para: (11) 3089-8853.

PARA ANUNCIAR

ligue (11) 3037-5748/4610

e-mail: publicidade.veja@abril.com.br

PROGRAMA VEJA NA SALA DE AULA

Para conhecer melhor:

www.veja.com.br/saladeaula

Para assinar

ligue grátis:

0800-7752828

Grande São Paulo:

(11) 3347-2121

De segunda

a sexta, das 8 às 20 horas.

Sábado, das 9 às 16 horas.

NA INTERNET

<http://www.veja.com>



TRABALHE CONOSCO

www.abril.com.br/trabalheconosco



decolar.com

#VocêPode

OPERAÇÃO
**PONTO
VERMELHO**

**VIAJE COM
MAIS ECONOMIA!
CONFIRA!**



COMPRE PELO SMARTPHONE E TABLET!

**PASSAGEM
RIO DE JANEIRO**

a partir de **R\$ 78** ⁽¹⁾ **TAM**

**PASSAGEM
BRASÍLIA**

a partir de **R\$ 89** ⁽¹⁾ **TAM**

**PASSAGEM
MIAMI**

a partir de **ENTRADA + 4X R\$ 318** ⁽²⁾ **TAM**
VALOR TOTAL: R\$ 1.586/US\$ 525

**HOTEL ★★★★★
BUENOS AIRES**
HOWARD JOHNSON PLAZA FLORIDA STREET

a partir de **R\$ 106** ⁽³⁾ **FERIADO DO TRABALHO**
US\$ 35
CAFÉ DA MANHÃ (cop) WI-FI

**HOTEL ★★★★★
PUNTA CANA**
CARIBE CLUB PRINCESS BEACH HOTEL

a partir de **R\$ 208** ⁽³⁾ **US\$ 69**
TUDO INCLUSO SPA (cop) WI-FI

**TICKET
WALT DISNEY WORLD**
INGRESSOS 4 DIAS + 1 DIA LIVRE

a partir de **6X R\$ 170** ⁽⁴⁾
PREÇO MAIS BARATO QUE NA BILHETERIA
POR PESSOA
VALOR TOTAL: R\$ 1.020

EM ATÉ 6X SEM JUROS CORRA E APROVEITE



**LÍDER!
MUNDIAL!**

(1) Passagens aéreas nacionais: os valores apresentados são por pessoa, somente de ida, podendo ser com saída de São Paulo ou Campinas, dependendo da companhia aérea, não incluem taxas de embarque e/ou impostos e taxa de serviço, as quais serão inseridas no momento da compra, e são sempre "a partir de". Válidas para embarques na baixa temporada. Destinos Rio de Janeiro e Brasília são operados pela Tam Linhas Aéreas. Forma de pagamento: em até 6x sem juros nos cartões de crédito Visa, MasterCard e Amex. Parcela mínima de R\$ 35,00. Válido para compras até 03/05/2015, com antecedência de até 60 dias. Permanência mínima de 2 dias ou um sábado no destino. OBRIGATORIA compra de ida e volta. (2) Passagem aérea internacional: o valor apresentado é por pessoa, de ida e volta, com saída de São Paulo, não inclui taxas de embarque e/ou impostos e taxa de serviço, as quais serão inseridas no momento da compra, está sujeito a variação sem prévio aviso de acordo com a companhia aérea e é sempre "a partir de". O valor da entrada corresponderá à primeira parcela da tarifa acrescida das taxas de embarque e/ou impostos e taxa de serviço. Destino Miami é operado pela Tam Linhas Aéreas e, como forma de pagamento, são aceitos os cartões de crédito Visa, Amex e Mastercard. Válido para compras até 03/05/2015, com retornos até 31/12/2015. (3) Hotéis: os valores apresentados são por pessoa, em acomodação dupla, não incluem taxas e impostos e são sempre "a partir de". Ofertas válidas até 29/04/2015. Hotel Buenos Aires, hospedagem válida de 06/04/2015 a 15/05/2015, incluindo feriado 1º de maio. Hotel Punta Cana, hospedagem válida de 15/04/2015 a 30/05/2015. Datas de hospedagens, alterações e ofertas sujeitas a disponibilidade de lugares no ato da reserva do hotel sem aviso prévio. Pagamento em até 6x sem juros válido apenas para os cartões MasterCard e American Express e com juros nos cartões de crédito Visa e Dinners. A possibilidade de parcelamento em até 6x sem juros está disponível no site e é limitada a alguns hotéis. (4) Ticket: o valor apresentado é por pessoa. As tarifas estão sujeitas a disponibilidade de lugares no ato da reserva sem aviso prévio. Valor referente a ingresso que permite entrada em qualquer um dos 4 parques temáticos do complexo (Epcot, Animal Kingdom, Hollywood Studios e Magic Kingdom) por 4 dias + 1 dia livre. Os ingressos não tem data de validade e podem ser utilizados em qualquer momento dentro de um período de 14 dias consecutivos após a primeira visita ao parque. Forma de pagamento: em até 6x sem juros nos cartões de crédito Dinners, Visa, MasterCard e Amex. Valores anunciados "a partir de". Preços anunciados em reais convertidos ao câmbio referencial de US\$ 1,00 = R\$ 3,02, para passagem, do dia 17/04/2015, e de US\$ 1,00 = R\$ 3,02, para hotel, do dia 16/04/2015, e serão convertidos com base no câmbio do dia do fechamento da compra. Preços e condições sujeitos a disponibilidade e alterações sem aviso prévio, de acordo com os assentos promocionais nos voos, podendo, ainda, mudar segundo a data de saída, que é determinada exclusivamente por cada companhia aérea ou hotel. Demais regras, formas de pagamento, condições para reembolso e cancelamento, consultar o site ou nossa central de atendimento. Ofertas válidas somente na data da publicação. Fotos e datas do buscador meramente ilustrativas.



Imagens meramente ilustrativas.

A linha de caminhões TGX, testada e aprovada pelos frotistas, ganhou um reforço de peso: novo **MAN TGX 29.480.**

- Mais força para subidas e mais segurança nas descidas.
- Maior velocidade média com menor consumo de combustível.
- Duas opções de cabine: leito teto alto e leito teto baixo.
- Maior potência e torque.
- PBTC de até 74 t.
- Ampla Rede de Concessionárias, com os melhores serviços de pós-venda.

MAN TGX. Tecnologia, eficiência e conforto nunca estiveram tão juntos.

EU ADOTO MAN TEX PORQUE,
MUITO DE ECONÔMICO, ELE TEM
MELHOR PÓS-VENDA DO BRASIL.

NIREU JORGE PELIZON - PROPRIETÁRIO DA TRANS TETO

Todos juntos fazem um trânsito melhor.



João Vaccari Neto e o PT

Sobre a reportagem “O homem dos presidentes” (22 de abril), cheguei à conclusão de que o PT é a Estrela da Morte do filme *Guerra nas Estrelas*. Ela paira sobre a democracia brasileira como uma grande ameaça. Sabemos onde ela está e o mal que representa. Mas, como a justiça sempre triunfa, Sergio Moro “Skywalker”, a bordo da nave Operação Lava-Jato, achará o ponto vulnerável da Estrela da Morte e a implodirá.

JOSÉ BALAN FILHO

Curitiba, PR

A busca pela integridade moral trouxe o PT ao poder em 2002. Uma das bandeiras empunhadas era a luta contra a corrupção, uma das bases históricas para continuarmos sendo “o país do futuro”. Crescimento econômico sustentado? Ainda parece uma utopia. O partido aperfeiçoou o que criticava — queria a corrupção institucionalizada, e perpétua, a todo custo. Mas parece (para nossa sorte) que um sopro de lucidez avança sobre a nossa sociedade.

VALQUIR SILVA DOS SANTOS

Manaus (AM), via tablet

“Tirar Vaccari do caixa do PT é trocar seis por meia dúzia. O seguinte também é vinho da mesma pipa.”

CURT HEISE

Blumenau, SC

Fim da bonança petista

Até ser preso pela Polícia Federal recentemente, o então tesoureiro petista João Vaccari Neto (foto) era um operador a serviço das campanhas do ex-presidente Lula e da presidente Dilma. Agora sob investigação, Vaccari tende a aumentar o desgaste da imagem do governo, do PT e de seus líderes

O PT se esfacelou, mas a ganância e a dissimulação dos petistas deixarão uma herança maldita sem precedentes, economicamente de difícil reparação e moralmente indelével.

ADALBERTO ALVES DE MATOS

Barra do Garças, MT



O câncer da corrupção no governo do PT está em estado terminal de tal forma que o partido começa a perder militantes, não por vergonha do que seus dirigentes e expoentes fazem, mas por medo de perderem as próximas eleições. Acho vergonhoso isso.

JOSÉ COSTA DE PAULA

Duque de Caxias (RJ), via tablet

Impeachment

O senador Aécio Neves e o PSDB estão corretos em apoiar o impeachment de Dilma Rousseff, porque esse governo não tem mais condições de continuar (“Os tucanos sobem o tom”, 22 de abril). Não há mais apoio suficiente para a governabilidade, devido aos graves erros de percurso, acentuados pelo fato de o PT estar no poder há doze anos e pouco ter feito. Os poucos avanços se devem graças à estabilidade conquistada após o Plano Real, de Itamar Franco e Fernando Henrique Cardoso, e à garra dos empresários, produtores rurais e trabalhadores brasileiros. Nas condições atuais, não há como governar. O Brasil tem pressa porque seus muitos problemas são graves. É semelhante ao que ocorre em uma empresa: se o presidente já não consegue comandá-la e começa a atrapalhar, os acionistas o dispensam, para a continuidade dos negócios.

PEDRO RONALDO PEREIRA

Florianópolis, SC

Os tucanos cometem um grande erro ao propor o impeachment da presidente Dilma Rousseff. De ré, Dilma passa à condição de vítima “da elite e



LUCIANA
GIMENEZ

GOL+ Conveniência:
agora, após fazer
o seu check-in
pelo aplicativo
da GOL, você
recebe notificações
do seu trajeto
até o aeroporto
e fica sabendo
se chegará
a tempo
do embarque.

Passagens a partir de 5x

R\$ 15,¹⁸

R\$ 75,90 à vista ou **5.000** milhas por trecho

Acesse voegol.com.br
ou consulte seu agente de viagens.

Voe do seu jeito. Voe GOL.

Termos e Condições. Tarifa: Família Programada. Antecedência de compra: mínimo de 28 dias da data do voo. Não é válido para compras em lojas de aeroportos. Tarifas sujeitas à disponibilidade de assentos na aeronave e sujeitas a alterações sem prévio aviso. Quantidade mínima por trecho: 10 assentos. Para mais informações, consultar o site www.voegol.com.br. Sobre a funcionalidade de geolocalização, acesse www.voegol.com.br. Poderá haver diferença tarifária.

GOL

Linhas aéreas inteligentes

www.voegol.com.br

Leitor

dos golpistas" — isso é um prato feito para Lula, cuja estrela apagada pode brilhar, com chances em 2018.

JOSÉ MEIRELLES
São Paulo, SP

O desastroso governo Dilma perdeu a referência, a credibilidade e se acha sem idoneidade moral.

OSVALDO ALVES FONTENELLE
Goiânia, GO

Kátia Abreu

A entrevista com a ministra da Agricultura, Kátia Abreu ("A saída é pelo campo", 22 de abril), é enriquecedora no complexo momento que o Brasil atravessa. Quando ela afirma que "os problemas de infraestrutura que emperram o setor (agronegócio) podem ser resolvidos em cinco anos", vem automaticamente a constatação: no momento em que a sociedade brasileira é convocada a "salvar" o país e atingir o equilíbrio econômico, falar em cinco anos parece tempo demais. Afinal, vemos o mesmo governo gastar deliberadamente com benesses caríssimas em investimentos de infraestrutura em Cuba e na Venezuela.

OSNY MARTINS
Joinville, SC

Quando exerci a função de côsul-geral honorário do Japão em Salvador, ouvi no Palácio da Associação Comercial da Bahia uma excelente palestra da então presidente da Confederação Nacional da Agricultura, que muito esclarecia acerca de agronegócio, logística e reforma agrária. Naquela palestra, e nesta entrevista a VEJA, é possível perceber o espírito empreendedor do grande Bernardo Sayão, braço forte do governo JK na construção de Brasília. Oxalá a competência, coragem e determinação da ministra Kátia Abreu possam realizar seu desejo, que é o de todos os brasileiros, de ver nossa pátria livre da crise moral e financeira que ora estamos enfrentando.

EMILTON MOREIRA ROSA
Salvador, BA

De fato, a saída para o Brasil é o campo. A condução desse processo está em boas mãos: as da ministra Kátia Abreu — mulher competente, gestora de primeira linha, correta em suas atitudes. Sua história

a credencia, e a entrevista é um retrato sincero de suas boas intenções.

OMAR ANTONIO HENNEMANN
Superintendente do Sebrae/TO
Por e-mail, via smartphone

Fiquei impressionada ao ler a entrevista de Kátia Abreu a VEJA. Além de ter uma história exemplar de conquistas, e ser uma grande representante feminina, a ministra da Agricultura tem atitudes que não apenas mostram competência, mas também nos motivam a continuar lutando pelo Brasil.

MARIA VITORIA PESSOA
Curitiba, PR

Uma grata surpresa a entrevista com a ministra Kátia Abreu. Já a admirava como senadora atuante na defesa do agronegócio, e agora ela se apresenta como uma gestora com ideias inteligentes e inovadoras para transformar o Brasil numa nação produtora de alimentos para o mundo.

PAULO MOLINA PRATES
Brasília, DF

Não consegui ver nada de inovador na gestão do Ministério, a não ser a contratação do "amigo" para chefe de cerimonial, com salário de 4 000 reais e já com expectativa de aumento. Uma vez político, sempre político!

SÔNIA CARVALHO
Rio de Janeiro (RJ), via smartphone

Cético com relação a entrevistas de políticos e ministros, decidi ler as Amarelas com a ministra da Agricultura, Kátia Abreu. Não precisei ir muito longe. O fato de ela ter contratado um cabeleireiro para o cerimonial por 4 000 reais mensais, e estar esperando que ele melhore a performance para aumentar seu salário, foi a gota d'água. Estão jogando o nosso dinheiro no lixo. Trabalhei por cinco anos na embaixada do Brasil em Washington-DC, nos Estados Unidos, e por três anos e oito meses como mordomo de um ex-presidente. Entre um cabeleireiro e um profissional de relações públicas, há uma universidade, experiência e conhecimento. Apadrinhamento e amizade ferem a ética na contratação para o serviço público. Kátia Abreu, amiga de Dilma, repete o processo que culminou com sua nomeação.

CARLOS ALBERTO LIMA
Florianópolis, SC

Cartas a Ricardo Pessoa

Com relação às cartas enviadas ao empreiteiro preso Ricardo Pessoa ("O que é, o que é...", 22 de abril), creio que ele está sendo pressionado para delatar o suposto chefe da máfia. Vá em frente, corruptor-corrupto! Porém, se não for você, fatalmente serão outras pessoas que o delatarão. A história nos prova que a esmagadora maioria de mafiosos e criminosos organizados de vários países saiu do "pedestal" um dia. É só uma questão de tempo.

JOSÉ VICENTE BITTENCOURT
Nova Esperança, PR

J.R. Guzzo

Excelente o artigo "Nós' somos só isso" (22 de abril), de J.R. Guzzo, sobre as manifestações e a insuficiência do clássico discurso de Lula. É lamentável observar que a solidez econômica do Brasil, que foi duramente alcançada durante anos, está se dissolvendo nas mãos do PT. A péssima administração petista ao menos apresentou um lado bom: o país que Lula dividiu entre "Nós' e eles" sentiu a necessidade de se unir novamente. Que essa união permaneça suficientemente forte para lutar contra os poucos que se negam a sair da "turma" da corrupção.

RODRIGO GUIMARÃES FURTADO
Curitiba (PR), via smartphone

Tem absoluta razão J.R. Guzzo quando afirma que "nem Lula, nem Dilma, nem Vaccari são capazes de entregar" ao Brasil sério o que as massas que têm ido às ruas querem. Eles não têm mesmo essa capacidade porque o que esse Brasil de verdade quer — e esse Brasil é maioria — é um país livre da bandalheira e da corrupção. O Brasil quer ver na sua administração ética, justiça, honestidade e honradez. Esse Brasil está dizendo em alto e bom som: basta de corrupção, basta de mentiras deslavadas, basta de políticos descompromissados com a verdade e com a postura serena e justa para a recuperação de nosso orgulho nacional.

MANOEL SOARES FILHO
Natal, RN

Novo ministro do STF

Quando Joaquim Barbosa foi nomeado ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), ele tinha currículo e mostrou caráter trabalhando. Vamos torcer para que Luiz Edson Fachin faça o mesmo ("O jurista que 'tem lado'", 22 de abril). Os brasileiros agradecem.

ATARCISIO PENA
Belo Horizonte (MG), via smartphone

Educação dos filhos

Parabenizo a jornalista Natalia Cuminale e a revista VEJA pela entrevista com o renomado psiquiatra americano Daniel Siegel ("A difícil arte de educar os filhos", 22 de abril). Sou pediatra e serei pai pela primeira vez dentro de quatro semanas, e entender o comportamento dos filhos para melhor educá-los sempre será a estratégia acertada. Não confundir disciplina com punição realmente é muito difícil, mas com amor e dedicação não é impossível. Ao estabelecermos bases éticas e morais aos nossos filhos, durante a sua criação, praticamente garantimos que sejam cidadãos com caráter.

MARCONE DE SOUZA OLIVEIRA
Ipatinga, MG

Educar é uma das atividades mais desafiadoras para nós, pais. Achei excelente a entrevista com o psiquiatra americano Daniel Siegel, e já praticamos, eu e minha esposa, boa parte das orientações sugeridas. A entrevista serve como guia para os jovens pais e para aqueles com filhos de temperamento difícil. Imperdível!

DELANE BARROS
Maceió (AL), via tablet

Beleza

Quando tudo se apresenta muito feio no Brasil, vem VEJA falar de beleza ("O que restou da beleza", 22 de abril). VEJA, muito obrigado pelo respiro! Gregos, muito obrigado pelas referências! Vai dar tudo certo, e tudo ficará belo. Paciência e beleza para todos nós!

CLAUDIO FERREIRA
São Paulo (SP), via tablet

PARA SE CORRESPONDER COM A REDAÇÃO DE VEJA: as cartas para VEJA devem trazer a assinatura, o endereço, o número da cédula de identidade e o telefone do autor. Enviar para: **Diretor de Redação, VEJA** — Caixa Postal 11079 — CEP 05422-970 — São Paulo — SP; **Fax:** (11) 3037-5638; e-mail: **veja@abril.com.br**. Por motivos de espaço ou clareza, as cartas poderão ser publicadas resumidamente. Só poderão ser publicadas na edição imediatamente seguinte as cartas que chegarem à redação até a quarta-feira de cada semana.

Com a
DelRio
todos
os anjos
são azuis.



#euqueroocuposso
A atriz Bruna Linzmeyer
usa DelRio.

lingerie
DelRio®

www.delrio.com.br

f/ModaDelRio

SAMSUNG STORE

Viva a experiência Samsung

O LANÇAMENTO MAIS ESPERADO DO ANO NA SAMSUNG STORE.



Seu celular usado,
de qualquer marca*,
vale até **R\$ 1.700,00****
+ **R\$ 200***** de bônus
na compra do seu
GALAXY S6.

multiplus

A compra do seu
GALAXY S6
vale **5 MIL** pontos****.

**PARCELE
O SEU
GALAXY S6**

Consulte as
condições na loja*****.

PRODUZIDO NO
POLO INDUSTRIAL
DE MANAUS
CONHEÇA A AMAZÔNIA

Saiba mais em www.samsung.com.br/lojas

*As marcas participantes são: Apple, BlackBerry, LG, Motorola, Nokia, Samsung e Sony. O valor do aparelho usado só poderá ser utilizado como vale-compra de um único novo aparelho Samsung participante da promoção, na mesma loja em que foi vendido e na mesma data. Consulte o regulamento e a lista geral dos aparelhos participantes elegíveis para troca e que poderão ser trocados em trocafone.com/tradeingalaxy. **O celular usado na troca poderá valer até R\$1.700,00 dependendo da marca e da avaliação feita na loja pela Trocafone. Caso o valor do vale-compra exceda o valor do novo aparelho Samsung escolhido, o valor remanescente do vale-compra não poderá ser usado na compra de outro item da loja ou convertido em dinheiro. Confira as lojas participantes em http://ofertas.trocafone.com/tradeingalaxy/GalaxyS6_TradeIn.pdf. Os modelos participantes podem mudar sem aviso prévio. Promoção válida de 25/4/2015 a 31/12/2015 nas lojas Samsung participantes. Aparelhos sujeitos a disponibilidade de estoque na loja. ***Após o valor final do celular usado, a SAMSUNG concederá um desconto no valor de R\$ 200,00 apenas para a troca do celular usado pelo Galaxy S6, na data da compra e na loja em que o produto foi trocado. Promoção válida a partir do dia 25/4/2015, limitada a 864 descontos distribuídos entre as lojas participantes. ****Promoção válida de 25/4/2015 a 26/10/2015, limitada a cinquenta mil unidades. Consulte o regulamento no site: www.galaxys6multiplus.com.br. Consulte todas as regras para acúmulo e resgate de pontos Multiplus no site pontosmultiplus.com.br. *****As condições de parcelamento podem variar de acordo com a loja participante.

SAMSUNG Galaxy S6 | S6 edge

O NOVO COMEÇA AGORA



Galaxy S6
R\$ 3.299,00

Seu usado vale até
R\$ 1.700*** + R\$ 200
de bônus*** na troca

Galaxy S6 edge
R\$ 4.299,00

Seu usado vale até
R\$ 1.700*** + R\$ 200
de bônus*** na troca

■ Visite uma de nossas lojas: ■

Belém	Goiânia	Porto Velho
Belo Horizonte	João Pessoa	Recife
Brasília	Macapá	Rio Branco
Campo Grande	Maceió	Rio de Janeiro
Cuiabá	Manaus	Salvador
Curitiba	Natal	São Luís (Maranhão)
Florianópolis	Palmas	São Paulo
Fortaleza	Porto Alegre	Teresina
		Vitória

CORRA ATÉ A MAIS PRÓXIMA!
SAMSUNG



veja 29 DE ABRIL DE 2015 Panorama

Imagem da Semana

Datas ■ Conversa ■ Números ■ SobeDesce ■ Radar ■ Veja Essa



REUTERS

Bela Adormecida? Não...

A vida, a morte muitas vezes adiada e o esquife de vidro do Demônio Vermelho

■ Como já tinha sido dado por morto várias vezes, **Izzat Ibrahim Al-Duri** teve de ser submetido a teste de DNA e exposto num caixão de vidro para que seu encontro com Alá fosse comprovado. Conhecido como Demônio Vermelho por causa dos cabelos ruivos, Duri foi em vida uma praga que sobreviveu nas circunstâncias provavelmente mais extremas que um humano pode enfrentar. Sobreviveu, em pri-

meiro lugar, a seu chefe, Saddam Hussein, que, como Stalin, exterminava sobretudo os mais próximos. Agiram em conjunto desde o começo de suas carreiras extraordinariamente violentas e, durante décadas, bem-sucedidas. Como militante e carrasco do partido Baath, Duri matava inimigos no caminho da ascensão de Saddam a ditador, principalmente membros do Partido Comunista do Iraque.

No poder, continuou a matar quem o chefe mandasse e deu até a filha em casamento — misteriosamente desfeito — a um dos filhos monstros de Saddam. Derubado o tirano, Duri sobreviveu à caçada do mais poderoso Exército da história, que o colocou como rei de paus no baralho dos mais procurados, e dos inimigos internos xiitas. Com a eclosão do Estado Islâmico, aliou-se aos novos jihadistas, apesar dos conflitos estruturais: vinha de um partido laico e de uma ordem sufista chamada Naqshbandi, considerada herética, como tudo o mais, pelos ultrafun-

damentalistas. Ensinou táticas militares que ajudaram a impulsionar o espantoso avanço do Estado Islâmico. Foi morto por uma das dezenas de milícias iraquianas xiitas com as quais instrutores iranianos fazem o mesmo que Duri com os rebeldes sunitas: ensinam a matar com uma certa disciplina. Os dois lados, no momento, estão de alguma forma empatados, com vitórias que anulam derrotas e vice-versa. Fora do clã Duri e de sua ordem religiosa, ninguém teve tempo nem vontade de derramar lágrimas pelo demônio vermelho. ■

VILMA GRYZINSKI

Dia das Mães *Guarde essa* *emoção* *para sempre*

Ser mãe é um momento inesquecível da vida. Registre cada instante e garanta fotos incríveis com o máximo de qualidade usando uma Canon.



Na compra de uma
 câmera Canon,
 você ganha um
 fotolivro personalizado.

Consulte o regulamento no site
www.meufotolivrocannon.com.br.

CANONCOLLEGE
 APRENDENDO A CADA CLICK

Acesse www.canoncollege.com.br/diadasmaes
 e assista ao filme em homenagem a todas as mães.

f t y /canonbr
www.canon.com.br

Canon | O MELHOR CLICK.



Vivo Renova e Motorola.
Seu aparelho antigo
vira descontos para
você viver intensamente
na velocidade 4G.



VivoRenova

Traga seu aparelho antigo e
ganhe até R\$ 1.500 de desconto
na compra de um novo.
www.vivo.com.br/vivorenova

Telefônica

Moto X (2ª Geração) - 12x de R\$ 41,59 (à vista: R\$ 499,00) se habilitado no plano SmartVivo 6 GB com desembolso mensal de R\$ 349,99/mês. Válido para participantes. Aparelho parcelado em 12x, sem juros, válido para pagamento com cartão de crédito, sujeito a análise de crédito e permanência mínima de rede 4G, é necessário ter o plano 4G, o Chip USIM, um aparelho LTE com frequência de 2,5 GHz e estar em uma área com cobertura 4G. Após atingir o utilizado imediatamente, não pode ser utilizado para desconto em fatura, aquisição de qualquer outro produto que não seja smartphone nem revertido. Mais informações em www.vivo.com.br/vivorenova. Serviço disponível em todo o Brasil, com exceção de ES, DF e RO. Maior operadora em número de clientes



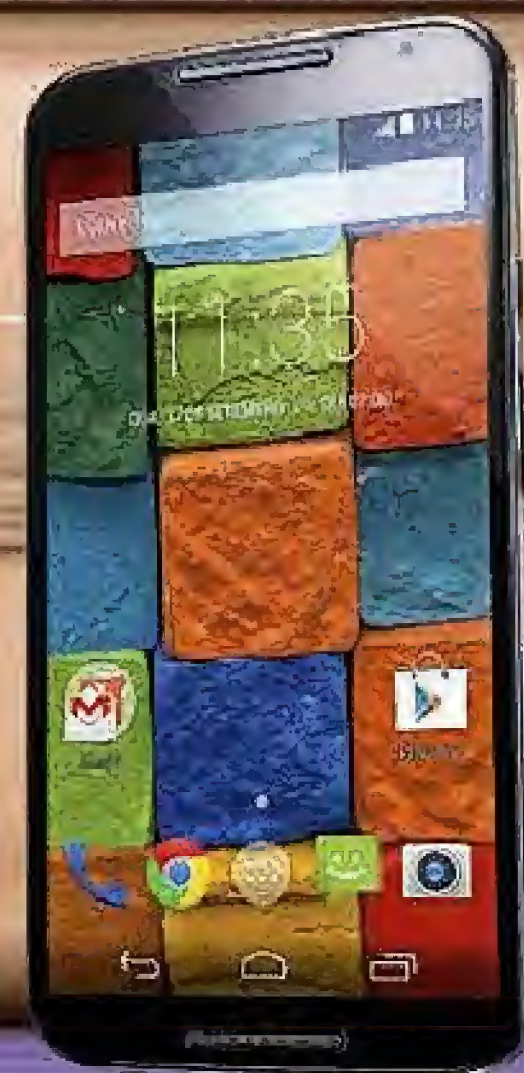
motorola

Moto X

12x de R\$42

no SmartVivo 6 GB

- Tela Full HD 5,2"
- Câmera 13 MP com captação 4K
- Memória 32 GB e processador Quad-Core 2.5GHz



AFRICA

4G



Vivo. Líder absoluta em 4G no Brasil.

vivo Conectados vivemos melhor.



clientes de outras operadoras que realizarem a portabilidade e para clientes Vivo, não fidelizados, que contratarem, ou estejam ativos em um dos planos 12 meses. Oferta válida até 11/5/2015. Oferta de aparelho e plano válida para o Estado de SP (DDD 11). Aparelhos limitados ao estoque. Para navegar na limite de dados do pacote contratado a internet é bloqueada. Valores sujeitos a alterações seguindo a legislação vigente. O desconto adquirido terá que ser em dinheiro (espécie) para os clientes, pois não haverá troca. O desconto será proporcional ao modelo e ao estado de conservação do aparelho usado. 4G conforme relatório de participação de mercado da Anatel de dezembro/2014. Mais informações em vivo.com.br. Imagens meramente ilustrativas.



Roberto Talma À frente de mais de trinta novelas da Rede Globo, além de minisséries



Claudio Cunha Dezesesseis anos no papel-título de *O Analista de Bagé* renderam menção no Guinness



Alfred Taubman Compra da casa de leilões Sotheby's com dinheiro arrecadado com a ajuda de amigos

Morreram

Roberto Talma Vieira, diretor e produtor paulistano de TV, consagrado por seu trabalho na Rede Globo, onde esteve à frente de novelas de sucesso como *Saramandaia* (1976).

Sua estreia na televisão ocorreu quando ele tinha apenas 9 anos e fazia parte de um grupo de sapateado que se apresentava no programa *A Grande Gincana Kibon*, da Record, em São Paulo. Passou pela Excelsior, Tupi e TV Rio antes de entrar para a Globo, em 1969. Lá atuou em diversos telejornais antes de ser transferido para o núcleo de dramaturgia, em 1972, ano em que codirigiu *Selva de Pedra*, ao lado de Walter Avancini. Na emissora carioca, Talma comandou mais de trinta novelas — o remake de *Gabriela* (2012) foi a derradeira —, além de minisséries como *Anos Dourados* (1986), humorísticos (*Casseta & Planeta*, *Urgente!*, de 1994), musicais e programas infanto-juvenis. Também integrou

a primeira equipe do *Fantástico* (1973) e participou da criação de *Malhação* (1995). Dia 23, aos 65 anos, de falência de múltiplos órgãos, no Rio.

Claudio Cunha, ator, diretor e produtor paulistano de teatro e cinema, famoso por interpretar, ao longo de mais de trinta anos, o personagem-título da peça *O Analista de Bagé*. Inspirado num texto de Luis Fernando Veríssimo, de 1981, que procurava retratar a personalidade do homem gaúcho, o espetáculo estreou em 1982. Dezesesseis anos mais tarde, bateu um recorde: era, então, a montagem que havia passado mais tempo em cartaz e, por isso, entrou para o *Guinness Book*. Cunha — um ex-seminarista que começara a carreira de ator na TV Excelsior, na década de 70 — foi citado como o profissional que por mais tempo interpretara um mesmo papel. Dia 20, aos 68 anos, de infarto, em Porto Alegre.

Alfred Taubman, um dos homens mais ricos dos EUA, com fortuna estimada em 3,1 bilhões de dólares, colecionador de arte, conhecido por transformar a casa de leilão Sotheby's numa potência e por popularizar os shoppings em seu país. Nascido em Michigan, estudou arquitetura em duas instituições universitárias, mas não chegou a concluir o curso em nenhuma delas. Iniciou sua trajetória de sucesso em 1950, quando pediu 5 000 dólares emprestados para construir e alugar uma loja. Dali em diante, tornou-se proprietário de cinemas, imobiliárias, prédios, lojas de departamentos e shopping centers. Em 1983, comprou a então chamada Sotheby Parke Bernet por 125 milhões de dólares, quantia que conseguiu juntar com a ajuda de amigos, como Henry Ford II. Tarimbado no varejo, modernizou o negócio, oferecendo facilidades aos clientes. Em 2002, passou nove meses e meio na prisão e

precisou pagar multa de 7,5 milhões de dólares ao ser declarado culpado de conspirar para manipulação de preços do mercado. Desde 2005 não tinha o controle da Sotheby's, vendida por 168 milhões de dólares. Dia 17, aos 91 anos, de infarto, em Michigan.

Vladimir Capella, dramaturgo, diretor e músico paulista, consagrado por sua obra voltada para o público infantil. Seu primeiro espetáculo, *Panos e Lendas* (1978), ganhou os prêmios Mambembe, Governador do Estado de São Paulo e Molière. Com as peças *Avoar* (1985) e *Antes de Ir ao Baile* (1986), Capella — nascido em São Caetano do Sul — venceu duas vezes o prêmio Apetesp. Ao longo da carreira, dirigiu ainda duas produções para adultos: *Filme Triste* (1983), de sua autoria, e *Louco Circo do Desejo* (1985), de Consuelo de Castro. Dia 21, aos 63 anos, de parada cardiorrespiratória, em São Caetano. ■




Coleção Mama

Ouro amarelo, rubis, safiras e diamantes.

Menina ou menino 10x R\$ 99 ou à vista R\$ 990 cada, sem corrente.

Separador à vista R\$ 290 cada. Consulte o valor da parcela mínima.

VIVARA
vivara.com.br



Como vai ser a vida nos próximos 50 anos?
Para o Adriano, vamos todos enxergar melhor
o que acontece de real à nossa volta.



Adriano Catanzaro
Curitiba, PR - Colagem

Vamos criar, montar, realizar esse futuro juntos. Globo. Há 50 anos, o futuro é todo dia.

Forno, fogão e um punhado de fama

Cabe mais um nas cozinhas de TV? A apresentadora acredita que sim e vai estreiar um programa de culinária junto com o marido, Alexandre Iódice. Tempero extra: ele não é apresentador e ela praticamente não come

Uma pessoa que não cozinha e parece se alimentar de nuvens tem autoridade para fazer um programa sobre comida?

Eu só ajudo. E, quando o Alexandre reclama da minha ajuda, fico de dondoca, sentada, só observando. Não entendo nada de cozinha. Não sei nem enrolar brigadeiro.

O que faz, efetivamente? Eu entrevisto convidados e, às vezes, mexo as panelas. Embora o Alê implique até com isso: diz que não sei fazer. E existe jeito para mexer panela? Não é igual a comer, quando tudo se mistura de qualquer jeito?

O que ensinou a seu marido, empresário do ramo da moda, sobre o trabalho em frente às câmeras? Se passou do ponto ou ficou ruim, não faça cara de que está bom. Assuma o erro e dê risada disso. O telespectador não é burro.

Na preparação para o programa, percebeu que, para casais em que ambos gostam de fazer comida, o segredo é ter cozinhas separadas? Claro. Temos um cozinheiro em casa e já vi que o Alexandre o proíbe de usar algumas panelas. Vamos fazer uma reforma, e cada um vai ter uma cozinha.

DAMILO BORGES/TRAATAMENTO JUIEBA DIGITAL

■ Números

45,3% dos consumidores da Região Norte do Brasil estão inadimplentes, o maior percentual do país. Na sequência, aparecem o Centro-Oeste (41,3%) e o Nordeste (38,7%), de acordo com o Serviço de Proteção ao Crédito (SPC)

4% foi o aumento no mês passado, em relação ao mesmo período de 2014, do número de consumidores com dívidas em atraso registradas pelo SPC no Nordeste e no Centro-Oeste, as maiores altas regionais

1 em cada duas dívidas dos brasileiros é com bancos. Em seguida, vêm lojas e serviços (contas de telefone, água, luz)

21 676 reais é o valor médio das dívidas



PASSADO LIGHT
"Chupava gelo e comia rúcula para não engordar"

S O B E

▲ Nasdaq

Impulsionada sobretudo pela alta de ações da Apple, a bolsa americana de tecnologia bateu o recorde de sua história, superando o pico de 2000

▲ Emprego

Pela primeira vez neste ano, o Brasil registrou mais contratações do que demissões: 19.282 novas vagas foram abertas em março

▲ Paciência

Ausente nas últimas versões do Windows, o jogo de cartas está de volta no novo sistema da Microsoft, a ser lançado em junho

D E S C E

▼ Dinamarca

Depois de dois anos seguidos no topo, o país perdeu para a Suíça o posto de o mais feliz do mundo no ranking da ONU – o Brasil subiu da 24ª para a 16ª posição

▼ FM

O sistema teve seu fim anunciado para 2017 pela Noruega. Será substituído pelo modelo digital DAB, mais barato e com melhor qualidade de som

▼ Medalha da Inconfidência

O governador Fernando Pimentel concedeu a honraria, destinada aos que prestaram "relevantes serviços a Minas Gerais", a João Pedro Stedile, que só serve à baderna

Qual o seu peso? Tenho 1,74 metro e 57 quilos. As pessoas criticam meu peso, mas ainda perderia uns quilinhos. Com 17 anos, chupava gelo e comia rúcula para não engordar. Hoje, como massa, mas malho seis vezes por semana.

Só vale resposta numérica: quantas calorias ingere por dia? Novecentas. Mas, se ganhar 2 quilos, entro na dieta das 600 até perdê-los.

O que sugeriria como prato para reconciliar um casal, instaurar a harmonia doméstica e agradar a toda a família? Para a família, feijoada; para a harmonia doméstica, uma massinha com molho de tomate — o branco engorda duas vezes mais —; e, para reconciliar um casal, steak tartare, porque é leve e dá disposição para namorar depois.

GUIA QUATRO RODAS

BRASIL 2015

EDIÇÃO ESPECIAL 50 ANOS


O MAIOR
BEST-SELLER
DE VIAGENS
DO BRASIL

O único que testa,
avalia e classifica hotéis,
restaurantes e atrações
em todo o país



JÁ NAS BANCAS!

A GENTE VAI ANTES
PARA VOCÊ IR MELHOR.

EDITORA  **Abril**

■ CONGRESSO

Sem abafa 1

Esgotou-se na Câmara a farra dos parlamentares que assinam listas de apoio à criação de CPIs e repentinamente mudam de ideia. Há duas semanas, dois deputados do PSD tentaram retirar o nome da lista que instalava uma comissão para investigar o BNDES. **Eduardo Cunha** vetou a manobra. No início do mês, movimento semelhante feito por cinco senadores do PSB e um do PP inviabilizou a criação de uma CPI no Congresso para investigar os fundos de pensão.

Sem abafa 2

Cinco CPIs funcionam atualmente na Câmara. Esse é o limite máximo de comissões que podem estar ativas na Casa pelos próximos 180 dias. Neste ano, Cunha pretende autorizar a prorrogação apenas da CPI da Petrobras e, com isso, abrir caminho para novas investigações de deputados no segundo semestre.

Porta de saída

Fernando Collor está fora dos planos do partido que será criado a partir da fusão entre PTB e DEM. A ideia é entregar o comando da nova sigla em Alagoas aos democratas e, com isso, influenciá-lo sutilmente a seguir outro rumo. O novo partido será de oposição ao governo Dilma Rousseff.



Incentivando CPIs
Cunha: deputados proibidos de recuar

SERGIO LIMA/POLEIAPRESS

■ BRASIL

Agenda secreta

Rodrigo Janot continua sem dar publicidade a seus encontros com políticos. Alimenta, assim, teorias da conspiração em gabinetes de Brasília. Em fevereiro, esteve secretamente com José Eduardo Cardozo dias antes do anúncio da lista dos envolvidos na Operação Lava-Jato. Neste mês, teve encontros não divulgados com Humberto Costa e Arthur Lira, ambos investigados no petróleo.

Imprensa amiga

A família Sarney engordou a poupança graças ao governo do Maranhão nos últimos quatro anos. Dos 15 milhões de reais investidos com publicidade institucional em jornais pelo governo Roseana Sarney, 10 milhões de reais (dois terços do total) foram destinados a *O Estado do Maranhão*, diário de sua família. O novo governador, Flávio Dino, está revendo toda a política de distribuição de verba publicitária no estado.

Seleção democrática

Uma decisão do Tribunal Regional Federal da 1ª Região acaba de eliminar as restrições criadas pelo Exército para ingresso na tropa. Desde 2005, os militares impediam candidatos com altura inferior a 1,60 metro (homens) ou 1,55 metro (mulheres). Também vetavam soldados com menos de vinte dentes naturais e portadores de doenças como aids ou sífilis. Se as novas regras não entrarem em vigor imediatamente, uma multa diária de 5 000 reais será aplicada ao Comando do Exército.

Armadilha para Moro

Chegou neste mês ao Tribunal Regional Federal da 4ª Região mais uma tentativa desesperada de melar a Operação Lava-Jato. Sem conseguirem derrubar as acusações no mérito, os advogados de empreiteiros têm como alvo agora a distribuição de processos feita na Justiça do Paraná. Em 2006, o juiz **Sérgio Moro** não obedeceu a uma determinação do TRF-4 de repassar para outra vara um procedimento que envolvia Alberto Youssef — justamente aquele que originou a investigação dos desmandos na Petrobras anos depois. No entanto, a defesa dos empreiteiros encontrou um despacho do juiz declarando-se suspeito para atuar em processos em que o doleiro estivesse implicado, por ter cuidado da sua delação premiada em 2004 no caso Banestado — que investigou remessas ilegais de recursos para o exterior.

Novos recursos Moro: advogados buscam outros argumentos para derrubar a Lava-Jato

■ ECONOMIA

Nomeação encrencada

Abílio Diniz emplacou como vice-presidente de relações institucionais da Brasil Foods um executivo com um passado controverso na Justiça. José Roberto Pernomian Rodrigues foi condenado em 2011 pela 4ª Vara Federal de São Paulo por fraudes cometidas em importação de equipamentos eletrônicos da Cisco. Mantida a punição em outras instâncias, Pernomian pode ficar impedido de seguir no cargo pela lei brasileira de sociedades anônimas.

Longe da crise

As TVs aberta e fechada conseguiram escapar da crise do ano passado. Dados do Projeto Inter-Meios, do *Meio & Mensagem*, apontam crescimento de 8,1% no investimento publicitário nas emissoras abertas em 2014. O valor pago em anúncios chegou a 23,3 bilhões de reais. No caso da TV por assinatura, a arrancada foi ainda mais expressiva, batendo a casa dos 28%. Passou de 1,6 bilhão de



reais, em 2013, para 2,1 bilhões de reais, no ano passado.

■ MÚSICA

Briga de titãs 1

Uma perícia pedida pela Justiça do Rio de Janeiro calculou em 32 milhões de reais o valor devido pelo Escritório Central de Arrecadação e Distribuição a Francisco Rezek, ex-ministro do STF. Rezek atuou como advogado do Ecad no processo contra a Rede Globo e, desde o ano passado, questiona judicialmente os honorários pagos pela entidade. As duas partes discordam do valor determinado pela perícia.

Briga de titãs 2

A propósito, os dois lados buscaram reforços de peso para ganhar a disputa nos tribunais. Enquanto o Ecad

Mais um ano Datena: o maior salário pago pela Band a um apresentador até 2017

Colaborou Guilherme Amado

contratou Eros Grau para assessorá-lo, Rezek tem Ellen Gracie ao seu lado — ambos ex-ministros do STF.

■ FUTEBOL

Produto desvalorizado

Mesmo com a fortuna despejada pela Globo nos clubes, o Brasileirão é apenas a 15ª competição mais valiosa do mundo. É o que revela uma pesquisa inédita da TV Sports Markets. Transmitir o campeonato por aqui custa 586 milhões de dólares por ano à emissora. Os dois produtos esportivos mais valiosos do planeta para a TV são a NFL, a liga nacional de futebol americano (6,5 bilhões de dólares), e a MLB, o campeonato de beisebol (3 bilhões de dólares). No futebol, a Premier League inglesa é o produto mais caro (2,9 bilhões de dólares), seguido do campeonato italiano (1,3 bilhão de dólares) e do francês (926 milhões de dólares).

■ TELEVISÃO

Novo contrato

José Luiz Datena renovou o contrato com a Band por mais um ano. Em meio à crise financeira, a emissora tentou negociar uma redução no salário de 650 000 reais do apresentador, mas não teve sucesso.



DEVULGAÇÃO

PANDORA
UNFORGETTABLE MOMENTS



CELEBRE O
AMOR DE MÃE

Copenhague • London • Paris • Milan • New York
Tokyo • São Paulo • Rio de Janeiro



O cinto de segurança salva vidas.

Preço referente ao veículo 0km Volvo V40, ano/moção 15/15, na versão T4 Comfort com motor de 180cv e rodas de alumínio Mannan de 17", incluindo frete e pintura sólida. Condição de pagamento à vista, válida até 30/04/2015 ou enquanto durar o estoque de 30 unidades. Não estão inclusos preços de acessórios, documentação, manutenção e/ou qualquer outro produto e/ou serviço oferecido pela concessionária Volvo. Para outras condições de pagamento, o Custo Efetivo Total (CET) irá variar de acordo com os valores, prazos e demais condições acordadas, sendo que serão informadas ao cliente previamente à contratação. Condições sujeitas a análise e aprovação de crédito e demais condições do produto vigentes na data da contratação. Para mais informações, consulte as concessionárias Volvo.



A ORIGINALIDADE TAMBÉM É ITEM DE SÉRIE.

O Volvo V40 é um automóvel único. Cada detalhe é indispensável para mostrar sua personalidade forte, sofisticada e atual. Destaca-se pelo motor 2.0 turbo de 180cv e pela tecnologia mais avançada, como o Sensus Connect, que reúne entretenimento e conectividade com acesso a músicas e aplicativos on-line.

SOMOS A VOLVO, DA SUÉCIA.

VOLVO V40 COMFORT

A PARTIR DE

R\$ 99.000,00

“Não sei ligar a televisão. Tenho problema com essas coisas digitais. Sou do tempo do ‘on’ e ‘off’.”

MARCO NANINI, ator, na *Folha de S. Paulo*

“O Brasil não se renova; os problemas são os mesmos, sempre adiados e nunca resolvidos.”

ANTONIO FAGUNDES, ator, em *O Estado de S. Paulo*

“Não estou preocupado em passar vergonha.”

ANDERSON SILVA, ex-campeão de MMA, na coletiva em que confirmou sua participação na seletiva para a escolha da equipe brasileira de taekwon do que vai disputar a Olimpíada do Rio, em 2016

“Usei toda a minha força para ficar sóbrio. Agora, comecei a beber um pouco de novo, então posso trabalhar. Quando você prepara um filme, é um trabalho muito duro, e você tende a beber mais.”

LARS VON TRIER, cineasta dinamarquês, ao abordar, em entrevista ao jornal britânico *The Guardian*, sua participação, por seis meses, nas reuniões dos Alcoólicos Anônimos

“Um homem homossexual é 100% homem. Ele não precisa se vestir como um homossexual. (...) Um homem tem de ser um homem.”

GIORGIO ARMANI, estilista italiano, na publicação inglesa *The Sunday Times Magazine*

“Todo mundo sabe como vivem os ricos de seu próprio país e do resto do mundo; por isso, a demanda por mais igualdade vai ser maior.”

JIM YONG KIM, presidente do Banco Mundial, no diário espanhol *El País*

“Estou convencido de que não haverá a saída da Grécia. O tratado não prevê que um país possa ser legalmente expulso do euro.”

VÍTOR CONSTÂNCIO, vice-presidente do Banco Central Europeu, falando aos integrantes do Parlamento



CEZAR LOUREIRO/AG. O GLOBO

“Nós aprendemos lições de humildade. Vimos que velhas doenças em novos contextos podem trazer surpresas.”

MARGARET CHAN, diretora-geral da Organização Mundial da Saúde, em comunicado de avaliação do trabalho da entidade no combate ao surto de ebola na África Ocidental

“Não tem sentido tratar o usuário de drogas como um criminoso.”

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO, ex-presidente da República (PSDB), ao participar, no Rio de Janeiro, de um evento internacional sobre o tema

“Isso é ridículo.”

SANDRA BULLOCK, atriz americana de 50 anos ao comentar, na *People*, sua primeira reação ao saber que fora eleita pela revista “a mulher mais bonita do mundo”



DIVULGAÇÃO

“Quem gosta muito de dinheiro tem de ser tirado da política.”

JOSÉ MUJICA, senador e ex-presidente do Uruguai, na BBC Mundo

“Não podemos deixar que a política seja espaço de gente que não deu pra nada.”

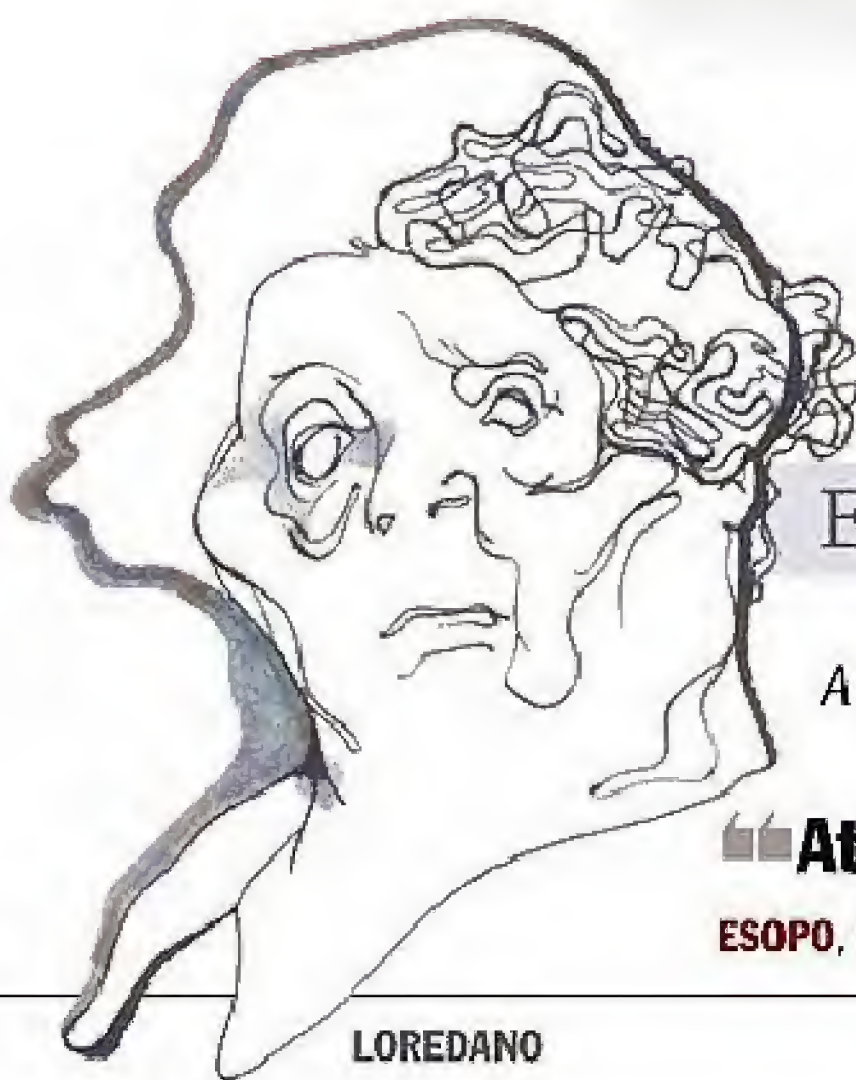
LUÍS ROBERTO BARROSO, ministro do Supremo Tribunal Federal, em palestra na Universidade Harvard, conforme noticiou a *Folha de S.Paulo*

EPÍGRAFE DA SEMANA

A pretexto do jogo político, em qualquer parte do planeta

“Até mesmo os poderosos podem precisar dos fracos.”

ESOPO, fabulista grego (séc. VII a.C.-VI a.C.)



LOREDANO

OS FAVORES DO EMPREITE

1 O SÍTIO DE ATIBAIA

De acordo com o relato do ex-presidente da OAS, Lula pediu a ele que providenciasse a reforma do “seu” sítio de Atibaia.



O sítio está registrado em nome de **Jonas Suassuna**, sócio de **Fábio Luís da Silva**, filho do ex-presidente.

LUCIANA PREZIA/CONTEÚDO ESTADÃO





JEFFERSON COPPOLA

Preso há seis meses, o engenheiro Léo Pinheiro, ex-presidente da OAS, uma das empreiteiras envolvidas no escândalo da Petrobras, admite pela primeira vez a intenção de fazer acordo de delação premiada. Seu relato mostra quanto ele era íntimo do ex-presidente Lula

ROBSON BONIN

BETO BARATA/ESTADÃO CONTEÍDO

O "CHEFE" Pinheiro era responsável pelas relações institucionais da construtora. No rol de suas amizades, além de Lula, estão ministros, governadores e parlamentares

Em 2011, logo depois de ser adquirida, a propriedade de fato foi totalmente reformada. Ganhou campo de futebol, um lago maior para pescaria, suítes e piscina nova.

Os operários que trabalharam na obra, como **Cláudio Santos**, receberam pagamento em dinheiro, não foram registrados formalmente e o máximo que sabiam sobre os contratantes era que se tratava das empresas "que iriam construir o Itaquerao".



O engenheiro Léo Pinheiro cumpre uma rotina de preso da Operação Lava-Jato que, por suas condições de saúde, é mais dura do que a dos demais empreiteiros em situação semelhante. Preso há seis meses por envolvimento no esquema do petrolão, o ex-presidente da OAS, uma das maiores construtoras do país, obedece às severas regras impostas aos detentos do Complexo Médico-Penal na região metropolitana de Curitiba. Usa o uniforme de preso, duas peças de algodão azul-claras. Tem direito a uma hora de banho de sol por dia, come “quentinhas” na própria cela e usa o chuveiro coletivo. Na cela, divide com outros presos o “boi”, vaso sanitário rente ao piso e sem divisórias. Dez quilos mais magro, Pinheiro tem passado os últimos dias escrevendo. Um de seus hábitos conhecidos é redigir pequenas resenhas e anexá-las a cada livro lido. As anotações feitas são muito mais realistas e impactantes do que as literárias. Léo Pinheiro passa os dias montando a estrutura do que pode vir a ser seu depoimento de delação premiada à Justiça. Ele foi durante toda a década que passou o responsável pelas relações institucionais da OAS com as principais autoridades de Brasília. Um dos capítulos mais interessantes de seu relato trata justamente de uma relação muito especial — a amizade que o unia ao ex-presidente Lula.

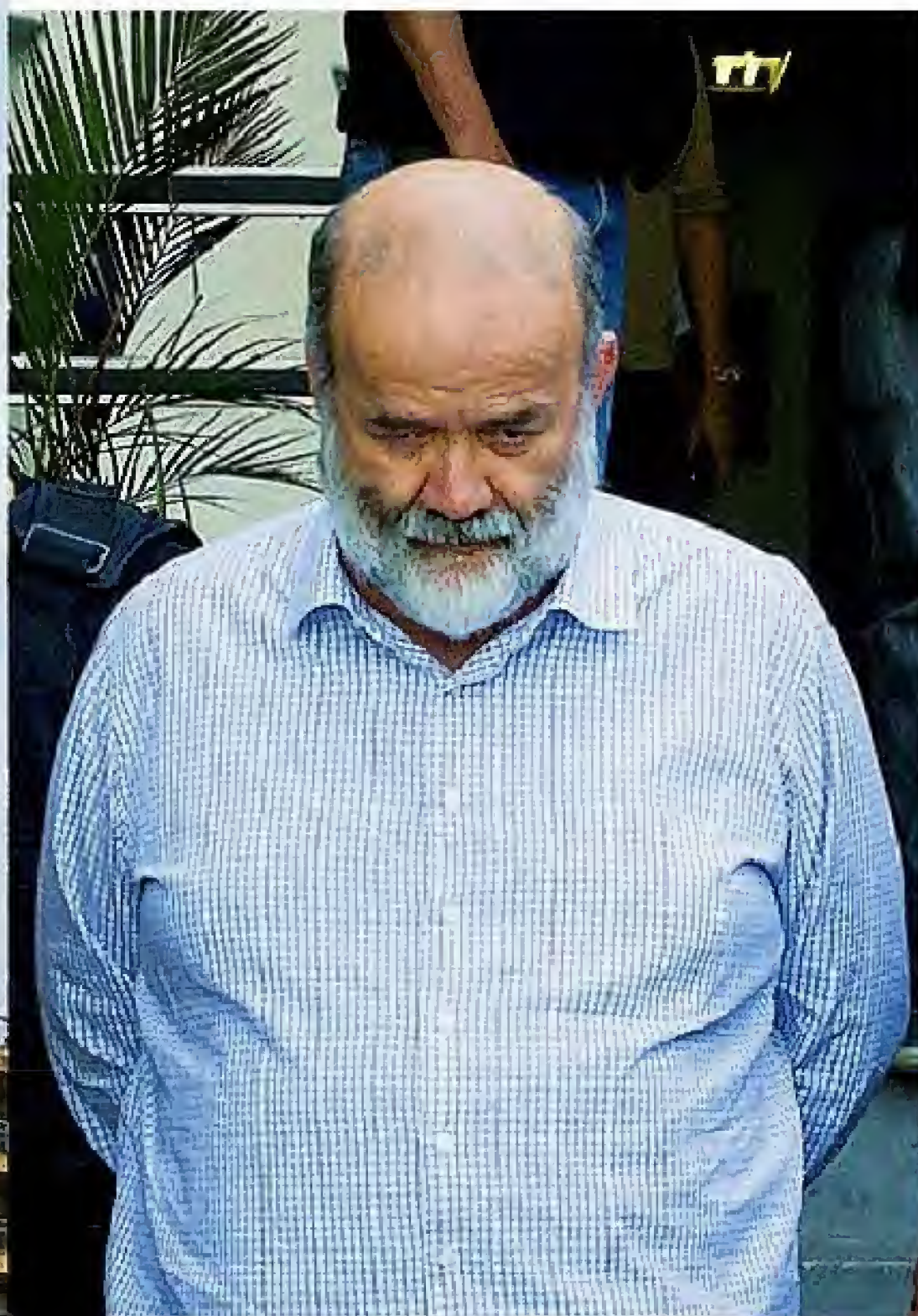
De todos os empresários presos na Operação Lava-Jato, Léo Pinheiro é o único que se define como simpatizante do PT. O empreiteiro conheceu Lula ainda nos tempos de sindicalismo, contribuiu para suas primeiras campanhas e tornou-se um de seus mais íntimos amigos no poder. Culto, carismático e apreciador de boas bebidas, ele integrava um restrito grupo de pessoas que tinham acesso irrestrito ao Palácio do Planalto e ao Palácio da Alvorada. Era levado ao “chefe”, como ele se referia a Lula, sempre que desejava. Não passava mais do que duas semanas sem manter contato com o presidente. Eles falavam sobre economia, futebol, pescaria e os rumos do país. Com o tempo, essa relação evoluiu para o patamar da extrema confiança — a ponto de Lula, ainda exercendo a Presidência e depois de deixá-la, recorrer ao amigo para se aconselhar sobre a me-



LUÍZ MAXIMIANO

MUTUÁRIOS

O prédio na praia do Guarujá onde Lula e o ex-tesoureiro João Vaccari são proprietários de apartamentos finalizados pela construtora OAS depois da intervenção do ex-presidente



VAGNER ROSARIO

2 O TRÍPLEX DO GUARUJÁ

De acordo com o relato do ex-presidente da OAS, também foi a pedido de Lula que a empreiteira incorporou obras inacabadas da Bancoop, a cooperativa ligada ao PT que faliu e deu prejuízo a mais de 3 000 mutuários.

Entre as obras assumidas pela empreiteira estava a do **edifício Solaris**, no Guarujá, em São Paulo, que tem como beneficiários o ex-tesoureiro do PT João Vaccari e o próprio Lula, dono de um tríplice de 297 metros, com elevador interno, cobertura com piscina e sauna.

lhor maneira de enfrentar determinados problemas pessoais. Como é da natureza do capitalismo de estado brasileiro, as relações amigáveis são ancoradas em interesses mútuos. Pinheiro se orgulhava de jamais dizer não aos pedidos de Lula.

Desde que deixou o governo, Lula costuma passar os fins de semana em um amplo sítio em Atibaia, no interior de São Paulo. O imóvel é equipado com piscina, churrasqueira, campo de futebol e tem um lago artificial para pesca, um dos esportes preferidos do ex-presidente. Fora do poder, é lá que ele recebe os amigos e os políticos mais próximos. Em 2010, meses antes de terminar o mandato, Lula fez um daqueles pedidos a que Pinheiro tinha prazer em atender. Encomendou ao amigo da construtora uma reforma no sítio. Segundo conta um interlocutor que visitou Pinheiro na cadeia, esse pedido está cuidadosamente anotado nas memórias do cárcere que Pinheiro escreve.

Na semana passada, a reportagem de VEJA foi a Atibaia, região de belas montanhas entrecortadas por riachos e vegetação prístina. Fica ali o Sítio Santa Bárbara, cuja reforma chamou a atenção dos moradores da região. Era começo de 2011 e a intensa atividade nos 150 000 metros quadrados do sítio mudou a rotina da vizinhança. Originalmente, no Sítio Santa Bárbara havia duas casas, piscina e um pequeno lago. Quando a reforma terminou, a propriedade tinha mudado de padrão. As antigas moradias foram reduzidas aos pilares estruturais e completamente refeitas, um pavilhão foi erguido, a piscina foi ampliada e servida de uma área para a churrasqueira.

O que mais chamou atenção, além da rapidez dos trabalhos, é que tudo foi feito fora dos padrões convencionais. A reforma durou pouco mais de três meses. Alguns funcionários da obra chegavam de ônibus, ficavam em alojamentos separados e eram proibidos de falar com os operários contratados informalmente na região e orientados a não fazer perguntas. Os operários se revezavam em turnos de dia e de noite, incluindo os fins de semana. Eram pagos em dinheiro. "Ajudei a fazer uma das varandas da casa principal. Me prometeram 800 reais, mas me pagaram 2 000 reais a mais só para garantir que a gente fosse mesmo cumprir o prazo, tudo em dinheiro vivo", diz o servente de

pedreiro Cláudio Santos. “Nessa época a gente ganhou dinheiro mesmo. Eu pedi 6 reais por metro cúbico de material transportado. Eles me pagaram o dobro para eu acabar dentro do prazo. Eram 20 000 por vez. Traziam o pacotão, chamavam no canto para ninguém ver, pagavam e iam embora”, conta o caminhoneiro Dário de Jesus. Quem fazia os pagamentos? “Só sei que era um engenheiro que esteve na obra do Itaquerao. Vi a foto dele no jornal”, recorda-se Dário.

O arquiteto contratado para coordenar os trabalhos chama-se Igenes Irigaray Neto. Ele foi mandado de Dourados (MS) especialmente para tocar o projeto em Atibaia. Irigaray Neto foi encaminhado pelo empresário José Carlos Bumlai, que, a exemplo do empreiteiro da OAS, é amigo de Lula, cuida de seus assuntos pessoais e é personagem recorrente de várias histórias mal contadas que envolvem poder e dinheiro durante o governo petista. Bumlai apareceu até no escândalo do petrolo, em que é acusado de ter indicado um dos diretores corruptos da Petrobras.

Dono de uma loja de decoração, o empresário Matuzalem Clementoni conheceu Lula durante o trabalho de decoração do sítio. Matuzalem costuma tomar café com o “patrão”, como ele se refere ao ex-presidente. O ex-governador de Mato Grosso do Sul Zeca do PT já até pescou no novo lago. “Eu que ensinei o Lula a pescar. Ele é bom de pesca, mas no sítio dele os peixes são criados para que só ele consiga fisgá-los.” Lula encomendou ao amigo da OAS a reforma do sítio, que os amigos e políticos identificam como sendo do ex-presidente. No cartório da cidade, porém, a escritura de posse está em nome dos empresários Jonas Suassuna e Fernando Bittar — ambos sócios de Fábio Luís da Silva, o Lulinha, filho do ex-presidente. Suassuna e Bittar compraram o sítio em agosto de 2010, quatro meses antes de Lula deixar o cargo. Pagaram 1,5 milhão de reais pela propriedade. Lulinha mora em um prédio de luxo, localizado numa das áreas mais nobres de São Paulo, cujos apartamentos são avaliados em 6 milhões de reais. O apartamento onde Lulinha mora pertence a Suassuna. Procurados por VEJA, os empresários beneméritos da família Lula da Silva não quiseram se pronunciar.

3 O CASO ROSE

A Polícia Federal descobriu que a secretária **Rosemary Noronha**, ex-chefe do escritório da Presidência da República em São Paulo, vendia favores no governo.

Rose era amiga íntima de Lula desde os tempos do sindicalismo e, por causa disso, tinha trânsito livre nos altos escalões da República.

Acusada de corrupção passiva e tráfico de influência, ela perdeu o emprego, sentia-se abandonada pelos ex-companheiros e ameaçava revelar segredos dos tempos de convívio com o poder.

Segundo relato do ex-presidente da OAS, para acalmar a amiga, Lula lhe pediu que ajudasse o marido dela, **João Batista**, um pequeno empresário da construção civil.





JEFFERSON COPPOLA

Léo Pinheiro fez um segundo favor ao ex-presidente no ramo imobiliário. O empreiteiro conta que, a pedido do ainda presidente Lula, a OAS incorporou prédios inacabados da Cooperativa dos Bancários (Bancoop), entidade ligada ao PT que, em 2006, deu o golpe em 3000 mutuários em São Paulo. Durante anos, dezenas de famílias que pagaram fielmente suas mensalidades à Bancoop tiveram seu suado dinheirinho desviado para as campanhas eleitorais do PT. Sem uma mãozinha da OAS, poderia dar cadeia o golpe da Bancoop, um ensaio geral para a roubança generalizada que marcaria mais tarde as gestões petistas. Cadeia para quem? Para João Vaccari Neto, tesoureiro do PT que, aliás, está preso por envolvimento no escândalo da Petrobras. Fiel ao amigo Lula, a OAS de Léo Pinheiro concluiu no início do ano o edifício Solaris, da Bancoop, que fica na praia do Guarujá. Por que o Solaris foi concluído, enquanto centenas de outros lesados pela Bancoop esperam em vão pela construção das unidades que compraram? Bem, o fato de Lula e Vaccari terem apartamentos no luxuoso Solaris explica as prioridades da OAS. Aos amigos, tudo. O triplex de cobertura do ex-presidente no edifício Solaris, do Guarujá, tem 297 metros quadrados e elevador interno. O espaço é suficiente para construir quase cinquenta celas iguais à que hoje serve de residência a Léo Pinheiro na penitenciária em Pinhais.

Em suas memórias do cárcere, o sócio da OAS anotou um terceiro favor feito a Lula, mas já na condição de ex-presidente. Em 2012, a Polícia Federal desmantelou uma quadrilha que vendia facilidades no governo. No topo da organização apareceu uma figura pouco conhecida. Ex-secretária de sindicato, Rosemary Noronha era chefe do escritório da Presidência da República em São Paulo. Os investigadores descobriram que ela aproximava autoridades de empresários em troca de propinas. A questão é que Rosemary não era uma corrupta qualquer. Amiga íntima de Lula desde os tempos das greves do ABC paulista, Rose era tratada no governo como uma primeira-dama informal. Em viagens internacionais,



quando a primeira-dama não podia ir, ela era incluída na comitiva presidencial. Em viagem a Roma, hospedou-se na embaixada brasileira, que lhe reservou o melhor quarto do Palazzo Pamphili, a especialíssima sede da nossa representação diplomática na Itália. Caída em desgraça, e sentindo-se abandonada, Rose ameaçou revelar seus segredos. Léo Pinheiro entrou em cena para ajudar o amigo. “A gente precisa ajudar o Lula nisso”, ouviu de um interlocutor. Logo, João Batista de Oliveira, marido de Rosemary, conseguiu um bom emprego. A ex-secretária teve à disposição uma banca de 38 advogados para defendê-la na Justiça. Procurada, Rosemary Noronha disse que não iria falar sobre isso.

Foi com base no conteúdo das anotações de Léo Pinheiro que VEJA pautou a reportagem que aparece nestas páginas. Foi possível confirmar a maior parte das suspeitas que as anotações do preso levantam. A reportagem fica como registro indelével no caso de Léo Pinheiro, eventualmente beneficiado por um *habeas corpus* do Supremo Tribunal Federal (STF), sair da cadeia, voltar a ser apenas o amigo de Lula, renegando o que anotou e contou. Diz um dos assessores mais próximos do empreiteiro: “A única coisa que impediu o Léo até agora de colaborar com a Justiça é a perspectiva de sua libertação, que alguns advogados asseguram que vai ocorrer em breve”. Em situação semelhante encontra-se Ricardo Pessoa, da UTC, empreiteiro preso, que também deixou escapar pistas dos danos que pode causar a Lula e outros poderosos. Em troca de redução da pena, ele se compromete a revelar o esquema de financiamento de campanhas do PT e de políticos do partido.

Léo Pinheiro e Ricardo Pessoa estão colocados diante de um interessante dilema. Primeiro, se propuserem e for aceita sua delação premiada, eles receberão pena bem menor, como já aconteceu com Paulo Roberto Costa e o doleiro Alberto Youssef (veja a reportagem na pág. 58). Segundo, se optarem por não fazer a delação premiada, o mais certo é que recebam, em alguns casos, penas dilatadas

DIA D Preso por ameaçar uma testemunha, Ricardo Pessoa, que negocia um acordo de delação, argumenta que sua prisão é ilegal



CRISTIANO MATEIZ

PARA O BEM OU PARA O MAL

Dependendo da decisão, a Segunda Turma do STF, presidida pelo ministro Teori Zavascki, pode mudar os rumos da Operação Lava-Jato

de algumas dezenas de anos. Ao optar por ser delator, porém, o preso renuncia ao direito de recorrer da pena e tem de começar a cumpri-la imediatamente. Ao optar por não delatar, a pena será altíssima, mas o preso tem direito a recorrer aos tribunais superiores em liberdade e só cumprir a pena quando vier a sentença definitiva, o que pode demorar até oito ou dez anos. É mais compensador começar a cumprir um ano em regime fechado e depois sair livre, caso do delator Paulo Roberto Costa? Ou não fazer delação, pegar uma pena gigantesca, mas não cumpri-la um único dia até que venha a condenação definitiva. Para um preso com 63 anos de idade e saúde frágil, como é o caso de Léo Pinheiro, talvez seja mais vantajoso pessoalmente esperar um *habeas corpus* que o tire da prisão preventiva dentro de alguns dias e, depois, seja qual for a sentença recebida, recorrer em liberdade, mesmo que com desonra. Se consultar sua consciência, porém, Pinheiro poderia optar por contar tudo o que sabe, cumprir um breve período na prisão como delator e deixar às gerações futuras de brasileiros um legado positivo, que ele sonhou à atual. ■

**COM REPORTAGEM DE KALLEO COURA
E HUGO MARQUES**

Mensaleiro extraditado

Quando fugiu do Brasil para a Itália, em 2013, o petista Henrique Pizzolato apostou na impunidade — ou, na pior das hipóteses, como ele admitiu, na possibilidade de sujeitar-se a um novo julgamento naquele país “por um tribunal que não se submete às imposições da mídia empresarial”. Ex-diretor de marketing do Banco do Brasil, ele foi condenado pelo Supremo Tribunal Federal a doze anos e sete meses de prisão por corrupção passiva, peculato e lavagem de dinheiro. Deveria estar dividindo uma cela com seus comparsas. O mensaleiro, porém, fugiu antes de a polícia alcançá-lo, usando um passaporte falso, o dinheiro roubado dos cofres públicos e as facilidades de ter cidadania italiana. Mas deu tudo errado. Em fevereiro do ano passado, Pizzolato foi descoberto pelas autoridades italianas e preso na cidade de Maranello.

A defesa do mensaleiro ainda tentou uma artimanha para evitar que ele fosse mandado de volta ao Brasil, alegando que as cadeias do

país não tinham condições de garantir o cumprimento da pena com o mínimo de segurança. A Justiça italiana considerou o argumento e indeferiu a extradição. O governo brasileiro, então, recorreu à Corte de Cassação. Na sexta-feira passada, ao contrário do que acreditava Henrique Pizzolato, havia uma hipótese pior que as consideradas de início. Sua extradição foi autorizada pelo governo italiano, e ele terá de voltar ao Brasil para cumprir sua pena — muito provavelmente no presídio da Papuda, em Brasília —, sem direito aos benefícios que a lei prevê. Como fugitivo, dificilmente algum juiz autorizaria a concessão de qualquer tipo de regalia ao condenado. Se servir de consolo, diante das proporções que a cada dia ganha o escândalo do petrolão, Pizzolato não deve ficar sozinho por muito tempo na penitenciária. Tudo indica que companheiros e ex-companheiros de crime, em breve, lhe farão companhia.

ADRIANO GEOLIN



MASTRANCELO REINO/ESTADÃO CONTEÚDO

FIM DA LINHA Henrique Pizzolato, condenado a doze anos de prisão por corrupção passiva, peculato e lavagem de dinheiro, foi preso na Itália



A DELAÇÃO COMPENSA

As primeiras sentenças do escândalo da Petrobras mostram que a tradição de impunidade nos casos de corrupção começa a sofrer um duro golpe

DANIEL PEREIRA

No processo do mensalão, alguns dos principais criminalistas do país acusaram o relator Joaquim Barbosa de adotar uma postura imperial na condução do julgamento e deturpar entendimentos jurídicos, como a teoria do domínio do fato, para garantir a condenação de políticos e empresários que protagonizaram o

primeiro esquema de compra de apoio parlamentar do governo do PT. A prisão não surtiu o efeito esperado, e o Supremo Tribunal Federal (STF) sentenciou a antiga cúpula petista à prisão. A decisão foi considerada um “ponto fora da curva”, conforme expressão cunhada pelo ministro Luís Barroso, por mandar para a cadeia o ex-ministro José Dirceu e, de quebra, representar uma rara derrota dos mais renomados escritórios

de advocacia. Apesar de derrotados no mensalão, os criminalistas apostavam que a tal curva retornaria à sua trajetória normal, sem novos pontos de exceção que abalassem a notória dificuldade da Justiça brasileira de punir os corruptos de colarinho-branco. A clientela, diziam os advogados, voltaria a dormir tranquila. Ledo engano.

Na semana passada, na primeira sentença relacionada ao petrolão, o juiz Sergio Moro condenou oito pessoas à prisão. Seis delas também terão de pagar uma indenização de quase 19 milhões de reais à Petrobras para compensar os prejuízos registrados pela compa-



MARCELO ANDRADE/ESTADÃO CONTEÚDO

PEÇAS FUNDAMENTAIS

Sem as revelações de Paulo Roberto Costa (à esq.) e do doleiro Alberto Youssef dificilmente seria desarticulado o engenhoso e bilionário esquema de corrupção que operava na Petrobras

nhia com os desvios nas obras da Refinaria Abreu e Lima, em Pernambuco. O doleiro Alberto Youssef e o ex-diretor Paulo Roberto Costa receberam penas de nove anos e dois meses e de sete anos e seis meses de prisão, respectivamente, mas cumprirão apenas o que ficou acertado no acordo de delação. Youssef ficará mais dois anos em regime fechado. Já a pena privativa de liberdade de Costa valerá até outubro de 2016. Foram justamente Youssef e Costa os primeiros a explicar como rodava a engrenagem clandestina na Petrobras, movida por propinas pagas pelas empreiteiras a servidores e políticos em troca de contratos superfaturados. Graças a essas informações, os dois delatores tiveram suas penas no petrolão reduzidas.

Disse Moro: “Embora seja elevada a culpabilidade de Alberto Youssef, a

colaboração demanda a concessão de benefícios, não sendo possível tratar o criminoso colaborador com excesso de rigor, sob pena de inviabilizar o instituto da colaboração premiada”. A sentença atingiu peixes pequenos que atuavam nas águas sujas do petrolão. Haverá mais decisões pela frente — e contra personagens graúdos. Há inquéritos contra cinquenta políticos e líderes partidários no STF. Além de ser o marco inicial da punição aos ladrões da Petrobras, essa primeira leva de prisões prenuncia mais um duro golpe na impunidade. Desde a deflagração da Operação Lava-Jato e da prisão de executivos das maiores empreiteiras do país, os advogados de defesa tentam desqualificar o juiz e seu arsenal jurídico, exatamente como ocorreu no mensalão. Em coro, alegam que Moro usa o instrumento da delação premiada de forma desmedida e lança mão de prisões temporárias e preventivas para pressionar os acusados a colaborar com a Justiça. Além disso, afirmam que a investigação está apinhada de vícios e ilegalidades.

“Nos tribunais superiores, os ministros mostrarão as várias nulidades desse processo”, diz o advogado de uma grande empreiteira. Até agora, STF e STJ têm chancelado a atuação de Moro, da prisão temporária de empresários aos acordos de delação premiada. A advocacia exerce o direito de espremer, que não consta dos códigos mas é uma tradição nacional, numa tentativa de impedir que empreiteiros de ponta, como Ricardo Pessoa, da UTC, e Léo Pinheiro, da OAS, sigam os delatores e ajudem a esclarecer a principal dúvida sobre o petrolão: quem eram os chefes do esquema de corrupção ou qual cadeia de comando autorizou e avalizou o desfalque bilionário na Petrobras. Como se sabe, não há recibo para atos de corrupção. Em casos complexos, só a delação premiada é capaz de apontar as digitais por trás da roubalheira. Como lembrou Moro num artigo sobre a Operação Mãos Limpas, que atingiu o coração da máfia italiana, não há como condenar moralmente o delator se a lei é justa e democrática. “Condenável, nesse caso, é o silêncio”, pontuou o juiz. ■



CRISTIANO MARIZ

UM AVANÇO SOB AMEAÇA NO SENADO

A lei da terceirização, aprovada na Câmara, corre o risco de ser desfigurada pelos senadores. Na raiz do conflito, contudo, está o embate político, e não a lógica econômica

MARCELA MATTOS

O projeto destinado a regulamentar a terceirização do trabalho, um dos maiores motivos de disputas na Justiça Trabalhista, repousou mais de uma década no Congresso. Era um típico tema do qual o governo não queria tratar. O PT e o seu braço sindical, a Central Única dos Trabalhadores, CUT, são histórica-

mente contrários à aprovação de uma lei que autorize terceirizar todas as atividades de uma empresa, e não apenas aquelas auxiliares, como os serviços de vigilância e limpeza. Pois o presidente da Câmara, Eduardo Cunha (PMDB-RJ), decidiu não apenas desengavetar o texto como se dedicar à sua aprovação. Na última semana, a lei passou na Câmara. Agora será analisada pelos senadores. A tramitação po-

derá ser rápida, se houver o empenho do presidente do Senado, Renan Calheiros (PMDB-AL). Era o que se esperava, sendo Calheiros e Cunha do mesmo partido. A realidade, entretanto, não deve ser assim. Renan ameaçou pôr o pé no freio. Manifestou discordâncias em relação ao texto da Câmara. O presidente do Senado deu a entender que trabalhará para a alteração do projeto, mexendo inclusive em pontos essenciais, o que traz o risco de desfigurar por completo a finalidade original da lei.

A questão central está na distinção entre a atividade principal de uma empresa, a chamada atividade-fim, e as atividades auxiliares, as atividades-meio (veja o quadro na pág. ao lado). A maior parte dos processos trabalhistas decorrentes da terceirização se deve justamente à dificuldade em definir claramente qual função é a principal e quais são acessórias. Por isso, o projeto da Câmara simplesmente autoriza que qualquer função ou serviço sejam prestados por outra empresa. Renan, porém, disse ver aí uma ameaça aos trabalhadores. "É fundamental regularizar os terceirizados. Temos no Brasil 12 milhões. Mas não podemos regulamentar, sob hipótese ne-



ED. FERREIRA/ESTADÃO CONTEÚDO

nhuma, a atividade-fim”, afirmou Renan. “É uma involução, um retrocesso. Significa revogar os direitos e as garantias individuais e coletivos.”

A reação de Renan, contudo, tem como pano de fundo razões mais profundas do que a mera preocupação com os direitos trabalhistas. O peemedebista não superou a demissão do afilhado Vinicius Lages do Ministério do Turismo para alocar o ex-presidente da Câmara Henrique Alves. Braço-direito de Cunha, Alves foi alçado ao posto após articulação do chefe da Câmara e do vice-presidente da República, Michel Temer. Após a demissão, Lages foi nomeado chefe de gabinete da presidência do Senado. Para deputados peemedebistas, há ainda outros fatores por trás das críticas de Renan ao texto: a possibilidade de obrigar o governo a, mais uma vez, sentar-se à mesa com ele, que passou de fiador do Planalto a aliado imprevisível, e também a chance de “polir” sua imagem diante da opinião pública. “Ele quer ficar no centro das atenções. A tramitação do projeto é um instrumento para ter na mão o governo, que vai pedir para alterar a proposta, e o senador ainda aproveita para limpar sua imagem perante a sociedade, tirando seu nome da

JOGO DE CENA? Cunha (à esq.), presidente da Câmara, empenhou-se na aprovação da lei, mas Renan promete pôr obstáculos à aprovação no Senado

pauta da Lava-Jato”, avalia um correligionário. Entre os senadores peemedebistas, mudanças no texto são dadas como certas. O líder do partido no Senado, Eunício Oliveira (CE), também anunciou posição contrária à terceirização das atividades-fim. “Onde couber emenda, vou apresentar alterações”, afirmou. Cunha, de sua parte, já tem engatilhada uma reação caso o Senado não se empenhe a aprovar o texto: planeja barrar projetos considerados prioritários pelos senadores que aguardam análise da Câmara. Além disso, ele afirma que a Casa é que dará a última palavra no assunto, porque o projeto da terceirização foi proposto originalmente por um deputado.

Representantes empresariais próximos às negociações temem que o projeto acabe desfigurado. Creem, contudo, que a reação de Renan não passa de jogo político e que o presidente do Senado acabará defendendo o espírito original da lei.

A disputa pela terceirização

O projeto aprovado na Câmara representa um avanço, mas corre o risco de ser desfigurado

Como é hoje?

Não há nenhuma regulamentação sobre a terceirização de funções dentro de uma empresa. O Tribunal Superior do Trabalho, em 1994, estabeleceu que uma empresa não pode terceirizar os serviços de sua atividade principal, ou **atividade-fim** (a gerência, por exemplo, no caso dos bancos), apenas os serviços considerados secundários, ou **atividades-meio** (vigilância e faxina).



Qual o problema?

Há milhares de processos na Justiça do Trabalho que contestam a terceirização de empregos, por causa, entre outras razões, da dificuldade para **distinguir atividade-fim de atividade-meio**.

O que diz a lei aprovada pela Câmara?

Autoriza a terceirização para todas as atividades. Um banco poderia, em tese, subcontratar não apenas faxineiros e vigias, mas também gerentes e analistas. **As estatais, entretanto, continuariam proibidas** de terceirizar funcionários de suas atividades principais.

Haverá diminuição de direitos trabalhistas?

A princípio não. As regras são as mesmas para os terceirizados.

Por que o governo é contra?

Porque **teme perder arrecadação** de tributos e contribuições trabalhistas.



Qual a ameaça ao projeto?

O texto precisa passar no Senado. **Alguns senadores defendem a terceirização apenas para atividades-meio.** Se assim for, a lei manterá os conflitos atuais — e a enxurrada de processos.

VANTAGENS FORA DE SÉRIE LAND ROVER



DISCOVERY
TODA A LINHA
COM TAXA ZERO

Chegou a hora de ir além com o seu novo Land Rover.
Não deixe de aproveitar os benefícios especiais
do Discovery e do Range Rover Evoque por tempo limitado.



Na cidade somos todos pedestres.

Condições válidas para o Range Rover Evoque Pure Tech, 0km, ano 2015 com preço à vista de R\$ 197.500,00 ou através do Plano de Financiamento Access, com taxa de 1,55% a.m., entrada de R\$ 78.510,00, 12 meses, válida para todas as versões do modelo Discovery, 0km, ano 2015. Condições válidas de 02/04/2015 a 01/05/2015 ou enquanto durar o estoque de 5 unidades de cada modelo. SAC 0800 345-2532. Para mais informações, consulte a rede de concessionárias. IOF e TC inclusos no CET. CET: 23,41 a.a. Financiamento na modalidade CDC (Crédito Direto ao Consumidor), através da Financeira Alfa S/A - venda por, no mínimo, 50% do valor da nota fiscal do veículo, desde que atendidas as exigências contratualmente previstas. Promoção válida para veículos em sua configuração original, com limite de 30.000 km.



ABOVE & BEYOND

RANGE ROVER EVOQUE

CONDIÇÕES ESPECIAIS NO NOVO
PLANO DE FINANCIAMENTO ACCESS

R\$ 2.890,00/MÊS



WUNDERMAN

LAND ROVER
ACCESS

✓ **40%**
DE ENTRADA

✓ **23**
PARCELAS

✓ **PARCELA
FINAL COM
RECOMPRA
GARANTIDA**

LAND ROVER SERVIÇOS FINANCEIROS

Vá até a concessionária mais próxima e aproveite.
landrover.com.br

23 prestações mensais de R\$ 2.889,67 e uma parcela final no 24º mês de R\$ 98.750,00. Valor total a prazo de R\$ 243.722,41. Condição de financiamento com taxa de 0,0% a.m., 50% de entrada e saldo em (Financeira Alfa especialmente para clientes Land Rover). Ouvidoria: 0800 722-0140 - e-mail: ouvidoria@alfanet.com.br. Exclusivo para deficientes auditivos: SAC 0800 770-5244. Ouvidoria: 0800 770-5140. CFI. Sujeito a análise e aprovação de crédito. Os serviços financeiros da Jaguar Land Rover são operacionalizados pela Financeira Alfa S/A - CFI. Garantia de recompra pela concessionária responsável pela rodados e revisões realizadas nas concessionárias Land Rover. Land Rover Serviços Financeiros, marca registrada da Jaguar Land Rover Ltda. licenciada para a Financeira Alfa S/A - CFI e suas empresas associadas.

O CANDIDATO MORA AO LADO



ILUSTRAÇÃO NEGREIROS

O voto distrital aproxima o eleitor dos políticos e barateia campanhas. A boa notícia: avançou no Senado a proposta que o institui nas eleições para vereador

EDUARDO GONÇALVES E GABRIEL CASTRO

Cada vez que os brasileiros saem às ruas para demonstrar sua insatisfação com a maneira como o país é conduzido, políticos sacam da manga o tema da reforma política como a panaceia para os problemas nacionais. Foi assim em 2013, quando o governo chegou a propor um desarrazoado plebiscito sobre a questão. É assim em 2015. Dada a complexidade do tema, o que é apresentado como remédio com frequência atende apenas aos interesses dos próprios políticos.

Um avanço político

Como funciona hoje: sistema proporcional



Todos concorrem contra todos. As cadeiras nas câmaras de vereadores são divididas entre os partidos e as coligações segundo um cálculo de quocientes que depende do número de votos válidos. Quanto mais votos uma legenda tiver, mais vagas poderá preencher



SÉRGIO LIMA/FOLHAPRESS

NO TRILHO CERTO

O senador tucano José Serra, autor do projeto: a mudança já pode valer no ano que vem

O PT, por exemplo, prega o fim do financiamento privado de campanha e o voto em lista fechada: duas propostas que favoreceriam a sigla acima de tudo. Já o PMDB tenta substituir o sistema proporcional vigente por um que favorece lideranças tradicionais — o “distritão”. As discussões nas ruas e na internet mostram que cresce o número de pessoas comuns atentas para o assunto, o que é positivo, uma vez que a reforma deve mesmo ocorrer em um futuro próximo. O primeiro passo foi dado nesta semana. E foi um passo alvissareiro: foi aprovado na Comissão de Constituição e Justiça do Senado um projeto de lei do senador José Serra (PSDB-SP) que institui o voto distrital nas eleições para vereador em cidades com mais de 200 000 eleitores.

Há dois “sabores” de voto distrital, o puro e o misto. No primeiro, elegem-se apenas os candidatos mais votados em cada distrito. No segundo, metade das vagas é preenchida por políticos de uma lista preordenada por cada partido. Nos dois casos, há um ganho de racionalidade: o voto distrital aproxima os políticos dos eleitores e barateia as campanhas. Mas os ganhos são maiores no sistema puro. “A lista, assim como o

distritão, é uma forma de salvaguardar o poder dos caciques partidários”, diz o cientista político Luiz Felipe D’Ávila, um defensor ativo do voto distrital.

O projeto de José Serra institui o modelo puro na eleição de vereadores. Para entender seu efeito, tome-se como exemplo a capital paulista. As 55 cadeiras do Legislativo seriam atribuídas a 55 distritos eleitorais de tamanho semelhante. Em vez de analisar as propostas de mais de 1 000 candidatos, o eleitor teria de decidir apenas entre aqueles que representam seu distrito. Diz o cientista político Paulo Kramer, professor da Universidade de Brasília (UnB): “A possibilidade de cobrança é muito maior. Afinal, o deputado reside no distrito. Se não corresponder às expectativas, não terá onde buscar voto nas próximas eleições”. Quanto aos políticos, eles não mais se digladiariam pela atenção dos 8,8 milhões de eleitores paulistanos. A campanha seria voltada para grupos de cerca de 160 000 pessoas, o que derruba os seus custos.

O projeto de lei 25/2015 levou menos de três meses para ser submetido a votação na CCJ. Foi aprovado por 15 votos a 3 na última quarta-feira, em caráter terminativo — ou seja, será encami-

nhado diretamente à Câmara, sem a necessidade de passar pelo crivo do plenário se não houver recurso contra o texto até esta semana (o recurso que obriga a apreciação pelo plenário tem de ser apresentado por ao menos nove senadores). Foram contrários à proposta apenas os petistas José Pimentel (CE) e Humberto Costa (PE), além de Marcelo Crivella (PRB-RJ). A senadora Gleisi Hoffmann (PT-PR) não seguiu a orientação do partido e votou pela aprovação. O apoio mais significativo partiu do relator do tema, o líder do PMDB no Senado, Eunício de Oliveira. “Temos com o Brasil o compromisso de não ir para as eleições de 2016 com o mesmo sistema eleitoral”, afirmou. De fato, se for sancionado até outubro, o novo sistema já valerá para a disputa do ano que vem. O próprio Serra, porém, reconhece que a luta na Câmara não será tão simples. “O esforço vai ser bem maior”, afirma. “Mas, como no Senado a proposta foi aprovada a jato, os deputados terão tempo para debater.”

Na Câmara, o projeto deve ser apensado às propostas de reforma política que estão sendo discutidas desde fevereiro em uma comissão especial, e lá deve sofrer alterações. O presidente do colegiado, Rodrigo Maia (DEM-RJ), já deixou claro que se opõe à medida. O relator da comissão, Marcelo Castro (PMDB-PI), também não crê que a proposta passe como chegou do Senado. “A comissão está dividida entre distritão e distrital misto. É difícil que se aceite o que veio, ou seja, o distrital puro”, diz Castro. O projeto de Serra é visto como ponta de lança para a aplicação do voto distrital nos pleitos para os legislativos estadual e federal, daí a previsão de um debate acirrado. Mas o debate, desta vez, está no trilho certo. ■

A proposta: sistema distrital



A cidade é dividida em distritos, cada um com seu próprio eleitorado e um único candidato de cada partido ou coligação. O mais votado de cada distrito conquista o mandato

As vantagens da mudança



Como a disputa é localizada, o modelo distrital aproxima o eleitor dos candidatos e reduz o custo das campanhas



Some a figura do “puxador de votos” — o político-celebridade que atrai muitos eleitores, ajuda o partido a aumentar sua bancada no sistema proporcional e às vezes conquista um mandato até mesmo para candidatos com votação pífia



COM O DINHEIRO DOS OUTROS, É FÁCIL

Enquanto o país aperta o cinto, o Congresso triplica a verba destinada a bancar os partidos. O governo permite o aumento e ainda acena com coisa pior: o financiamento público de campanha

MARIANA BARROS E PIETER ZALIS

NA CONTRAMÃO Romero Jucá, autor da emenda que elevou os recursos: os partidos estavam “desesperados”

Diretamente do bolso do contribuinte

As verbas públicas para os partidos aumentaram 170% de 2014 para 2015 (valores atualizados, em milhões de reais)

O Fundo Partidário, referendado pela Constituição de 1988, recebia apenas dinheiro arrecadado com multas eleitorais. Com a promulgação da Lei dos Partidos, em setembro de 1995, passa a receber dinheiro direto do Orçamento



O governo federal deve anunciar nas próximas semanas um congelamento de gastos de 60 bilhões de reais, parte do esforço para começar a pôr as contas públicas em ordem. Nenhuma área deve ser poupada, nem mesmo a educação, que já havia perdido 7 bilhões de reais no início deste ano. A única e escandalosa exceção serão os partidos políticos. Enquanto todo mundo aperta o cinto, eles comemoram o aumento.



Na semana passada, a presidente Dilma Rousseff sancionou sem vetos a proposta feita pelo Congresso que eleva em 170% a verba do fundo partidário. O fundo tem como origem os impostos pagos pelo contribuinte e como destino os cofres de todos os 32 partidos políticos brasileiros registrados no Tribunal Superior Eleitoral. O dinheiro é distribuído de acordo com a votação que as siglas obtiveram na última eleição e pode ser usado livremente por elas — para pagar funcionários ou bancar despesas de campanha, por exemplo. Como, para recebê-lo, não é necessário nem mesmo ter representação na Câmara, partidos que não elegeram um único deputado federal em 2014, como PSTU e PCB, estão aptos a abocanhar algo da ordem de 1,4 milhão de reais cada um nas próximas eleições. “O aumento reforça a ideia de que criar um partido é um bom negócio”, afirma Natália Paiva, diretora executiva da Transparência Brasil.

A decisão do governo de não vetar a quase triplicação da verba do fundo partidário vem em um momento em que os maiores partidos brasileiros penam para fazer caixa, dado o envolvimento da maioria na série de escândalos de corrupção e o receio dos doadores em figurar no próximo. O autor da emenda parlamentar que propôs o aumento, o senador Romero Jucá (PMDB-RR), justificou a iniciativa afirmando

ter sido procurado por representantes das siglas “desesperados” com a seca de doações. O maior beneficiado pela alta foi o PT (veja o quadro abaixo), também o mais atingido pelas revelações da Operação Lava-Jato. Seu ex-tesoureiro João Vaccari Netto está atrás das grades desde a semana passada.

O ministro das Cidades, Gilberto Kassab, exímio especialista na arte de criar partidos, afirmou que o aumento do fundo partidário “pode ter chocado a opinião pública”, mas — e aqui o ministro pretendia apontar o suposto lado vantajoso da coisa — é um primeiro passo para a implementação do financiamento público de campanhas no Brasil. O financiamento público é uma ideia fixa que o PT costuma defender com um sofisma (“É melhor para a população sustentar os partidos do que conviver com a corrupção decorrente do financiamento privado”) arrematado por uma verdade (“A democracia tem seu custo”). O ministro Kassab repetiu as duas coisas na última semana.

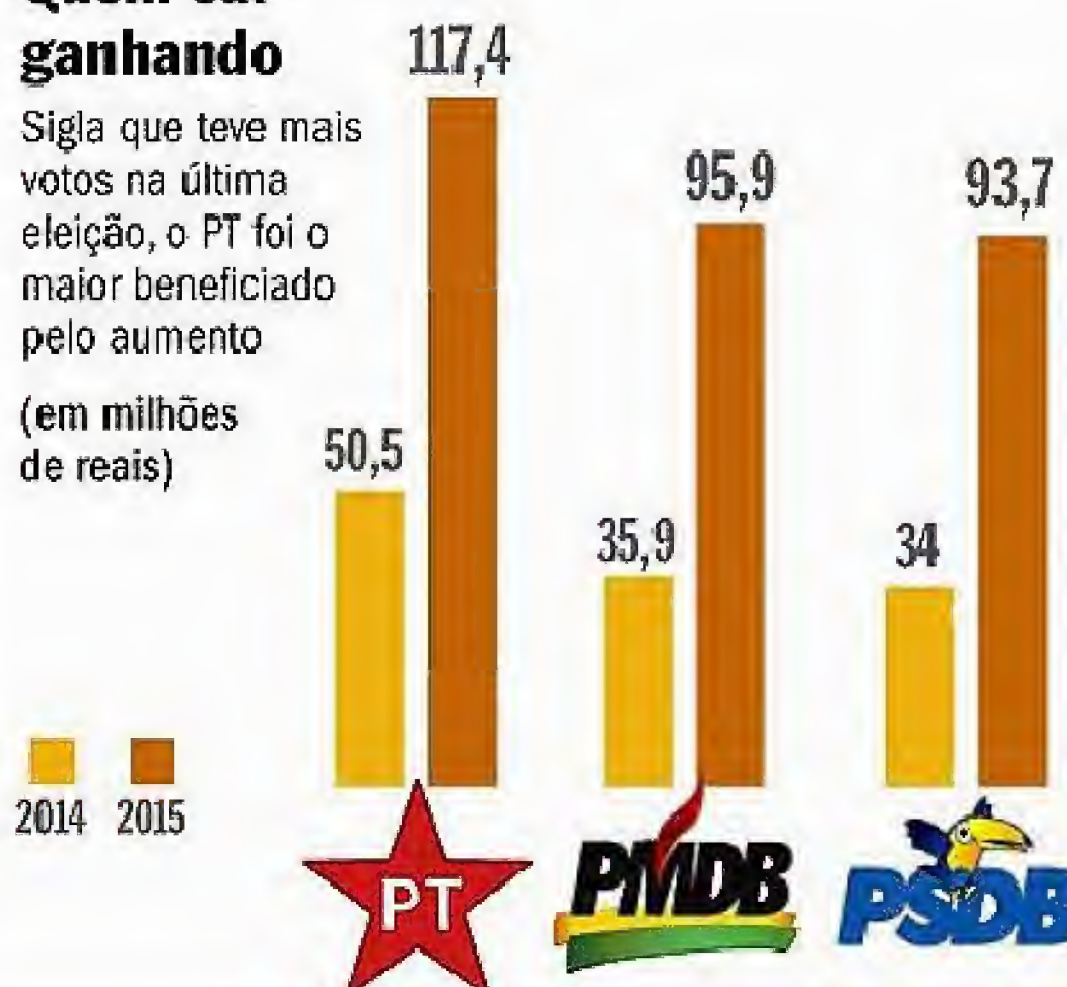
Segundo o Instituto Internacional pela Democracia e Assistência Eleitoral (Idea, na sigla em inglês), a mais respeitada organização para políticas partidárias no mundo, o único país com financiamento exclusivamente público de campanha é o Butão. O mais importante: nada garante que o financiamento público acabe com o caixa dois e a corrupção — estudos apontam que o con-

trário é que pode ocorrer. O cientista político britânico Michael Pinto-Duschinsky analisou a legislação eleitoral de 143 países e concluiu que, se um partido ou um candidato obtém verba pública, e sabe que todos os seus concorrentes também terão acesso a esse dinheiro, tenderá a querer passar a perna nos adversários para conseguir mais recursos que eles — e o caixa dois é um dos meios para isso. É verdade que a democracia tem um preço. Mas não é esse que os partidos, com o apoio da presidente, querem cobrar.

Quem sai ganhando

Sigla que teve mais votos na última eleição, o PT foi o maior beneficiado pelo aumento

(em milhões de reais)



Maioria sem medo

E stá em circulação na praça, de uns tempos para cá, mais um desses problemas que praticamente ninguém suspeitava que pudessem existir no Brasil — como a febre chikungunya, objeto de tensos alertas das autoridades de saúde pública nas últimas semanas, o futuro incerto dos bagres do Rio Xingu e outras calamidades ocultas que não incomodavam em nada o cidadão brasileiro até lhe informarem que era melhor, para o seu próprio bem, que ele começasse a se incomodar. O novo item que vem se somar ao rol das preocupações nacionais é, segundo o noticiário político, o crescimento da “direita” no Brasil. No mínimo, de acordo com as denúncias correntes, há um avanço do pensamento “conservador” no país — e esse avanço é descrito como um “risco”, ou uma “ameaça”, ou mesmo um “perigo”. O grito de alarme mais recente vem do Partido dos Trabalhadores. Em nota oficial expedida há pouco pelo seu diretório nacional, o PT diz que estamos diante de uma “escalada das forças conservadoras”, de “profundo caráter reacionário”. Essa ofensiva, segundo a nota, acontece nas ruas e nas instituições; envolve, pelo que está no texto, ideias, informações, questões econômicas, direitos civis e a “manipulação” das investigações policiais sobre corrupção no governo.

É estranho. Em qualquer sociedade democrática o pensamento conservador é tão legítimo quanto qualquer outro — o que poderia haver de errado em acreditar que existem valores, convic-

Todo cidadão brasileiro, desde que se comporte dentro da lei, tem direito a suas próprias opiniões, crenças ou julgamentos sobre o que é bom ou ruim

ções e costumes que devem ser conservados por parecerem corretos a quem os admira e defende? Não deveria ser um “risco”, nem uma “ameaça”, nem um “perigo” defender ideias, por exemplo, ou achar que uma posição econômica é melhor que outra, ou opinar sobre quais direitos a lei deve ou não deve reconhecer. Todo cidadão brasileiro, desde que se comporte dentro da lei, tem direito a suas próprias opiniões, crenças ou julgamentos sobre o que é bom ou ruim. Não há nada

a fazer, muito simplesmente, se as posturas que lhe agradam são consideradas direitistas, ou conservadoras, por quem discorda delas; a Constituição não proíbe que alguém seja de “direita”, nem obriga ninguém a ser de “esquerda”. Mas o PT não vê as coisas assim. Prega, como verdade indiscutível, que os cidadãos só podem se dividir entre conservadores e “progressistas”; quem é conservador é automaticamente “contra o progresso”, e os direitos constitucionais não deveriam valer para gente que é contra o progresso.

Ao se declararem escandalizados com a “escalada das forças conservadoras”, o PT e o governo, na verdade, não estão interessados em fazer bonito num debate sobre ciência política. Discursam sobre o “conservadorismo”, mas o que os preocupa neste momento, na vida real, é a constatação de que a maioria da população brasileira não está do seu lado. Na última vez em que foi consultada, nas eleições presidenciais de outubro do ano passado, essa mesma população reelegeu Dilma Rousseff. Mas foi a vitória mais difícil que o partido teve desde que o ex-presidente Lula ganhou o

JOEL RODRIGUES/FRANCA/AG. O GLOBO





**NO PLENÁRIO
DA CÂMARA**
*o governo do PT
tem nas votações
entre 130 e
140 votos
de um total de
513 deputados
— ou seja,
apenas cerca
de 25%*

primeiro dos seus dois mandatos, em 2002: encerrada a apuração, verificou-se que 90 milhões de pessoas, ou mais de 60% dos eleitores, não votaram em Dilma e que 51 milhões deles votaram contra, preferindo o candidato da oposição. A maioria eleitoral serviu para manter Dilma na Presidência, mas não foi suficiente para dar ao PT a possibilidade de mandar sozinho no Brasil, com os aliados na posição de subalternos — a “hegemonia” que suas lideranças acham indispensável para exercer o governo. Não houve, de lá para cá, nenhum esforço para entender que a maioria verdadeira estava do lado de fora do Palácio do Planalto, do Instituto Lula e do comitê central do partido. Resultado: os desastres em série que vêm sendo o pão de cada dia da vida pública brasileira nos últimos seis meses.

A maioria que realmente perturba o mundo oficial é visível sem maiores esforços. O PT, incluindo Lula, e a nebulosa que se chama “esquerda”, incluindo os “movimentos sociais”, são obviamente minoritários nas ruas. Não conseguirão, nem hoje nem amanhã, colocar em praça pública nada remotamente comparável às multidões de março e abril. Mais de 60% dos brasileiros se de-

claram a favor do impeachment da presidente da República, por considerá-la cúmplice da corrupção na Petrobras, ou omissa; outros tantos acham que o seu governo é ruim ou péssimo. Como sustentar que uma rejeição desse tamanho seja coisa de uma minoria? Pela primeira vez, nas pesquisas de opinião, os entrevistados colocam a corrupção entre os problemas mais graves do Brasil, e as manifestações de massa comprovam esse sentimento — enquanto o PT afirma, há anos, que a indignação contra a desonestidade é apenas “moralismo” de uma pequena elite. O partido acaba de ter o seu tesoureiro nacional encarcerado num xadrez de polícia, e a única ideia que lhe ocorreu a respeito foi protestar contra a prisão; é muito pouco provável que a maioria dos brasileiros tenha esse mesmo ponto de vista.

A questão não se resume ao desmanche do PT na opinião pública: mais complicado que isso, no dia a dia das decisões políticas, é a perda da maioria que o governo manteve no Congresso, para todos os efeitos práticos, durante os últimos doze anos. Ao longo desse tempo, na maior parte das ocasiões em que quis aprovar ou rejeitar alguma coisa, o PT viveu sem problemas; ho-

je, ao contrário, só tem problemas. Desde que o deputado Eduardo Cunha, do PMDB, despeçou a tentativa suicida feita pelo Planalto de derrotá-lo na eleição para a presidência da Câmara, a maioria mudou de lado. No momento, como vem se comprovando a cada confronto no plenário, o governo fica ali entre 130 e 140 votos, num total de 513 deputados; descobriu que é uma ilusão imaginar que conseguiria continuar ditando as ordens com apenas 25% da Câmara dos Deputados a seu favor. Naturalmente, o barulho das ruas, das pesquisas e dos mandados de prisão contra suspeitos de ladroagem só dá mais força a deputados e senadores que passaram a se opor ao PT; políticos, em qualquer época e lugar, têm uma alergia invencível à possibilidade de ficarem do lado errado da opinião pública.

O Congresso, mesmo quando agia sob o controle do governo então cheio de gás, aprovou tempos atrás a Lei da Ficha Limpa e acabou com o imposto do cheque, por sentir que a maioria estava querendo ambas as coisas — não teria por que se comportar de forma diferente agora, ainda mais com a presidente e seu partido vivendo de uma derrota para outra. A verdade é que os deputados, a começar por

Essa nova postura do Congresso não fica só nas questões políticas — começa a estar presente, também, em temas como a redução da maioria penal, por exemplo. A maioria dos deputados quer diminuir de 18 para 16 anos a idade em que o indivíduo passa a responder pelos crimes que comete. O PT e a esquerda em geral, ou quem assim se descreve, têm mostrado indignação com essa mudança. Mas as pesquisas informam que quase 90% da população brasileira é a favor da medida — é apenas natural, ou inevitável, que a Câmara fique ao lado de uma maioria tão definitiva quanto essa. Há considerável alarme, também, diante da ação da “banca evangélica”, sempre presente na pauta dos costumes — e especialmente empenhada na oposição ao que se considera a “causa gay”. Fazer o quê? Os evangélicos formam o culto religioso que mais cresce no Brasil. É apenas natural que votem nos candidatos que representam sua fé — e, como são muitos, sua bancada vem se tornando cada vez maior e mais influente na Câmara dos Deputados. Os parlamentares, em mais um exemplo, querem decidir sobre a demarcação de terras para os índios; como poderiam ficar ausentes das decisões a respeito, se tantos deles representam uma população francamente contrária à política indigenista dos governos? Diante de questões polêmicas como essas, e conhecendo tão bem os humores do seu plenário, o presidente Cunha tem um remédio imbatível: “Põe para votar”. Minorias, como se sabe, não ganham votações.

É este o problema real da “escalada conservadora” que o PT está denunciando — ela só tem força porque reflete os anseios da maioria, certa ou errada, e no momento isso é um perigo para o governo. William Rehnquist, juiz da Suprema Corte dos Estados Unidos de 1972 a 1986, tem algo muito interessante a dizer a respeito. “A longo prazo, as maiorias é que acabam por definir quais são os direitos constitucionais das minorias”, escreveu ele num dos seus textos mais admirados. Rehnquist esclarece que a “maioria” de que está falando não significa a maioria dos nove juizes da Suprema Corte americana, “limitada e transitória”, mas a maioria da população — e não como foi no passado, ou como será no futuro, mas como se apresenta no dia de hoje. Ela se exprime, sobretudo, através dos parlamentares que o eleitorado elege como seus representantes no Congresso. Haveria alguma alternativa melhor?



Encerrada a apuração, verificou-se que 90 milhões de pessoas, ou mais de 60% dos eleitores, não votaram em Dilma em 2014 e que 51 milhões deles votaram contra



Cunha, perceberam que não precisam mais ter medo do PT, de Lula e do “politicamente correto”; já não acham que o “lulismo” pode prejudicar sua vida e atrapalhar sua reeleição, e enquanto se sentirem assim não vão ajudar o governo em nada. Os que são oficialmente aliados ao governo precisam, é claro, defender os cargos e os interesses que têm na máquina pública. Mas descobriram que está dando para ter, ao mesmo tempo, os benefícios do poder e o conforto de votar contra o governo para fazer cartaz junto aos eleitores. Eis aí uma novidade na política brasileira. Em três eleições presidenciais seguidas, de 2002 a 2010, os candidatos da oposição viveram no pânico de se mostrarem diferentes do PT; tinham certeza de que criticar o ex-presidente Lula “tirava voto”, e disputavam para ver quem era mais a favor do Bolsa Família. Na eleição de 2014 já não foi assim, e agora o jogo é outro.



Suplementos, Vitaminas e Minerais

SIDNEY OLIVEIRA

A MAIOR LINHA DO BRASIL

MAIS DE 100 PRODUTOS A PREÇO ÚNICO

PORQUE SUA SAÚDE É ÚNICA



O combustível diário que nosso corpo precisa.

Conheça todos os produtos da Linha Sidney Oliveira, acessando:
ultrafarma.com.br ou ligue **11 5591-1466**

Não use esses produtos como única fonte de nutrientes. Recomenda-se a orientação de um médico ou nutricionista. Consumir somente a quantidade indicada nas embalagens. Gestantes, crianças, nutrízes e portadores de qualquer enfermidade somente devem consumir estes produtos sob orientação de nutricionista ou médico. NÃO CONTÉM GLÚTEN.

un

ultranutrientes
VIVER PARA NUTRIR PARA VIVER

Fabricados sob licença de ULTRANUTRIENTES USA LLC





FOI SÓ O COMEÇO
Bendine, da Petrobras, na divulgação do balanço: a empresa ainda precisa explicar de onde vai tirar dinheiro para investimentos

DO LUCRO AO PREJUÍZO

Como a má administração, a interferência política e o propinoduto do petróleo sangraram a Petrobras (em reais)

Fonte: Petrobras

Lucro sem descontos (2014)
36,4 bilhões

Perdas com a má administração e a corrupção
48,2 bilhões

Perdas com a queda do petróleo
9,8 bilhões

Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro (Comperj)	21,8 bilhões
Refinaria Abreu e Lima e Petroquímica Suape (PE)	12,1 bilhões
Propinas (contratos investigados na Lava-Jato)	6,2 bilhões
Perdas com contratos no setor elétrico	4,5 bilhões
Abandono das refinarias Premium no Ceará e no Maranhão	2,8 bilhões
Outros	0,8 bilhão

Prejuízo líquido
21,6 bilhões

A CONQUISTA DA NORMALIDADE

Ao publicar o balanço de 2014, a Petrobras pôs fim a uma aberração. Mas falta muito para a estatal virar a página e deixar no passado todos os vícios da era Duque-Costa

MALU GASPAR

Depois de meses esperando por um cálculo das perdas da maior companhia brasileira com a roubalheira do petróleo, boa parte dos cidadãos brasileiros respirou aliviada na semana passada, quando a Petrobras publicou os resultados financeiros do ano 2014. O fato de a estatal pelo menos ter conseguido divulgar um balan-

ço foi, sem dúvida, um avanço. Era o primeiro passo para ela encerrar esse capítulo nefasto de sua história, afastando o risco de ter suas dívidas cobradas antecipadamente e dando início à ansiada “refundação”. Mas a tranquilidade durou pouco. Primeiro porque o tamanho do estrago foi imenso. Só em subornos, escoaram 6,2 bilhões de reais, no maior propinoduto de que se tem notícia no mundo. Ecos da corrupção, como projetos malfeitos e por isso mesmo superfaturados — e, em menor

escala, a queda no preço do petróleo —, fizeram ir pelo ralo outros 44,6 bilhões de reais. Ou seja: na era do petróleo, a Petrobras empobreceu 50,8 bilhões de reais. Outros 7,3 bilhões de reais foram perdidos no setor elétrico e em refinarias premium. No ano passado apenas, o prejuízo foi de 21,6 bilhões. Em suas explicações, a diretoria da estatal admitiu ter tomado decisões erradas de investimento. A inépcia, aliada a interesses corruptos, pesou mais do que a lógica de mercado. Ainda assim, a Petrobras deixou no ar muitas dúvidas importantes: a empresa e o governo, afinal, aprenderam a lição? Vão mudar sua conduta para impedir que os mesmos erros voltem a ser cometidos?

Por ora, sobram sinais de que a companhia ainda está bem longe de virar a página de verdade. Para começar, a Petrobras tem hoje a maior dívida corporativa do mundo (106 bilhões de dólares até o fim de 2014, o equivalente a 282 bilhões de reais), e crescendo. Para reduzi-la e ainda fazer os investimentos necessários para gerar mais receitas, teria de arrecadar, segundo cálculos conservadores, no mínimo mais 30 bilhões de dólares até 2016. Nessa situação, esperava-se que ou cortasse drasticamente seu plano de investimentos ou demonstrasse de forma clara de onde vai tirar o dinheiro. Até agora, porém, não aconteceu nem uma coisa nem outra. A redução do investimento em 37% para 2016 foi considerada tímida diante das alter-

AS OUTRAS PERDAS

A corrupção é apenas parte das dificuldades da Petrobras



O SÍMBOLO DE UMA ERA

Obra do Comperj: era para ser um complexo com refinaria e indústria petroquímica. Mas virou uma sucata e torrou 21 bilhões de reais

AGÊNCIA PETROBRAS



nativas para arrecadar recursos apresentadas até agora, e o discurso da companhia a esse respeito tem sido confuso.

Na teleconferência com analistas, os diretores disseram que a estatal tem recursos garantidos até o fim do ano (graças a linhas de crédito abertas pelos chineses, pela Caixa Econômica Federal e pelo Banco do Brasil). Segundo eles, a Petrobras não fará nenhuma grande capitalização, não pretende vender campos do pré-sal nem mudará sua política de reajuste de preços de combustíveis nos próximos meses. A empresa, de acordo com os diretores, pretende se fi-

nanciar principalmente com o próprio caixa. No dia seguinte, contudo, o presidente, Aldemir Bendine, afirmou que fará “parcerias” para diminuir a dívida e disse que a Petrobras vai emitir títulos no exterior — sem fornecer mais detalhes sobre como se darão tais iniciativas. A mudança no discurso de um dia para o outro produziu uma alta de mais de 4% no valor das ações da companhia só na sexta-feira e fez muita gente feliz no mercado financeiro. Não aplacou, porém, a sensação de que há algo fora do lugar. “Faltaram transparência e coerência, uma vez que é impossível arrecadar

tanto dinheiro sem vender nada no pré-sal. A impressão é que o governo tem medo de ser tachado de privatizador”, diz o consultor Adriano Pires, do Centro Brasileiro de Infra Estrutura.

Acionistas e investidores continuam no escuro ainda quanto a outro item politicamente sensível, mas crucial: qual será, daqui para a frente, a política de preço para os combustíveis? Entre 2011 e meados de 2014, por determinação do governo, a Petrobras perdeu 80 bilhões de reais vendendo gasolina e diesel no Brasil a um preço mais baixo do que o pago no exterior. Bancou, assim, o aumento do consu-



Uma bússola mais confiável

O escândalo das fraudes da Enron, empresa americana que era uma das maiores do planeta no setor de energia, serviu como estopim para o aprimoramento das normas contábeis no mundo corporativo. Maquiagens contábeis, descobertas em 2001, haviam ocultado por anos a fragilidade das finanças da companhia, que apresentava lucros fictícios enquanto cultivava uma relação de troca de favores e doações vultosas a políticos. Tudo com o aval de uma auditoria até então respeitada, a Arthur Andersen. Foi a maior bancarrota da história americana: a Enron tinha ativos estimados em 50 bilhões de dólares. A partir do episódio, órgãos regulatórios estreitaram as regras. A Petrobras precisa seguir tais parâmetros, obrigatórios para empresas brasileiras desde 2010. A atualização no valor de ativos, como refinarias e blocos de exploração, atende aos requisitos do padrão internacional de contabilidade, conhecido pela sigla em inglês IFRS, de International Financial Reporting Standards. Estimar um preço atualizado para projetos como o Comperj tem o efeito colateral de gerar oscilações bruscas no patrimônio, mas se traduz em informação mais precisa aos investidores.

mo no país, mas estropiou as próprias contas e dilapidou a capacidade de investir para continuar crescendo. Em 2013, a estatal chegou a assumir publicamente o compromisso de adotar uma fórmula de reajuste para recuperar as perdas. Mas logo abandonou a promessa. Uma das perguntas mais repetidas na semana passada era se, na nova fase, a tal fórmula será reabilitada. Nada disso, disse o diretor financeiro, Ivan Monteiro, repetindo o discurso da gestão anterior — nunca praticado: “os preços seguirão padrões de mercado”.

Numa questão, porém, a Petrobras foi bastante clara: apesar de ter decidido

não pagar dividendos aos acionistas, já que não houve lucro — o que não acontecia desde 1991 —, ela vai, sim, conceder participação nos lucros e resultados (PLR) aos funcionários. A despesa de 856 milhões de reais é até pequena perto dos dividendos distribuídos nos últimos anos, em torno de 9 bilhões. “Há um acordo antigo com os sindicatos sobre esse pagamento, e nós cumprimos nossos acordos”, disse o diretor Monteiro. Pode ser. Mas a atitude não pegou bem perante os investidores que adquiriram ações da Petrobras nas últimas semanas confiando numa declaração da

presidente da República, Dilma Rousseff, à agência Bloomberg, publicada no dia 1º de abril. “A Petrobras vai dar lucro. A Petrobras vai distribuir dividendos”, afirmou Dilma, prometendo “medidas as mais drásticas, aquelas que internacionalmente todas as empresas que tiveram em algum momento situações similares tomaram e melhoraram”. Ao que parece, era só brincadeira de 1º de abril, porque o que aconteceu foi exatamente o oposto.

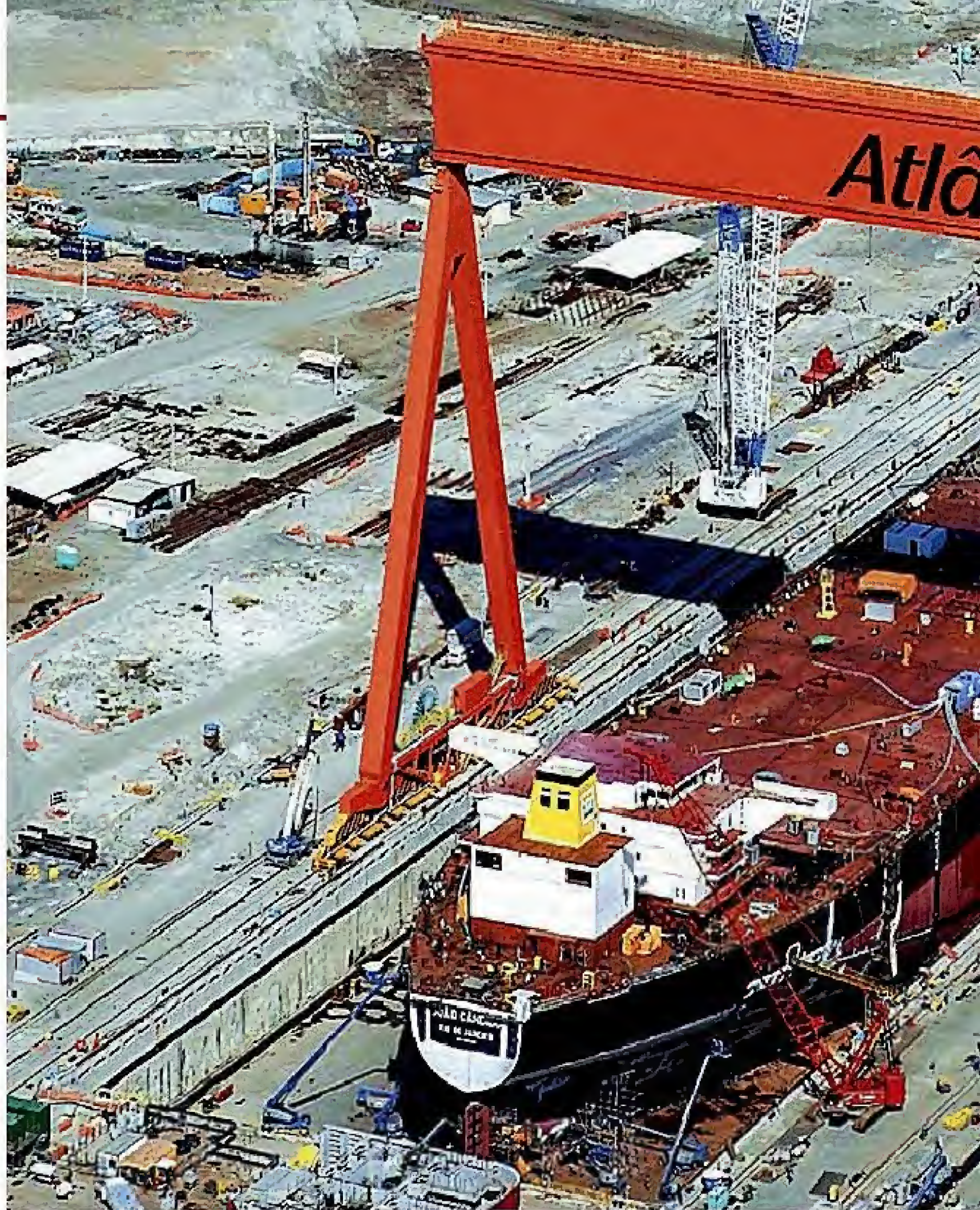
Por isso, apesar do otimismo do fim da semana, motivado principalmente pelo fato de a estatal finalmente ter



WENDERSON ALBUQUERQUE/AFIP

BRINCADEIRINHA Dilma e a promessa de pagar dividendos: era 1º de abril

um balanço, o cenário ainda é de incerteza. Os problemas que levaram ao buraco de 50,8 bilhões — sem contar as perdas com o subsídio aos combustíveis — não desapareceram. O conselho da estatal ainda é dominado por indicações políticas, os processos decisórios continuam os mesmos e não há, no horizonte, novidade que permita supor que não surgirão outros elefantes brancos como a Refinaria Abreu e Lima, em Pernambuco (menos 9 bilhões de reais por causa do superfaturamento e da má gestão), ou o Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro, o Comperj (que consumiu 25,8 bilhões de reais e, agora, está “postergado” indefinidamente). “A Petrobras precisa convencer a sociedade de que aprendeu a lição e está, de fato, tomando novo rumo”, resumiu o economista e ex-diretor-geral da Agência Nacional do Petróleo David Zylberstajn. O próximo teste serão as notas de risco das agências de rating Fitch e Standard & Poors, que por ora mantêm a Petrobras na faixa de grau de investimento com perspectiva negativa. Teme-se que, ao refazer suas contas, sigam o movimento da concorrente Moody’s e rebaixem as ações a investimento especulativo. Quem sabe, aí, o trauma seja suficiente para provocar a tão ansiada guinada em direção à eficiência e à racionalidade. Porque os 50,8 bilhões de perdas com o petrolão, pelo jeito, não deram nem para a saída. ■



EFEITO CASCATA

O corte profundo nos investimentos da Petrobras deixa empresas em apuros financeiros e amplia o desemprego

BIANCA ALVARENGA

A construção do Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro, o Comperj, foi anunciada com a imodéstia típica do então presidente Lula, em 2006. Seriam criados mais de 210 000 empregos diretos e indiretos durante as obras e, depois, com a operação do polo industrial. Há dois anos, a obra chegou a contar com 35 500 funcionários. Quando as revelações da Lava-Jato vieram à tona, no ano passa-

do, o Comperj despontou como uma das obras no esquema de superfaturamento ligado à corrupção. O empreendimento foi planejado e construído para ser um complexo petroquímico, com duas refinarias e uma planta de produção de resinas, mas foi reduzido a uma refinaria (ainda inacabada). A inauguração ocorreria em 2011, porém não há mais data prevista. Sufocada pela crise causada pelo petrolão, a Petrobras congelou os contratos com as empreiteiras responsáveis pelas obras, o que resul-



A VER NAVIOS O Estaleiro Atlântico Sul, em Pernambuco, deveria ser um símbolo do renascimento da indústria naval. Em crise, demitiu 2400 trabalhadores em março

go, os salários, a produção e a arrecadação de impostos”, diz Gesner de Oliveira, sócio da consultoria GO Associados. Neste ano, o impacto para baixo no PIB pode chegar a 1 ponto percentual, diz o economista (o PIB, portanto, pode recuar 1,5%). De acordo com a consultoria Tendências, a cada real aplicado pela Petrobras em projetos, há uma geração de 1,90 real na economia, o que dá a dimensão do potencial de danos do escândalo do petrolão. Desde o fim do ano passado, 23 fornecedoras estão impedidas de ser contratadas e de participar de licitações da empresa por causa da suspeita de envolvimento no esquema de corrupção. Outras são afetadas diretamente pela contenção dos gastos da petrolífera. Endividadas, com dificuldade para obter crédito no mercado e com a geração de re-

NO PIB

tou em demissões em massa. Restaram menos de 5 000 trabalhadores, segundo o sindicato regional. Na última quarta-feira, a Petrobras anunciou que interromperá os investimentos no Comperj. A avaliação de analistas é que a empresa só terá condições de retomar o projeto em 2018, o que deve fazer subir o prejuízo por causa de custos relacionados à manutenção das instalações e ao fechamento das vagas restantes. Um documento interno da estatal chegou a estimar uma perda de até 45 bilhões de reais.

A reviravolta do Comperj é emblemática dos novos tempos para a Petrobras. O presidente da empresa, Aldemir Bendine, disse que a decisão de investir

agora leva em consideração o caixa disponível e as perspectivas de geração de recursos. A empresa reduziu em quase 20% a sua previsão de investimentos neste ano em relação a 2014, de 35 bilhões de dólares para 29 bilhões de dólares. Para 2016, a projeção é ainda menor, de 25 bilhões de dólares. Serão priorizados projetos que apresentem maior taxa de retorno, relacionados, portanto, à atividade de exploração e produção do petróleo, em detrimento do refino e da distribuição e de outras áreas. A estratégia ajudará a preservar o caixa da empresa e a reduzir a pressão sobre o seu nível de endividamento, que está muito além do recomendado para companhias financeiramente saudáveis. “A redução dos investimentos da Petrobras afeta não só o setor de petróleo e gás como os elos anteriores e posteriores da cadeia produtiva. Há um efeito multiplicador negativo sobre o empre-

ceitas comprometida, as companhias enfrentam graves apuros financeiros. O Grupo Schahin, a OAS, a Galvão Engenharia e a Alumini entraram com pedido de recuperação judicial. Algumas empresas, como a Engevix e a UTC, puseram ativos à venda. A OAS também se viu obrigada a se desfazer de negócios promissores, entre eles a participação no consórcio que administra o Aeroporto de Guarulhos.

O mercado de trabalho sofre as consequências: o número de empregos diretos e indiretos da estatal diminuiu 17% no último ano. A indústria naval estima a demissão de mais de 40 000 pessoas, o equivalente a metade da mão de obra empregada no ano passado. Um estudo da Fundação Getúlio Vargas (FGV) prevê que o corte de postos de trabalho poderá atingir 1 milhão de trabalhadores em decorrência do efeito cascata da Lava-Jato. ■

ELES VÃO CONTINUAR CHEGANDO

A Europa não pode estimular a entrada de migrantes clandestinos nem deixar que se afoguem no Mediterrâneo. Combater o tráfico humano é o melhor paliativo

NATHALIA WATKINS

A União Europeia decidiu triplicar o orçamento dedicado ao resgate de migrantes no Mar Mediterrâneo e combater os traficantes de seres humanos em uma reunião emergencial na quinta-feira 23, em Bruxelas. O encontro aconteceu depois que um barco pesqueiro com 950 migrantes vindo de Trípoli, na Líbia, naufragou no domingo 19, ao colidir com um navio de carga português. Os viajantes eram da Síria, da Somália, da Eritreia, de Mali, de Serra Leoa e do Senegal. Apenas algumas dezenas de pessoas sobreviveram, entre elas o capitão do barco, o tunisiano Mohammed Ali Malek, de 27 anos, e o tripulante sírio Mahmud Bikhit, de 25. Eles foram presos e responderão pelo crime de tráfico de pessoas. As medidas anunciadas em Bruxelas baseiam-se na convicção de que, independentemente de existir uma estratégia para resgatar os náufragos ou não, o fluxo de migrantes não se altera. Poucos são os que desistem de sair de um país falido ou em guerra por causa do risco de morrer na travessia do Mediterrâneo. “Na última década,

ficou claro que qualquer política que tente frear o fluxo apenas o move de lugar. Novas rotas surgem, porque a motivação para viajar prevalece”, diz a australiana especialista em migração Arezo Malakooti, da consultoria Altai.

Desde 2000, mais de 22 000 pessoas morreram tentando cruzar o Mediterrâneo. Estima-se que 1 milhão de “migrantes econômicos”, aqueles que fogem da pobreza, e refugiados, que tentam escapar de conflitos armados e perseguição política, estejam aguardando um lugar nos botes de borracha e navios pesqueiros para fazer a travessia. A nova operação de salvamento europeia contará com os mesmos recursos da extinta Mare Nostrum, da Itália, mas não atuará em águas internacionais e só responderá a emergências. A esperança de que o combate ativo aos traficantes funcione vem da experiência na Somália, onde uma ação internacional conseguiu reduzir a pirataria no Oceano Índico. No caso do Mediterrâneo, isso implicará operações militares para destruir embarcações no litoral líbio antes mesmo que os traficantes as usem para transportar migrantes e refugiados. Desde a queda do ditador Muamar Kadafi, em 2011, o poder está sendo disputado por grupos





ALESSANDRO BIANCHI/REUTERS



MATTHEW MURPHY/AP

MAR DE MORTOS Socorrista carrega bebê resgatado no domingo 19. Ao lado, o capitão Mohammed Ali Malek é visto junto a um dos corpos no porto de Malta, na segunda 20

armados. Com isso, o número de barcos abarrotados de migrantes que partem da Líbia quadruplicou em um ano. Cada passageiro paga de 400 a 2000 dólares aos traficantes.

O relativo consenso europeu em torno dos resgates no mar e do combate aos traficantes não se estende à outra ponta do problema: o que fazer com os que completam a viagem. Há uma proposta para direcionar as pessoas para diferentes países com base em cotas, dependendo da necessidade e do perfil dos migrantes. Outra opção é permitir que refugiados de guerra possam requerer asilo em embaixadas europeias no norte da África ou no Orien-

te Médio, evitando, assim, o risco da viagem clandestina. No caso de uma negativa, os candidatos poderiam tentar outros destinos. Essa solução, porém, não inibiria os “migrantes econômicos”. Eles representam cerca de metade de toda a onda migratória atual. Para esse grupo, uma das saídas seria criar programas de trabalho temporário na Europa. Ações que frustrem os barcos fora dos limites territoriais europeus e conduzam os migrantes para outros lugares são peremptoriamente descartadas. “Isso seria moralmente inaceitável e só redirecionaria o problema para outro país, ainda menos capaz de lidar com ele”, diz Aspasia Papadopoulou, do Conselho Europeu de Refugiados e Exilados. A certeza de que podem ficar na Europa se sobreviverem à travessia, porém, apenas incentiva mais pessoas a tentá-la. ■

COM REPORTAGEM DE PAULA PAULI

OS AVIÕES DA COCAÍNA

Coronel boliviano confirma o fluxo aéreo de drogas, armas e militares entre Bolívia, Venezuela e Irã, e acusa o presidente Evo Morales de participação direta no esquema

DUDA TEIXEIRA

Um narcoestado torna-se realidade quando um governo é conivente com o tráfico de drogas e divide o poder com os criminosos. O caso mais ilustrativo é o da Bolívia, governada pelo presidente Evo Morales, líder sindical de produtores de coca, e também elo de uma trama internacional formada por Venezuela e Irã. Nos últimos anos, aviões militares venezuelanos sobrevoaram o território brasileiro para levar à Bolívia tropas, armas e viaturas militares. De lá, retornaram para a Venezuela com toneladas de cocaína. Parte da droga era embarcada em um voo comercial com destino a Damasco e Teerã. Na volta, o voo trazia dinheiro e

terroristas. O trecho entre Caracas e o Oriente Médio foi apelidado de “aeroteror”, e funcionou até 2010. Esse “tráfico” aéreo, que tem sido denunciado por VEJA desde 2011 com base em documentos confidenciais da polícia boliviana e da diplomacia brasileira, foi confirmado na semana passada por Germán Cardona Álvarez, um coronel do Exército boliviano.

Cardona está refugiado na Espanha. Ele diz ter recebido ameaças em seu país por ter enviado ao Comando do Exército, no dia 20 de fevereiro, um relatório de trinta páginas com denúncias de envolvimento de membros do governo em casos de corrupção e narcotráfico. A acusação mais grave é que Evo Morales negociava pessoalmente os envios de cocaína para a Venezuela. Cardona reuniu fatos que presenciou como assessor jurídico do Exérci-



“É tudo entre Morales e Maduro”

Ameaçado por membros do governo boliviano, o coronel Germán Cardona Álvarez fugiu sem a família para Madri, na Espanha, onde anos atrás ele fez uma pós-graduação. Ele falou a VEJA por telefone

Qual é o conteúdo do relatório que o senhor enviou ao Comando do Exército boliviano em fevereiro? Escrevi sobre os aviões militares venezuelanos que aterrissam no aeroporto internacional de Chimoré, na região de Chapare, e descarregam armamento militar, como fuzis Kalashnikov e mísseis antiaéreos. Depois, essas aeronaves são carregadas com cocaína da Bolívia e do Peru e voam até o aeroporto venezuelano de Maiquetía. Lá, a carga é transferida

para aviões do Irã, de Cuba e da Líbia. Depois, a cocaína segue até a Europa e os Estados Unidos. Quem toma conta disso na Bolívia é Juan Ramón Quintana (ministro da Presidência), Álvaro García Linera (o vice-presidente) e Raúl García Linera, seu irmão.

O presidente Evo Morales está envolvido? Morales vai ao aeroporto de Chimoré com a finalidade de

CARDONA
“O (ministro) Quintana é responsável por negociar cocaína com brasileiros”





to e histórias que escutou de autoridades municipais do Chapare, a principal região produtora de coca do país. Ele diz ter apenas cumprido com sua obrigação de expor aos superiores as informações que recebia. Seu relatório foi desviado e ele passou a receber ameaças de Jose Hugo Moldiz Mercado, ministro de governo.

Como assessor jurídico da Oitava Divisão do Exército, Cardona recebeu, em março de 2009, um pedido para que armas pesadas que tinham sido confiscadas de criminosos fossem colocadas à disposição do governo. Ele se recusou a autorizar a entrega. Recebeu, então, a visita de seu superior militar, acompanhado de Juan Ramón Quintana, ministro da Presidência e o segundo homem mais poderoso da Bolívia. O coronel se viu obrigado a ceder e o lote foi transportado em uma ambulância. Dias depois, Cardona descobriu a finalidade das armas. Elas foram exibidas em público e vinculadas aos três estrangeiros chacinados por uma unidade de elite da polícia boliviana no Hotel las Américas, em Santa Cruz de la Sierra, no dia 16 de abril. Os mortos foram acusados de fazer parte de um complô para matar o presidente. A revelação do coronel reforça a tese de que tudo não passou de uma armação do governo boliviano para culpar a oposição e se perpetuar no poder. ■

MONTAGEM COM FOTOS DE SEBASTIÃO MOREIRA/JESTADÃO CONTEÚDO

fazer negócios quase todos os sábados, desde 2011. As pessoas o recebem e ele fala com gente do governo da Venezuela. É tudo um negócio entre Morales e Maduro. O aeroporto é controlado pelos grupos municipais. As Forças Armadas não entram.

Há outros governos metidos nessa rota de tráfico para o Oriente Médio? Há alguns anos, foi firmado um convênio secreto entre a Venezuela e o Irã para criar um voo entre Maiquetia e Teerã. A bordo, levavam-se cocaína, drogas, dinheiro e jihadistas.

Por que tantas armas estão chegando à Bolívia? Eles (os altos funcionários do governo) querem criar uma força pa-

ralela ao Exército. É algo que Quintana, Linera e Morales chamam de Guarda Plurinacional Popular. Pensam que esse povo armado poderia defendê-los, se necessário.

Quantos aviões com cocaína já foram para a Venezuela? Para saber isso, basta ligar para a Aeronáutica do Brasil e perguntar quantos aviões militares venezuelanos já receberam permissão para atravessar o espaço aéreo brasileiro.

São aviões grandes, como o Hércules C-130? Sim, mas também há outros menores, de marca russa.

O Brasil entra nessa história? Juan Ramón Quintana é o responsável por

negociar cocaína com os brasileiros. Ele tem pistas clandestinas na Bolívia, perto da fronteira, que são vigiadas por gente armada, civis e militares, incluindo venezuelanos. Quando Quintana esteve a cargo de cuidar da fronteira, ele organizou o narcotráfico e costurou negócios ilícitos e de venda de madeira e de gado com o Brasil. Seu braço-direito é Jéssica Jordan. Quintana ainda montou um grupo dedicado à cocaína chamado Cartel das Estrelas, com oficiais das Forças Armadas e da polícia. Eles têm ligações com Venezuela, Brasil, com as Farc da Colômbia e com os mexicanos. São um apêndice do Cartel dos Sóis, formado pelos venezuelanos.



Os renomados

Ser sobrenaturalmente belo e ter algum talento, disciplina jesuítica e ego faminto de aplausos formam o material básico das estrelas. Também é quase obrigatório ter um bebê com um nome tão inexistente na natureza que não deixe dúvida sobre a profissão de seus pais. A atriz **BLAKE LIVELY** explicou na semana passada o nome original da sua bebezinha de 4 meses, James. “É um nome de família. Gosto que seja de menino, também”, disse Blake, que, como o marido, **RYAN REYNOLDS**, tem nome igualmente unissex. Outros nomes recentes de bebês de famosos: a cantora Alicia Keys batizou seu caçula de Genesis Ali, e a atriz Liv Tyler, o seu, de Sailor. A filhinha de Eva Mendes e Ryan Gosling é Esmeralda Amada, o primeiro por causa da cigana de *O Corcunda de Notre-Dame*, o segundo por causa da avó cubana dela.

Surrupiadados no ninho

Até onde pode chegar a raiva de um homem (de aparência normal) que perdeu a namorada (estonteante) para um ator (igualmente lindo)? O milionário americano **NICK LOEB** atingiu um novo parâmetro vingativo. Anunciou que vai processar **SOFIA VERGARA**, de quem foi noivo até o ano passado, alegando que a colombiana que virou a atriz mais bem paga da televisão americana quer destruir os embriões que eles produziram juntos e deixaram congelados, para uma eventual implantação. “Sempre quis ser pai. Fiz esses dois embriões, do sexo feminino, com o propósito de vê-los vingar”, diz Loeb. “Sofia não precisa ter relação parental ou financeira com elas, a não ser que queira.” A atriz, que nega a desvinculação com os embriões, há poucos dias anunciou que vai se casar com **JOE MANGANIELLO**. “Sou de família siciliana. Tenho sangue quente”, diz Manganiello, com seus 104 quilos de puro músculo. Congela o ex, cara.

ZUMA PRESS



DAVID FISHER/REX



IMAGEM

Tenha santa paciência, Batman

Pareceria elogiável, se não fosse duplamente mentiroso. Exposto no caso das mensagens invadidas da Sony, o ator **BEN AFFLECK** desculpou-se publicamente por ter pedido que, num conhecido programa de televisão sobre o passado familiar de famosos, fosse eliminada qualquer referência a um trisavô dono de escravos. O apresentador, Henry Louis Gates Jr., “nem tinha incluído isso na primeira montagem”, alegou o próximo Batman do cinema. Mentira; a versão original do programa também veio à tona e mostra os dois conversando sobre o caso. Affleck é ardoroso militante da ala mais à esquerda do Partido Democrata e Gates é o professor de Harvard que certa vez tentou arrombar a porta emperrada da própria casa, foi preso devido ao chamado de um vizinho que viu a cena ao longe e se transformou em vítima do racismo. Sobre o caso Affleck, não deu um pio.

Fabulosamente Fabi; em dobro

Quem disse que aos 30 anos as modelos estão em idade de aposentadoria não conhece a vontade de ferro da capitã da seleção de vôlei **FABIANA CLAUDINO**. O resto certamente não passou despercebido: 1,94 metro de altura, manequim 38 e ossatura facial de rainha egípcia. Como uma adolescente sonhadora, ela fez cursos de passarela, um book e contato com agências de modelo. Já ganhou o primeiro trabalho. “Em um mês e meio começam os treinos para a Olimpíada. Minha sorte é que não pego muito músculo nem tenho o quadril da Beyoncé”, brinca Fabi. Depois dos Jogos Olímpicos, é a jogadora da seleção que vai se aposentar: “Odeio usar meião. Agora, sou modelo. Tenho de andar de salto”.



TIAGO FARINHO & JANA FRANCISCO

Segurem os nervos, lá vem o noivo

CAMELA BUTCHER



PASCALLE SECRETAN/GETTY IMAGES

A união entre a beleza, a inteligência e o império da lei só podia dar coisa boa. Mas uma dose extra de emoção também ajudou. “Sou ansioso e a Lava-Jato potencializou isso. Ana diz que eu estava três vezes mais nervoso que ela”, brinca **AUGUSTO DE ARRUDA BOTELHO**, advogado da Odebrecht no capítulo em que a construtora é investigada por suspeita de pagar 23 milhões de dólares de propina a corruptos da Petrobras. A noiva é a modelo e estudante de medicina **ANA CLAUDIA MICHELS**, que encheu a festa de amigas deslumbrantes e ganhou o vestido de Riccardo Tisci, da Givenchy: “Ele só me deixou vélo na prova, em Paris”.



NEM ADIANTA FAZER FILA

O Watch, da Apple, só é vendido on-line e em lojas finas. É uma estratégia da empresa para entrar no setor de luxo

RAQUEL BEER

“O design não se restringe à aparência. Design é como algo funciona”, definia Steve Jobs (1955-2011), o irascível e genial fundador da Apple. Esse mote, muito mais que uma frase qualquer, guiou a empresa mais valiosa do mundo desde seu surgimento, nos anos 70. A estética limpa e extremamente funcional de seus produtos, aliada à beleza e padronização inimitável, fez da maçã mordida um ícone cultural de nosso tempo. Nos lançamentos, sempre foi tradição apresentar apenas um tipo de desenho, de iPhone, de iPad ou de Mac — ao longo do tempo, todos só ganharam mínimas variações estéticas, ainda que incorporadas a

avanços tecnológicos. Os produtos se ligam pela coesão estilística. A Apple, porém, decidiu não respeitar esse bastião na produção de sua nova mágica, a primeira idealizada do zero depois da morte de Jobs. O smartwatch (termo que designa os relógios digitalizados, com funções semelhantes às de smartphones) Apple Watch chegou aos pulsos na sexta-feira passada com 38 versões (veja as opções na pág. 86), tão diversas que o preço varia de 349 dólares a 17 000 dólares. A mudança de caminho é uma resposta ao fato de o relógio não ser somente um gadget. Pretende ser item de luxo da indústria da moda. O Watch levou a Apple a alterar não só conceitos de design, como toda sua estratégia costumeira de comercialização.

É PARA SER CHIQUE
Pessoas buscam o relógio da Apple em frente à loja londrina Dover Street Market

No dia do lançamento dos produtos da Apple, os fãs da marca usualmente se aglomeram em frente às lojas da empresa. Os que chegam ao caixa saem beijando, vitoriosos, as embalagens. Desta vez, porém, as filas mudaram de endereço. As Apple Stores não venderam o Watch. As compras foram feitas on-line, com entrega em domicílio, e em quiosques de luxo de galerias como a parisiense Lafayette. Para cuidar da mudança, a Apple contratou há dois anos Angela Ahrendts, CEO da fabricante de roupas e acessórios Burberry. Na semana retrasada, Ahrendts espalhou um comunicado para funcionários da Apple no qual informou que os dispositivos estariam disponíveis apenas pela plataforma on-line, além das lojas parceiras. Pediu que vendedores orientassem compradores desavisados. Escreveu Ahrendts: “O Watch cria uma categoria para nós. Vem com diferentes opções porque é um objeto de autoexpressão”.

BEN A. PRUCHINE/GETTY IMAGES

CASA CLAUDIA



“CASA CLAUDIA me renova e me deixa ainda mais inspirado para criar.”

Guto Requena, arquiteto e leitor de CASA CLAUDIA



Guto Requena doou seu cachê para o GRAACC

O poder das combinações

Mais que um gadget, o Watch é um item fashion. Por isso, a Apple mudou sua estratégia típica ao apostar na criação de uma ampla variedade de modelos (em vez de replicar o design belo, mas padronizado, que implantou em Macs, iPods, iPhones e iPads)

O COMPRADOR PARTE DE TRÊS MODELOS COMO BASE,...



Sport

Watch

Edition

...ESCOLHE A PULSEIRA...



5 tipos*

10 tipos*

1 ou 3 tipos*

...E AINDA OPTA PELA CAIXA DO RELÓGIO



2 opções

2 opções

4 opções

(todas de ouro, amarelo ou rosa)

Total de combinações possíveis: 38
349 a 17 000 dólares

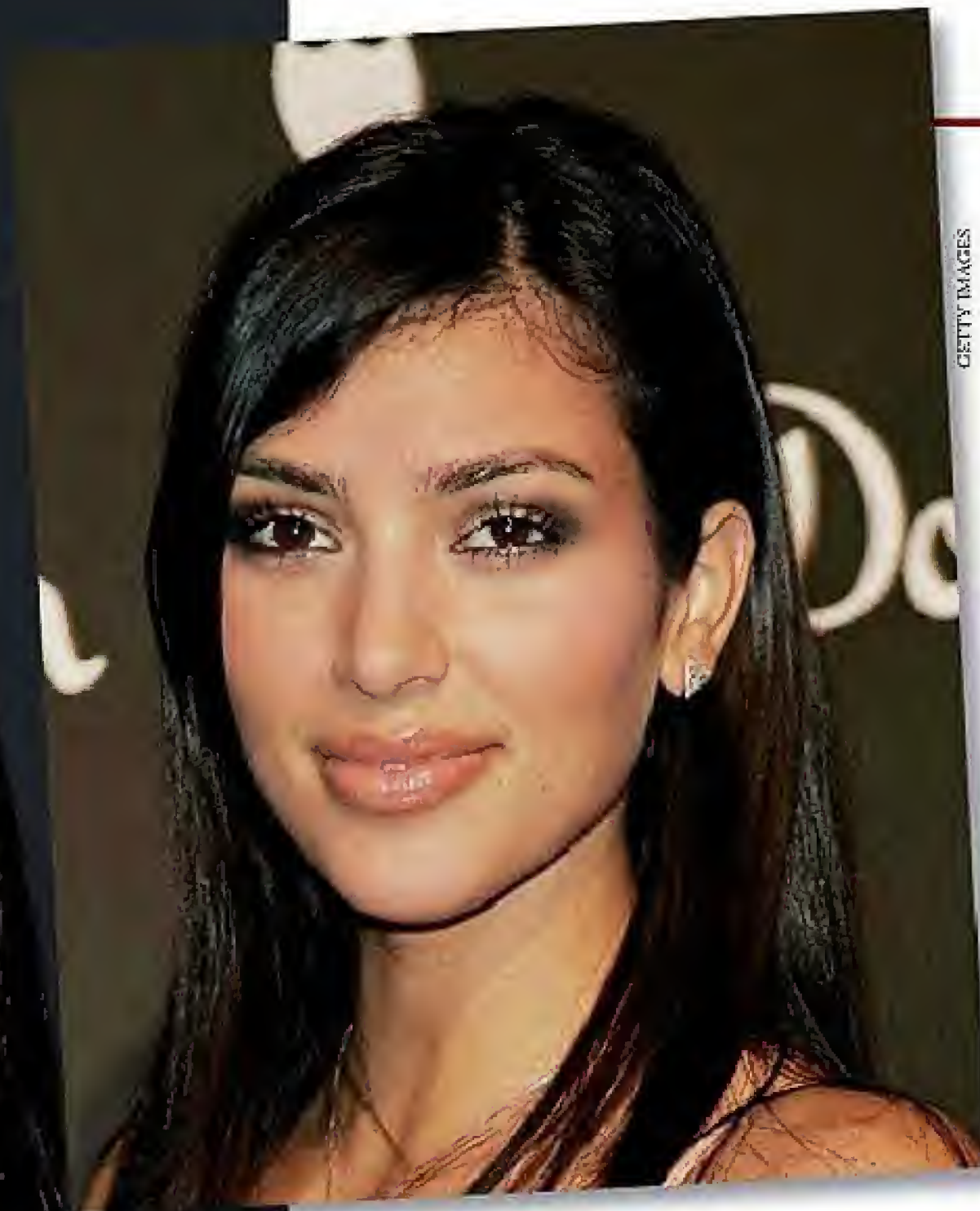
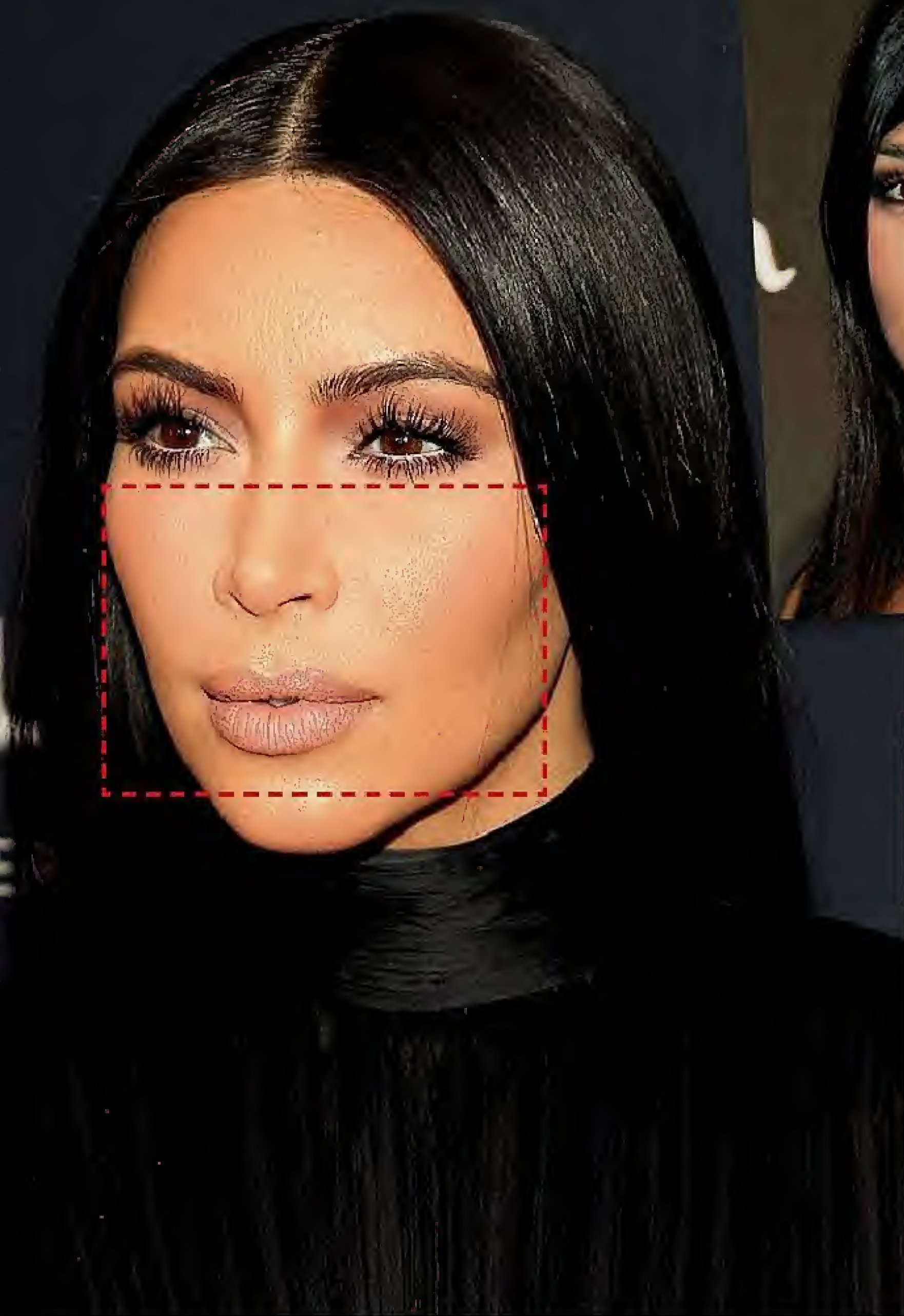
Análises precipitadas concluíram que a falta do produto nas lojas seria consequência de despreparo. A verdade é que a tática foi pensada desde o começo. Não seria econômico — mas, sim, uma falha logística — fabricar uma enorme quantidade dos modelos para atender às tradicionais filas quilométricas que se formam quando chegam as peças da Apple. Em vez disso, permitiu-se que o consumidor escolhesse a opção de sua preferência no site — ou comprasse poucas versões nas boutiques de luxo. O plano deu certo. Foi 1 milhão de pedidos só no último dia 10, quando se abriu a pré-venda. Desde então, outros 2 milhões de unidades foram encomendados. É possível imaginar o número excessivo de relógios que precisariam ser produzidos para atender à demanda, sem o conhecimento prévio de qual cada cliente desejaria.

A necessidade de abrir uma exceção à regra foi uma imposição do novo mercado em que a Apple se incluiu, o do luxo. Diferentemente de um iPhone, que pode ser guardado no bolso, o relógio é uma tecnologia vestível, sempre à mostra. Diz Angela McIntyre, da consultoria Gartner: “Consumidores estarão interessados nas funcionalidades. Mas vão comprá-lo mais para associar a própria imagem ao item”. Em outras palavras, tendem a tratar o Watch como se fosse uma bolsa Louis Vuitton.

Essas mudanças evidenciam uma repaginação da Apple? Não. A quebra da uniformização atende a um ponto-chave. O real cerne da Apple não é o padrão de suas criações, mas como cada lançamento tem o poder de transformar mercados, dando fôlego a inovações desprezadas, e mesmo criando indústrias, como fizeram o iPod e o iPhone, um com a música digital, o outro com os smartphones. Nenhum dos dois era o pioneiro de sua categoria — mas eles redefiniram mercados inteiros. Para conseguir isso com relógios inteligentes, a Apple teve de fazer concessões. Será difícil, mas não impossível, dar certo. Estima-se que a novidade fará com que a compra de smartwatches cresça 500% neste ano. Metade das vendas será de Watches. ■

*De acordo com a caixa escolhida





GETTY IMAGES

KIM KARDASHIAN *E, quando faltava quase nada mais para mudar no corpo, a estrela americana de silhueta mutante decidiu reduzir as bochechas*

Sucesso no Brasil, a cirurgia para ressaltar as maçãs do rosto comprova o que os gregos afirmaram há milênios — o belo está na simetria

CAROLINA MELO

Os órgãos são compostos de vários tecidos, de natureza muito diferente.” A afirmação, cunhada no fim do século XVIII pelo anatomista francês Marie François Xavier Bichat (1771-1802), serviu de epígrafe, aparentemente simples mas espetacularmente objetiva, a um novo caminho na medicina. Pela primeira vez, um médico compreendia mais detalhadamente a complexidade do organismo humano. Bichat realizou centenas de autópsias para alcançar o centro de sua conclusão. Em um ano, chegou a dissecar 600 cadáveres. Obcecado, passava as noites no necrotério para se dedicar ao estudo com os corpos. Bichat macerava os tecidos, assava-os,

PAUL MORGUE/FILMMAGIC

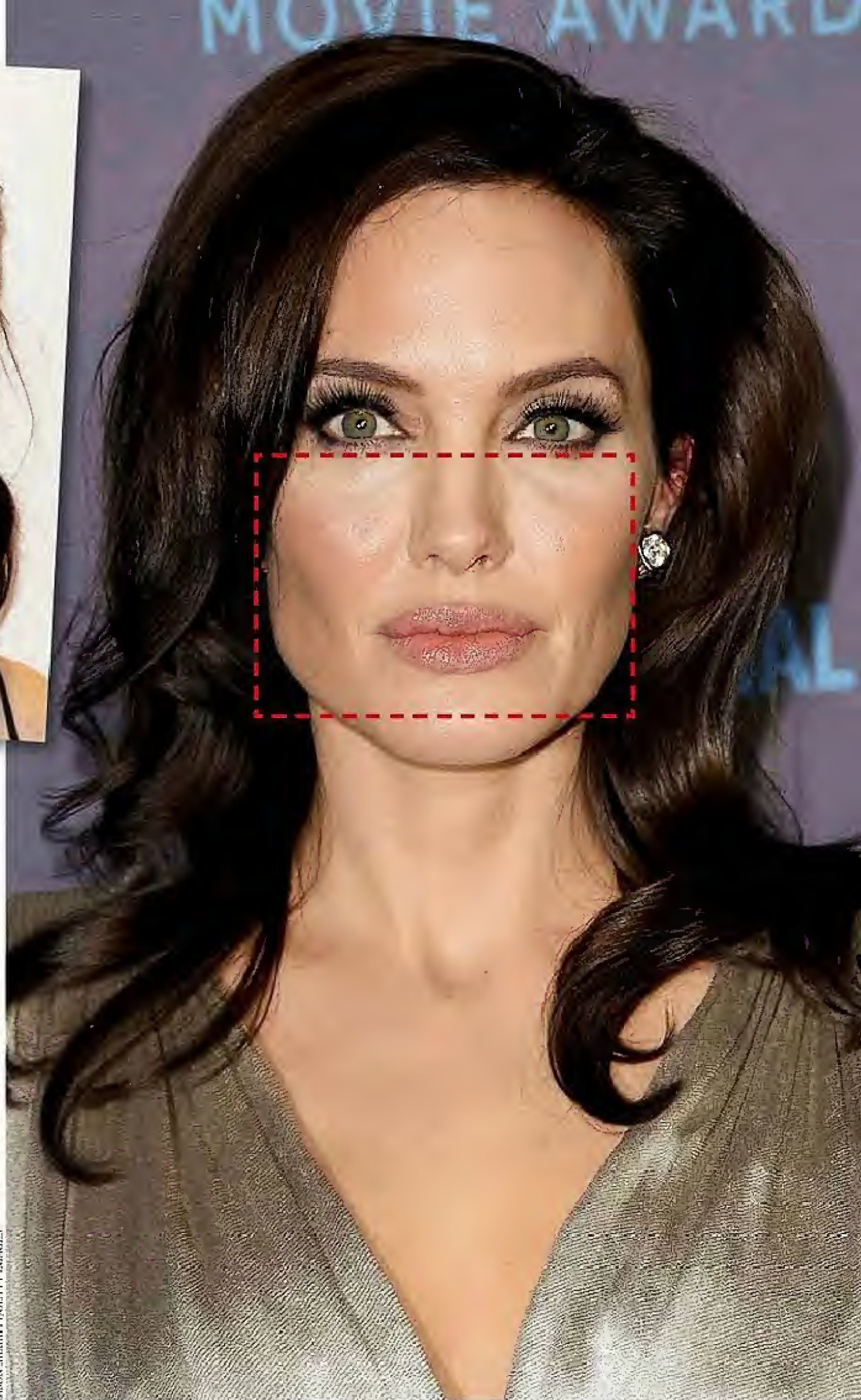
A MATEMÁTICA DA BELEZA



ANGELINA JOLIE Antes das operações preventivas contra o câncer de mama e de ovário, a atriz recorreu ao bisturi para ressaltar as maçãs do rosto

fervia-os, secava-os e observava como se decompunham. Um de seus achados permitiu a criação, dois séculos depois, de um dos mais curiosos, modernos e procurados procedimentos estéticos — a cirurgia de redução de bochechas para ressaltar as maçãs do rosto. O procedimento consiste na retirada de um pedaço da porção de gordura das bochechas chamada de “bola de Bichat”, evidente referência ao anatomista francês que dormia com os mortos. A técnica foi batizada com um nome um tanto risível — bichectomia —, mas é tratada com rara seriedade por quem deseja mudar o rosto.

Vê-se o resultado da bichectomia em mulheres lindas, que aparentemente nada teriam a corrigir e que agora desfilam com as maçãs faciais protuberantes. A lista é nobre: começa com a estrela de reality show Kim Kardashian, passa pelas atrizes Angelina Jolie e Jennifer Lopez e termina com a onipresente Madonna. Diz o cirurgião João de Moraes Prado Neto, presidente da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica: “O rosto ganha um aspecto mais jovem e magro com a valorização das maçãs”.



É o sonho de absolutamente todas as mulheres do mundo.

A bichectomia é sucesso recente no Brasil. Em 2015, foram realizadas trinta cirurgias desse tipo a cada mês. Um número três vezes superior em relação ao mesmo período de 2014. O procedimento é simples. Feito com anestesia

local, ele tem duração de cerca de trinta minutos. A extração da gordura é realizada pela parte interna das bochechas, por meio de uma pequena incisão. A recuperação é rápida. “O processo é muito semelhante ao de extração de um dente do siso”, diz Eduardo Kanashiro, cirurgião plástico e chefe do Ambulató-



VINNIE ZUFFANTE/GETTY IMAGES

MADONNA

Como ela não poderia jamais ficar para trás, foi a pioneira na bichectomia entre os muito famosos



KEVIN MAZUR/GETTY IMAGES

rio da Face, do Hospital Santa Marcelina, em São Paulo. Recomenda-se repouso por cerca de dois dias, tempo de duração do inchaço no rosto.

Localizada entre a maçã do rosto e a mandíbula, a bola de Bichat tem como função facilitar os movimentos da mastigação, servindo como amortecedor entre os músculos durante os movimentos da boca. O tecido adiposo tem um papel evolutivo fundamental. Diferentemente da gordura subcutânea, ele permanece praticamente inalterado. No rosto de um bebê, portanto, esse tecido é proporcionalmente maior em relação ao de um adulto. Há uma

razão para isso: reforçar as bochechas e impedir que elas entrem em colapso durante a amamentação. A gordura da bola de Bichat só é atingida em casos de desnutrição severa. Mesmo assim, trata-se do último depósito adiposo a ser consumido em uma situação extrema. Quando a perda de peso é decorrente de dietas leves, ele permanece intacto. Por isso, a cirurgia tem sido procurada tanto por quem está em guerra com a balança como por quem está com o peso ideal. Aos 32 anos, a goiana Soraya Felício submeteu-se à bichectomia, em 2013. “Passei minha vida sofrendo na escola por causa do

meu rosto. Emagrecia e continuava bochechuda”, lamenta Soraya.

Não é exagero dizer que os cirurgões fazem cálculos de trigonometria para extrair a bola de Bichat e chegar ao novo contorno facial. Desde a Grécia antiga, um poderoso conceito fez nascer obras-primas da pintura, da arquitetura e da música — o de simetria. Platão, o primeiro filósofo a tratar do assunto, dizia que “o belo é tudo aquilo em que as partes se agrupam de um modo coerente para compor a harmonia do conjunto”. Para os gregos, a ideia de equilíbrio era matemática. Eles caminhavam pelas leis da chama-



DE AGOSTINI/GETTY IMAGES

O PATRONO

O anatomista francês Marie François Xavier Bichat (1771-1802) batizou a gordura facial agora extraída

da razão áurea — quando a perfeição estética está na relação geométrica. É como se os números fossem um atestado de que o mundo tem uma ordem. Enquanto os antigos utilizavam régua para definir proporções estéticas, hoje se usam bisturis.

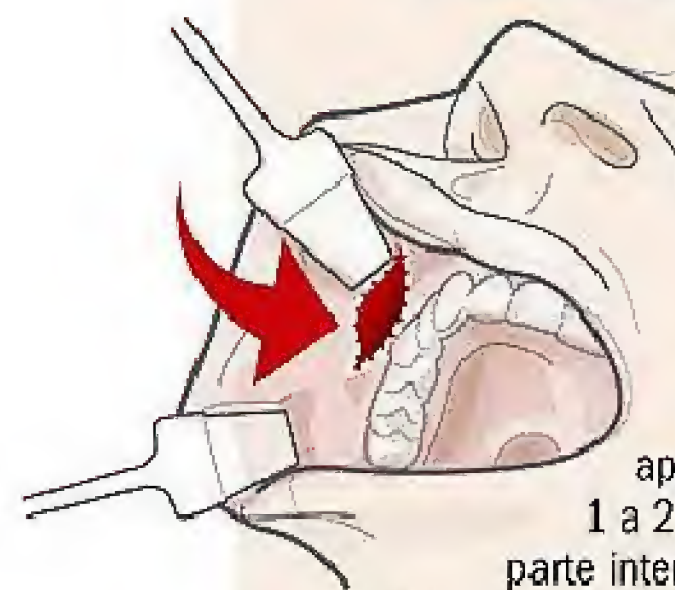
É incontestável a ideia da beleza como resultado da harmonia. Mas os critérios em torno desse postulado mudam com os humores do tempo. Havia uma razão muito clara para que as mulheres rechonchudas dos quadros de Sandro Botticelli (1445-1510) fossem consideradas belas e atraentes. As formas avantajadas eram um privilégio de pessoas que não exerciam trabalhos braçais, raridade naquele tempo. Hoje, com populações cada vez mais gordas, tem-se o culto à magreza. Nesse cenário, os rostos magros da bichectomia se encaixam à perfeição. A definição mais moderna (e brilhante) de beleza, no entanto, está nas palavras do escritor e filósofo italiano Umberto Eco, em seu livro *História da Beleza*: “Aquilo que é

belo é igual àquilo que é bom e, de fato, em diversas épocas históricas criou-se um laço estreito entre o Belo e o Bom. Mas, se julgarmos com base em nossa experiência cotidiana, tendemos a definir como bom aquilo que não somente nos agrada, mas que também gostaríamos de ter”. Como um rosto de aparência mais delgada, por exemplo.

Como ocorre com qualquer cirurgia, a bichectomia tem riscos, mas calculados. A bola de Bichat fica próximo do ducto parotídeo, estrutura responsável por transportar a saliva produzida por uma glândula até a cavidade da boca. O ducto é delicadíssimo, com diâmetro de 3 milímetros e comprimento que varia de 15 a 40 milímetros. Seu rompimento comprometeria o transporte de saliva. Há ainda nervos na região, responsáveis por dar mobilidade aos músculos dos lábios. Uma lesão nessas estruturas poderia resultar no mau funcionamento e até na paralisia facial. Nada que afugente a vontade de redesenhar um rosto já bonito. ■

A gordura pinçada

Como é a técnica de redução de bochechas



1

Depois da aplicação de anestesia local, é feito um corte de aproximadamente 1 a 2 centímetros na parte interna da boca, na altura do segundo molar superior

2

Com uma pinça, puxa-se a bola de Bichat — a gordura que fica entre a maçã do rosto e a mandíbula. Ela serve para facilitar a movimentação dos músculos da mastigação



Bola de Bichat

3

Com um bisturi elétrico, corta-se cerca de 70% de gordura da bola de Bichat. Em média, o pedaço retirado mede 5 centímetros de comprimento por 3 centímetros de largura

4

Após a retirada, sutura-se o corte com dois a três pontos. O procedimento leva cerca de trinta minutos, a partir da sedação

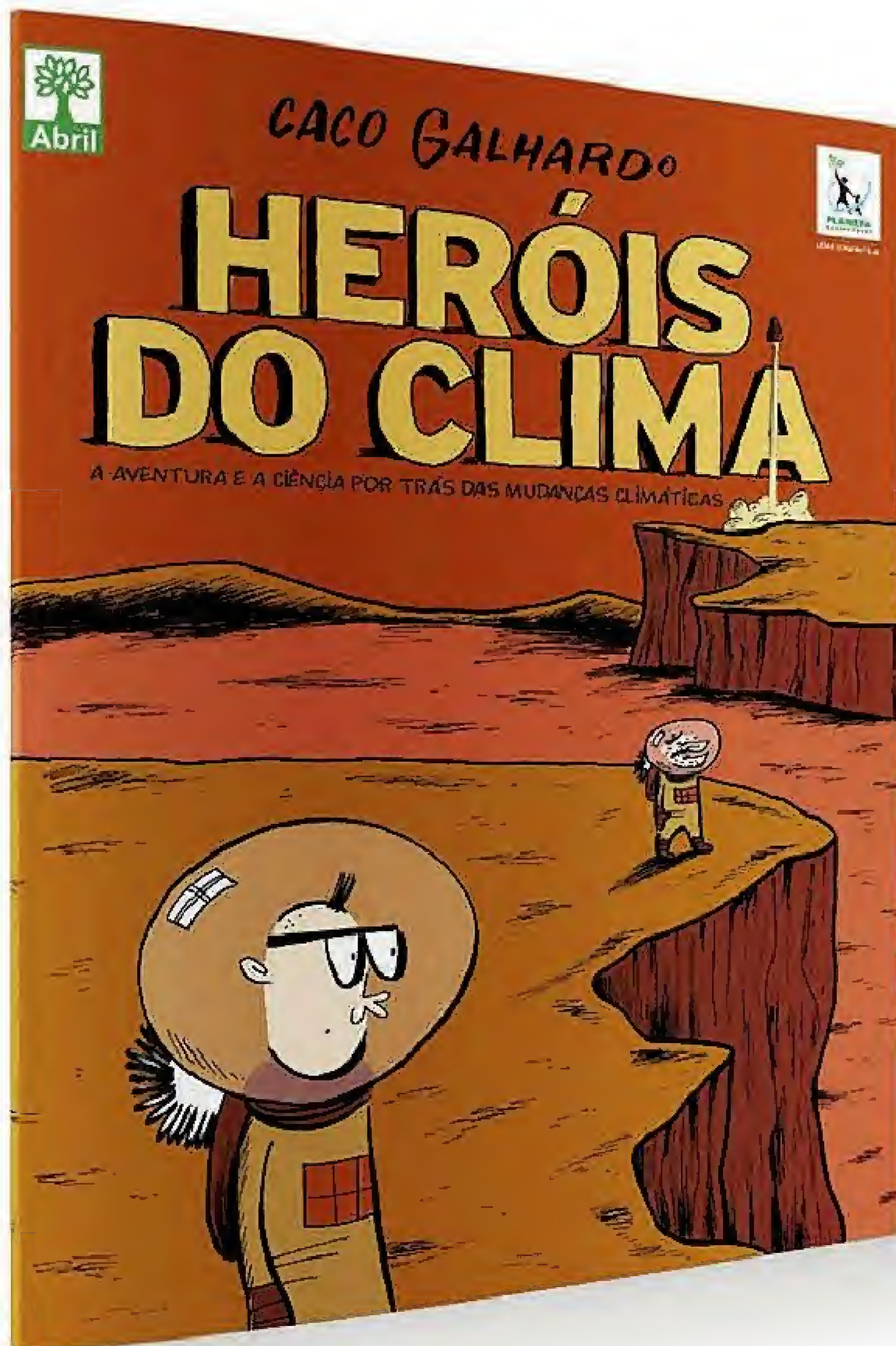


5

O resultado é um rosto afinado, com redução de 70% na espessura da bochecha no local da incisão, o que ressalta as maçãs do rosto

Fonte: Eduardo Kanashiro, cirurgião plástico e chefe do Ambulatório da Face, do Hospital Santa Marcelina

O desafio do clima tem seus primeiros heróis



“É uma contribuição tão importante quanto as contribuições científicas mencionadas na história.”

Marcos Buckeridge | Instituto de Biociências /USP

"Com ótima narrativa, a obra propõe uma divertida viagem pela ciência do clima."

Tasso Azevedo | Consultor de clima e florestas

.....

"Caraaaaaaaca!!!!!!"

Sérgio Bersserman | Economista e ambientalista

.....

"Temas que às vezes nos desdobramos para deixar fáceis e agradáveis são traduzidos de uma forma muito informativa, *sin perder la ternura*."

Paulina Chamorro | Rádio Eldorado e Rádio Estadão

.....

"Mais direto, claro e incisivo, impossível."

Lia Diskin | Associação Palas Athena

.....

"*Heróis do Clima* aguça o interesse de especialistas e iniciantes. Afinal, sem inteligência e humor, não se vai a lugar nenhum."

Henrique Lian | Instituto Ethos

.....

"É bom lembrar que a lista de heróis do clima precisa aumentar, até incluir os heróis das pequenas coisas do dia a dia."

Carolina Dubeux | Centro Clima/Coppe/UFRJ



ATOL ESTÚDIO



BAIXE SEU EXEMPLAR GRATUITAMENTE PLANETASUSTENTAVEL.COM.BR





MUITO ALÉM DA DIVE

A realidade virtual, que progrediu de mãos dadas com a indústria de videogames, deixa de ser apenas uma brincadeira de crianças e adultos e começa a ser utilizada para fins bem mais nobres

RAQUEL BEER

A tecnologia de realidade virtual, que procura simular o mundo por meio de computadores, passou por três fases. Na primeira, houve a euforia dos anos 60, quando o cineasta americano Morton Heilig apresentou uma cabine individual capaz de projetar imagens em 3D, dotada de um proliferador de cheiros e de uma poltrona que vibrava. O que ele chamou de “o cinema do futuro” foi considerado a primeira experiência de realidade virtual. Cientistas se empolgaram. Em 1965, o americano Ivan Sutherland, pioneiro nos estudos da internet, imaginou o

“visor máximo”, um gadget com a capacidade de transformar o mundo ao redor para adequá-lo ao nosso gosto. A tecnologia, porém, emperrou e entrou em seu segundo estágio, o de descontentamento. As pesquisas não tiveram avanços significativos até o fim dos anos 70, quando a Atari as aplicou no desenvolvimento de videogames. Começou a terceira fase, que perdurou até a década passada: a do entretenimento. Passou-se a associar a realidade virtual apenas ao divertimento. Essa visão persistiu até 2012, quando o empreendedor Palmer Luckey lançou o Oculus Rift. O aparelho se asse-



O ENSAIO PARA A GUERRA

■ **A prática virtual:** desde 2009, combatentes da Marinha americana praticam missões em cenários que mesclam elementos virtuais com reais. O mundo digitalizado pode ser usado para **treinos terrestres** (acima), aéreos ou mesmo para ensinar um marine a **conduzir navios** (ao lado)

■ **O efeito no mundo real:** a imersão ajuda a tornar mais instintivas ações que os soldados devem tomar em meio ao caos de uma guerra e os prepara para encarar batalhas em novos ambientes. Se uma equipe precisa invadir uma casa para capturar um terrorista, na simulação já se acostumará à estrutura do edifício e saberá qual deve ser o provável posicionamento de inimigos

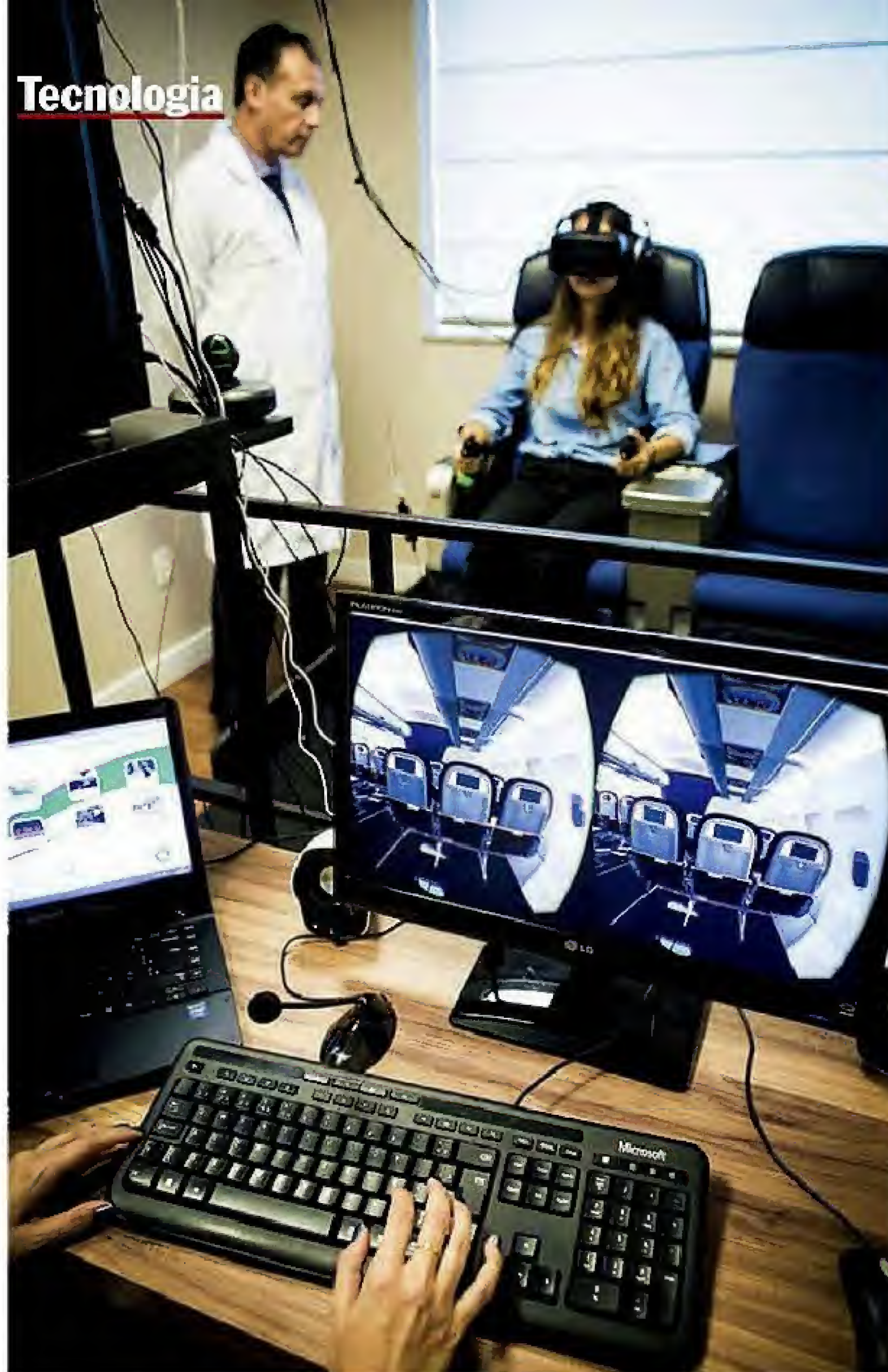
RSÃO

melha ao que vislumbrou Heilig nos anos 60: é capaz de recriar, em detalhes impressionantes, a realidade à frente dos olhos. Inicialmente, a inovação parecia que impactaria apenas o mundo dos games. Mas ela começou a se mostrar muito mais promissora, com usos em treinamentos militares, na medicina e em pesquisas científicas de toda sorte. A quarta onda, esta que vivemos, marca a primavera da realidade virtual.

A tecnologia se desenvolveu rapidamente nos últimos dez anos graças, sobretudo, ao poder da indústria de games. O competitivo mercado dos jogos

virtuais movimenta 100 bilhões de dólares ao ano e investe pesado em inovações. Em duas décadas, os jogos eletrônicos passaram das imagens pixeladas, nada realistas, do *Doom* — o clássico de 1993 no qual os alvos eram seres alienígenas — para a alta resolução de um *Call of Duty*, jogo de tiro tão verossímil que é usado por soldados e policiais em treinamentos. O Oculus Rift elevou o patamar da inovação, ao projetar diretamente nos olhos imagens em alta resolução. O mundo virtual é recriado ao redor da pessoa e responde a cada movimento. Se o usuário se vira à direita, o dispositivo demora apenas dois milissegundos (tempo imperceptível ao cérebro) para ajustar a imagem à frente. Na prática, o Rift mergulha as pessoas em outra realidade (veja o quadro na pág. 96).

O potencial comercial imediato é promissor. O mercado de realidade virtual movimentará pelo menos 407 milhões de dólares até 2018, quando 25 milhões de pessoas terão comprado tecnologias similares às dos óculos Rift. São esses números que atraíram para o ramo um gigante da indústria digital, o Facebook. No ano passado, a empresa de Mark Zuckerberg comprou a Oculus Rift por 2 bilhões de dólares. Zuckerberg planeja vender a inovação para o uso em games e utilizá-la no próprio Facebook, pelo qual usuários da rede social poderão, em breve, imergir em vídeos publicados por amigos em sua timeline. Mas a ambição de Zuckerberg não para aí. Ele pretende usar a tecnologia para redefinir uma série de indústrias que vão muito além da diversão.



PARA COMBATER O MEDO

■ **A prática virtual:** o paciente é exposto à sua fobia, como o medo de voar.

Ao processar o trauma com a ajuda de psicólogos, aprende a lidar com a situação antes de ter de encará-la para valer

■ **O efeito no mundo real:** a exposição repetida à fobia, sempre com acompanhamento médico, faz com que a pessoa reaprenda a reagir diante daquele cenário crítico quando de fato ele ocorrer

Os militares americanos são pioneiros no uso da tecnologia para fins, digamos, mais nobres. Além dos treinamentos, o psicólogo Albert Rizzo, diretor do Instituto para Tecnologias Criativas da Universidade do Sul da Califórnia, tem usado a inovação para tratar de traumas de guerra. Disse Rizzo a VEJA: “Os veteranos evitam pensar na situação traumática, como a morte de um amigo, porque isso lhes proporciona alívio. Mas o trauma não vai embora sozinho. A superação só ocorre quando eles encaram o problema”. Rizzo faz com que os pacientes desafiem o medo. Se o trauma surgiu pelo fato de ter visto um colega perder a perna na explosão de uma granada, o psicólogo recria a cena virtualmente e ensina o soldado a conviver com a situação. “Ao longo das sessões o nível de nervosismo fica cada vez menor, já que o paciente depara com a fobia repetidamente, aprende a processá-la e, assim, perde a sensibilidade excessiva diante de barulhos, imagens, tudo o que faz com que se lembre daquilo”, conclui.

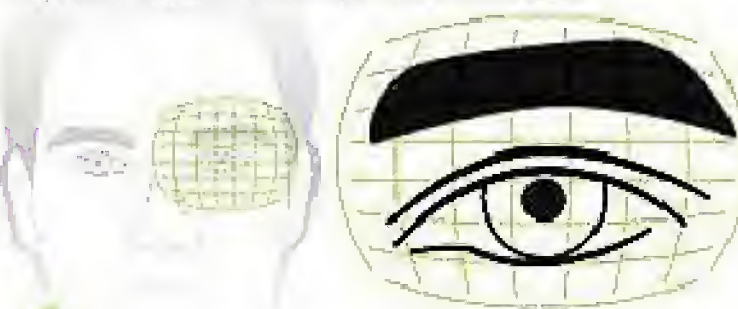
BRUNO SANTON/VEJA.COM

Depois de vestir o Rift, uma pessoa leva poucos minutos para confundir a realidade virtual com o mundo real. Está aí o verdadeiro potencial do dispositivo: utilizar o mundo virtual para colocar indivíduos diante de situações que evitam, nunca enfrentariam ou terão de encarar na vida para valer. Fora do entretenimento, um dos primeiros compradores dos óculos foi o Exército americano. Há décadas pilotos utilizam equipamentos similares para treinar. O Rift, porém, insere qualquer tipo de soldado em combates virtuais. Desde 2009 a Marinha dos Estados Unidos tentava emplacar o programa Ambiente Imersivo de Treinamento do Futuro.

Trata-se de um campo virtual que coloca batalhões em situações de combate. Nos últimos anos, o projeto ganhou gás (e 40 milhões de dólares em investimentos) com a adoção do Rift. Os militares são equipados com os óculos para testar suas habilidades. À frente dos olhos, elementos reais (a exemplo da estrutura de um prédio) se misturam a virtuais para intensificar a sensação de realidade. Antes de ir a campo, uma equipe pode treinar em um ambiente que imita o que terá de enfrentar. Dessa forma, os marines analisam erros cometidos durante a imersão para evitá-los na vida real, quando os riscos são mortais.

A ilusão

Como os óculos Rift simulam a realidade ao redor do usuário



1 Algoritmos leem dados coletados por sensores infravermelhos e calculam a inclinação do rosto e a distância e altura das pupilas em relação às lentes para projetar imagens com efeito de três dimensões

“Nós dizíamos: ‘É preciso ver para acreditar’. Agora, entendemos que temos de experimentar para acreditar”, definiu o japonês Shuhei Yoshida, presidente da Sony, que lançou um modelo de óculos que compete com o Rift. E com a realidade virtual é possível experimentar qualquer coisa, de uma viagem a Marte a uma volta ao passado (veja exemplos ao longo desta reportagem). A paulistana Carla Anauate, por exemplo, participa de sessões de realidade virtual com seu psicólogo, Cristiano Nabuco. Carla tem medo de voar de avião há quase trinta anos. Uma fobia encarada rotineiramente, pois precisa fazer cerca de quinze viagens aéreas ao ano a trabalho. Nas sessões, Nabuco recria os barulhos característicos, os tremores da decolagem e do pouso, turbulências, todo o ambiente de um avião em pleno ar. Em paralelo, faz perguntas e instrui a paciente, que pode parar a simulação quando quiser. “Consegui realizar voos completos, sem medo, no computador”, afirma Carla. “Tenho viagens longas programadas para a Rússia e para o México, e a experiência digital faz com que eu me sinta muito mais calma para embarcar”, completa.

São variadíssimos os exemplos de uso dessa inovação, que promete ter funções tão diversas quanto as que ganharam os computadores e a internet nas últimas décadas. A Universidade da Califórnia em Davis aplica a tecnologia para levar, virtualmente, alunos de geografia para cenários de estudo, como ambientes devastados por terremotos. As fabricantes General Motors e Ford a



DIVULGAÇÃO

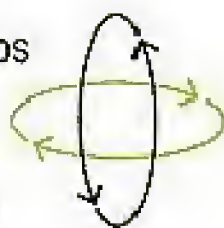
utilizam para testar a segurança de novos carros. A multinacional de energia e gás National Grid treina funcionários para o uso de equipamentos perigosos de extração de petróleo. Em um futuro não muito distante, qualquer um poderá ter óculos de realidade virtual em casa e usá-los para comparecer virtualmente a eventos, como o casamento de um amigo em outro país. Na escola, alunos conseguirão presenciar fatos históricos recriados digitalmente. Teoricamente, não há limite para as ilusões que se consegue criar. O virtual, enfim, poderá ser uma rota segura para nos preparar para a realidade. ■

AO VOLANTE

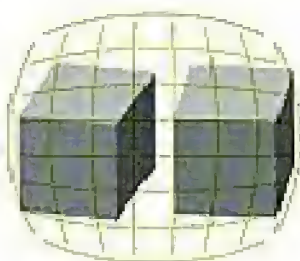
■ **A prática virtual:** em um software de treinamento de motoristas da Toyota, os participantes precisam dirigir com segurança, resistindo a distrações como responder a mensagens de texto e interagir com passageiros virtuais. Se perdem o foco, acidentes acontecem

■ **O efeito no mundo real:** a ideia é mostrar as consequências sérias de comportamentos incautos ao volante. Das 10 000 pessoas que já participaram do teste, 80% afirmaram que mudariam seus hábitos no trânsito para diminuir riscos apresentados nas simulações

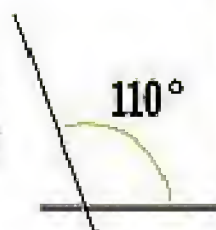
2 Um magnetômetro, um giroscópio e um acelerômetro levam apenas dois milissegundos para ajustar as imagens aos movimentos dos olhos e do corpo do usuário, o que elimina efeitos de arrasto ou atraso



3 As informações coletadas são processadas por um software que projeta duas imagens quase idênticas, não fosse pela leve diferença na angulação, o que simula a forma como enxergamos com cada olho



4 A imagem é projetada em um campo de visão de 110 graus (próximo ao limite do olho humano) e tem altíssima resolução



5 Em um computador, a realidade virtual aparece recortada em **duas telas**, mas, quando voltada diretamente para os olhos do usuário, compõe uma recriação perfeita em 360 graus e 3D



veja.

Novo VEJA.com
A notícia assim que ela acontece.



- ➔ Visual mais moderno e simples de navegar
- ➔ Adaptado para leitura em celular e tablet
- ➔ Mais dinâmico e prático para compartilhar notícias



COM OU

Conheça o novo site de VEJA. Lá, você encontra diariamente as notícias mais relevantes do país e do mundo em tempo real, sempre com um ponto de vista claro e uma análise apurada sobre os fatos. Concordando ou não, você forma a sua opinião e não fica indiferente a nada do que está acontecendo de mais importante ao seu redor.

veja
.com

Acesse VEJA.com



Os don do mun

Como a Marvel se tornou um império sem paralelo na história da indústria do entretenimento

ISABELA BOSCOV

N o fim de semana do 1º de Maio, quando a bilheteria da estreia americana de *Vingadores: Era de Ultron* (*Avengers: Age of Ultron*, Estados Unidos, 2015) for computada, o longo inverno que a Marvel atravessou um dia vai recuar ainda mais na memória. Espera-se que este segundo episódio de *Vingadores* — que está em cartaz no Brasil desde quinta-feira — supere as marcas estratosféricas do primeiro: 207 milhões de dólares no fim de semana inaugural nos Estados Unidos, 1,5 bilhão de bilheteria mundial — a terceira maior da história, atrás apenas dos colossos *Avatar* e *Titanic*. Joss Whedon, o exausto diretor dos dois *Vingadores*, vai passar o bastão do terceiro e do quarto episódios para os irmãos Anthony e Joe Russo, de *Capitão América — O Soldado Invernal*. Terá deixado uma contribuição ímpar para a consolidação de um império como nunca se viu antes: é sua também a concepção de *Agentes da S.H.I.E.L.D.*, a série que inaugurou as agora múltiplas investidas da Marvel no formato. Provavelmente continuará a ser consultado a toda hora, sobre muitas coisas, por Kevin Feige, o presidente da Marvel Studios e figura central dos cada vez mais vastos domínios da marca. Com uma feira de lançamentos programados para os próximos meses e anos (*Homem-Formiga* em julho, *Capitão América 3* e *Doutor Estranho* em 2016, *Guardiões da Galáxia 2* em 2017, e por aí vai), pouca gente há de se lembrar do tempo em que o futuro da Marvel parecia cinzento.

TITÂNICOS O diretor de *Vingadores*, Joss Whedon (à esq.), e o presidente da Marvel Studios, Kevin Feige: um poder inimaginável uma década atrás

os
do

CHUNG SUNG-JUNG/GETTY IMAGES



Maior editora de quadrinhos do mundo nos anos 60 graças ao gênio do criador Stan Lee, no fim daquela mesma década a Marvel iniciou uma trajetória de altos e baixos que conduziria, no meio dos anos 90, a um processo de concordata. Salva da falência na última hora por Isaac Perlmutter, um investidor à moda antiga — arguto, econômico, reservado — que a adquiriu e a fundiu a uma companhia que fabricava os brinquedos baseados em seus heróis, a Marvel ganhou algum abrigo das intempéries. E logo vieram também os sinais de degelo: Perlmutter tanto insistiu que fez com que dois grandes estúdios soprassem a poeira dos direitos (adquiridos muito antes, por uma ninharia) sobre os mais valiosos heróis gerados na Marvel: os mutantes X-Men, da Fox, e o Homem-Aranha, da Sony. Sua ideia era que os filmes ajudassem a vender brinquedos e a valorizar as ações de sua companhia. O plano saiu melhor que a encomenda. O *X-Men* do diretor Bryan Singer, de 2000, e o *Homem-Aranha* de Sam Raimi, de 2002, inauguraram uma nova era dos super-heróis no cinema e fizeram o cacife desses personagens disparar. A esse sucesso, a Marvel assistiu

UNIVERSO EM EXPANSÃO *Charlie Cox como o Demolidor, o herói cego da série do Netflix (acima), o Homem-Formiga que Paul Rudd, mais conhecido pela comédia, vai encarnar no filme que estreia em julho e os personagens exóticos de Guardiões da Galáxia: uma marca sem temor de inverter a lógica clássica*

como espectadora. De outros êxitos e fracassos, ela participou sem direito à palavra final: *Elektra*, *O Demolidor*, *O Justiciero*, *O Quarteto Fantástico*, um *Hulk* com Eric Bana e outro com Edward Norton — seus heróis iam passando à tela grande em versões execradas pelo público, ou claudicantes, ou até simpáticas, mas sempre perdendo um tanto de seu sentido original na tradução. Entre 2005 e 2006, a Marvel decidiu pagar para ver: reuniu um financiamento de meio bilhão de dólares para formar seu próprio estúdio e fazer seus filmes, com seus personagens, do seu jeito.

Passada uma década, a Marvel é hoje um tipo de império que não tem precedente na história da indústria do entretenimento. É um gigante do cinema, da televisão, dos quadrinhos. Atua na Disney, na Sony, na rede ABC, no Netflix — *Demolidor*, a série que há algumas semanas inaugurou o que será um pacote com o Netflix, aponta diferentes rumos criativos, com violência rea-

lista e uma estética mais suja e urbana. A Marvel não descansa: tem uma escala oficial de lançamentos que alcança 2019, e uma escala extraoficial até 2028. O *sui generis*, porém, é a maneira tentacular como esse império se articula: por meio de uma multidão crescente de personagens e histórias que conversam entre si e se conectam, ampliando mais e mais o escopo do “Marvelverse”, ou “Universo Marvel”.

A primavera da Marvel e esta sua fase de colheita farta devem quase tudo a dois nomes. Um deles dispensa apresentações: trata-se da Disney, que adquiriu a Marvel, em 2010, por 4 bilhões de dólares. Fato inesperado: a compra fez cair as ações da Disney. Sem os X-Men e o Homem-Aranha, avaliou o mercado, a Marvel não passava de um





repositório de personagens de segundo escalão. Sabe-se quem é que está dando risada agora. O outro nome é pouco conhecido fora da indústria ou do círculo dos fãs devotos: trata-se de Kevin Feige, que tem 41 anos e o histórico que se esperaria de alguém envolvido com esse mundo — cresceu adorando *Star Wars*, *Star Trek*, *Super-Homem*, *Robocop*. Feige, porém, tem um conhecimento de sua matéria-prima, uma originalidade de raciocínio, uma força de vontade e uma capacidade de impô-la que o vêm tornando quase tão lendário quanto os super-heróis que ele maneja. “Kevin é a Marvel”, disse a VEJA Joss Whedon. É mesmo, em vários sentidos. Um dos primeiros trabalhos de Feige foi junto ao diretor Bryan Singer e à produtora Lauren Shuler Donner em *X-Men*. Feige já era conhecedor do universo da Marvel; tratou de virar especialista. Avi Arad, bambambã da Marvel Entertainment e futuro CEO da Marvel Studios, chamou-o para ser seu segundo. Quando Arad saiu, Feige assumiu o posto e começou a instaurar o que agora, mais e mais, parece um mirabolante plano de dominação mundial.

O primeiro filme lançado pela Marvel Studios depois daquele atrevido levantamento de capital foi *Homem de Ferro*, produzido em associação com a Paramount. Em retrospecto, percebe-se que está tudo lá: o tratamento do material original como evangelho ca-

nônico (é preciso agradar a todo mundo, mas, se os aficionados acharem que o personagem foi desvirtuado, o jogo acaba); muito barulho, muita luta, muitos efeitos, mas foco bem fechado na personalidade do herói e seus dramas; e pelo menos um lance de uma audácia danada — no caso, a escalção para o papel-título de Robert Downey Jr., que amargava ainda o rescaldo de seus problemas com as drogas e a lei. “O personagem é rei. O nome dele é que tem de estar em destaque na marquise do cinema. Essa é uma maneira liberadora de escolher elenco, porque não é preciso pesar a popularidade do ator; basta ele ser o cara certo, e pronto”, explicou Feige a VEJA. Lançado em 2008, *Homem de Ferro* fez 585 milhões de dólares. *Homem de Ferro 2* fez 624 milhões, e *Homem de Ferro 3* bateu em 1,2 bilhão. Esse é o tipo de progressão que a Marvel gosta de ver, pelo que ela representa de palpável (o dinheiro) e de intangível (a adesão da plateia ao seu universo em constante expansão). Nada exemplifica melhor o instinto de Feige do que *Guardiões da Galáxia*, um quadrinho de “nicho” em que figuram um guaxinim falante e um homem-árvore — e que arrasou na bilheteria. Próximo desafio: atingir o mesmo resultado com o não muito atraente Homem-Formiga.

Mas por que, se a Marvel já tinha o sucesso de *Homem de Ferro* no bolso, sua compra fez cair as ações da Disney? Porque àquela altura ainda não se havia entendido a estratégia a longuíssimo prazo de Feige. O que ele estava propondo era uma inversão da lógica do cinema em favor da lógica dos quadrinhos: em vez de começar com um filme coletivo e dele tirar filmes dedicados a cada personagem em particular, a Marvel estava apresentando os personagens individualmente, como nas revistinhas, e criando empatia e familiaridade com eles antes de reuni-los. *Thor* e *Capitão América* foram muito bem — e, quando o primeiro longa feito inteiramente na parceria chegou aos cinemas com a artilharia promocional da Disney na sua retaguarda, o estrondo que a Marvel acabara de se tornar revelou-se para a indústria. Até segunda ordem, o mundo, hoje, é da Marvel. Nós só moramos nele. ■

LEIA A ÍNTEGRA DAS ENTREVISTAS COM JOSS WHEDON E KEVIN FEIGE EM VEJA.COM

Sem anestesia

Em *Cake*, Jennifer Aniston prova — de novo — que fica muito bem no papel de mulheres duras e infelizes

Foi uma onda de solidariedade: quando saíram as indicações ao Oscar e Jennifer Aniston não constava delas, as redes sociais e os talk shows pegaram fogo. Em *Cake* — *Uma Razão para Viver* (*Cake*, Estados Unidos, 2014), que estreia nesta quinta-feira no país, ela é Claire, uma mulher que enfrenta dores terríveis decorrentes de um acidente no qual sofreu uma perda irreparável — e comprova aquilo que já demonstrara outras vezes: que pode ser uma ótima atriz dramática. Resignada com sua imagem solar, mas determinada a continuar se provando, Jennifer falou à editora executiva Isabella Boscov sobre a experiência.

Projetos pequenos como *Cake* não circulam entre estrelas do seu calibre. Como ele chegou até você? Peço ao meu agente que me mande todos os roteiros em que ele consiga pôr as mãos, porque nunca se sabe de onde vão surgir os trabalhos mais interessantes. Pois *Cake* me deixou doida. Li o script de cabo a rabo em uma hora e meia, o que para mim é um recorde — sou muito lerda. Mas o papel estava com outra atriz. Pedi para pelo menos ficar na fila: se algo acontecesse, que me pusessem no mesmo lugar que o diretor por meia hora para eu conversar com ele.

Como foi sua conversa com o diretor Daniel Barnz? Eu sabia que não era uma opção natural para Claire e que teria de expressar minha paixão, promessa e compromisso. Para minha surpresa, ele se entusiasmou. Então demos as mãos e pulamos juntos do alto desse prédio.

Você diz que não seria uma opção natural. No entanto, esta não é a primeira vez que você é elogiada por um personagem duro ou infeliz. Tudo isso já aconteceu antes com *Por um Sentido na Vida* e *Amigas com Dinheiro*. Para alguns diretores, sempre vou ter de me provar de

novo. A maior parte das decisões é tomada com base na percepção pública que se tem de um ator. Mesmo meus agentes às vezes vêm dizer que não adianta eu tentar fazer tal papel porque sou conhecida demais e não vou desaparecer no personagem. Por isso eu queria tanto *Cake*: por mim. De tanto ouvir a mesma coisa, você começa a acreditar nela. Mas, para dizer a verdade, isso não me chateia. Até gosto. Duvidar de si mesma ajuda uma pessoa a se manter honesta e esperta. Eu pelo menos não pretendo tocar o mesmo banjo até o fim da vida.

Claire está num momento horrível. Sinto tanto pela Claire que às vezes chorava de pensar no que ela está passando, mas essa foi uma das partes mais instigantes — empurrar as emoções para escanteio, porque Claire não gosta que percebam o que ela sente.

Pode-se deduzir que Claire é tão apegada à dor dos ferimentos do acidente porque essa dor é mais tolerável que a da perda que ela está enfrentando. É assim que você a vê? Como Claire é muito complicada, sua dor física serve a dois propósitos contraditórios, na minha opinião: bloquear a dor emocional e ao mesmo tempo não deixá-la esquecer nem por um minuto a sua perda. A culpa de esquecer ou seguir em frente a mataria.

Expressar dores físicas dói? Se uma pessoa tem problemas na perna, na coluna, no pescoço, não existe gesto que não cause dor. Eu chegava ao fim do dia torta. Mas não provei nenhum dos analgésicos brabos da Claire.

Há duas décadas você é perseguida por tabloides e paparazzi. É difícil expor-se da forma como você faz em *Cake*? É libertador interpretar uma mulher que não dá mais a mínima para o cabelo, a pele, o peso, as roupas; qualquer coisa que significasse esforço, cuidado ou vaidade seria contrária a ela. Por outro lado, é um perrengue filmar na rua e ser fotografada como uma criatura exótica porque você engordou ou está sem maquiagem. ■

BOA FORMA

Jennifer: ninguém quer acreditar que ela não é solar todas as horas do dia

ESSA É A SAÚDE QUE VOCÊ MERECER?

Não, você tem direito a muito mais. É o que está na lei. Ninguém deve sofrer com a falta de estrutura e filas de espera. Exija respostas dos responsáveis pelo SUS e pelos planos de saúde. Os médicos estão com você nessa luta por mais recursos, melhor gestão e medidas importantes, como a criação de uma carreira de Estado no SUS. **Para os Conselhos de Medicina, a saúde deve ser um exemplo de respeito, qualidade e cidadania.**

www.portalmedico.org.br

 /conselho federal de medicina
 @Medicina_CFM
 /cfmedicina



CFM
CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA

CRM's
CONSELHOS REGIONAIS DE MEDICINA

Defendendo princípios, aperfeiçoando práticas.



BETTMAN/CORBIS/LATINSTOCK

A desordem global

DUDA TEIXEIRA

O estadista Henry Kissinger, que já esteve à frente da política externa dos Estados Unidos, diz que a visão americana de mundo perdeu seu lugar

“**N**ão quero colocar a carroça à frente dos cavalos. Nós não temos uma estratégia ainda”, disse o presidente americano Barack Obama a repórteres em agosto do ano passado. A pergunta foi sobre qual o plano para conter o avanço dos terroristas do Estado Islâmico (Isis) no Iraque e na Síria. A resposta, mais do que evidenciar o despreparo de uma potência para lidar com um grupo armado e virulento, escancarou o atordoamento da política externa americana quando confrontada com visões de mundo totalmente díspares. Para os doze presidentes que moraram na Casa Branca após a II Guerra Mundial, os Estados Unidos deveriam disseminar seus ideais de liberdade e de democracia. Quando os povos aderissem a esses princípios por livre e espontânea

vontade, haveria a paz definitiva entre as nações e o auxílio americano não seria mais necessário. Para os extremistas islâmicos, contudo, os países devem aderir à *umamah*, a comunidade muçulmana, que vencerá uma guerra contra “Roma”, e então terá início o apocalipse. Não há conciliação possível.

A variedade de concepções sobre como o mundo deve evoluir e a perda de legitimidade das ideias americanas são o tema do último livro de Henry Kissinger, *Ordem Mundial* (tradução de Cláudio Figueiredo; Objetiva; 432 páginas; 54,90 reais). Para o diplomata, que foi assessor de segurança nacional e secretário de Estado nos mandatos de Richard Nixon (de 1969 a 1974) e Gerald Ford (de 1974 a 1977), a visão americana foi a dominante do fim da II Guerra até a virada do milênio. Essa





CONFLITO DE VISÕES Kissinger: a ideia de uma comunidade de nações, defendida pelo presidente americano Woodrow Wilson (na pág. ao lado), choca-se com um mundo de valores desiguais

construção ideológica seria baseada em dois pilares. O primeiro é a conferência na região alemã de Vestfália após a Guerra dos Trinta Anos, de 1618 a 1648. O acordo estabeleceu que os Estados deveriam ser reconhecidos pelos demais como autoridades e seriam soberanos em seus territórios. O segundo pilar é a noção de “segurança coletiva”, cuja semente foi plantada por Woodrow Wilson, presidente americano de 1913 a 1921, e que depois formaria o arcabouço para a fundação da Liga das Nações e de sua sucessora, a ONU. A meta era criar uma comunidade internacional regida por um princípio moral: a oposição uni-

versal à agressão militar.

Qualquer um que iniciasse um ato bélico seria identificado como agressor e levado a um tribunal de arbitragem. Kissinger constata que isso não funciona: “A ideia de que nessas situações os países vão identificar violações da paz de forma idêntica e estar preparados para agir de comum acordo para combatê-las é desmentida pela experiência da história”. A ausência de reação ao avanço de soldados russos na Ucrânia é só o exemplo mais recente dessa obviedade. Para Kissinger, o desafio atual não é apenas a existência de novos centros de poder, mas sim o fato de várias ordens mundiais competirem entre si — e aquela inspirada em Woodrow Wilson perdeu força.

Para os chineses, até o início do século XX, o único soberano era o imperador, que dominava tudo o que existe sob o céu. Os demais povos eram seus tributários e podiam ser mais avançados quanto mais culturalmente se parecessem com a China. Esse pensamento imperial permanece em certas concepções expansionistas da China atual. Para os confrontos ideológicos do futuro, não existe uma estratégia ainda. ■

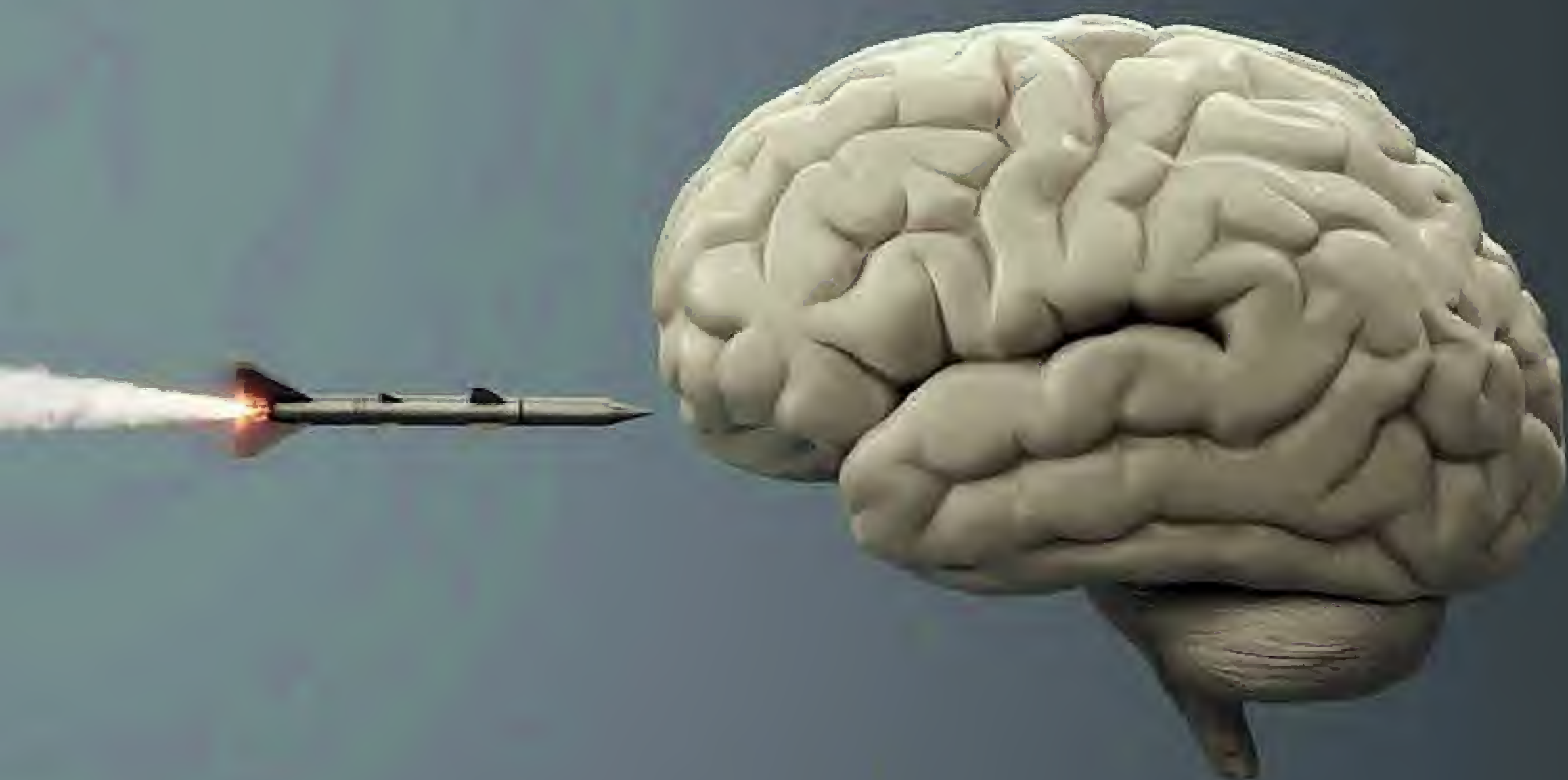
Henry
Kissinger
Ordem
mundial



INFO. Inspiração para a inovação.



Leia a edição digital mensal.
Baixe o app INFO Notícias.
Acesse o site info.abril.com.br.



Seus milhões de neurônios estão
prontos para entrar em ação.
Leia INFO. No tablet, no celular e no
computador, porque a inovação
está em todo lugar.

INFO. Conecte-se com o mundo da inovação.





O profeta do rímel

A novela bíblica *Os Dez Mandamentos* excita os bispos da Record e incomoda a Globo ao mesclar o kitsch de praxe a um ingrediente folhetinesco: a encheção de linguiça

MARCELO MARTHE

Quando chegou o último Carnaval, em fevereiro, uma ideia ocorreu naturalmente aos atores de *Os Dez Mandamentos*, novela bíblica da Record. “A gente já começava as gravações no clima: quem vai querer desfilar na escola de samba do Rio Nilo?”, diz o veterano Zé Carlos

Machado. O ator, por sinal, daria um excelente destaque na avenida. Sua caracterização como o faraó Seti I faria inveja ao finado Clóvis Bornay: o governante da 19ª dinastia conduz o Egito com uma careca lustrosa, rímel nos olhos, braços cobertos de bijuterias e um saiote que deixa entrever as pernas depiladas em meio a mantos esvoaçantes. “Os egípcios tinham um senso de

higiene sofisticado”, explica o ator. Desde que estreou, no fim de março, *Os Dez Mandamentos* tem provocado excitação nos bispos da Igreja Universal do Reino de Deus, que dirigem a emissora. Alcançando médias de ibope de até 14 pontos em São Paulo, o programa resgatou a teledramaturgia da Record de seu ocaso melancólico. O diabo é que a coisa não se esgota no êxito em si: ao lado das novelinhas infantis do SBT, a saga do profeta Moisés (Guilherme Winter) contribui para a má conjunção astral do horário nobre da Globo, bem no instante em que a lí-



FOTOS DIVULGAÇÃO/TV RECORD

der de audiência enfrenta turbulências no folhetim *Babilônia* — e comemora seu quinquagésimo aniversário. Pois preparem-se: a Record cogita só produzir novelas bíblicas daqui em diante. No máximo, pretende investir de vez em quando em séries curtas de outros gêneros para conter rebeliões do contingente de atores que se incomodam em virar eternos passistas de uma colorida “Acadêmicos do Rímel”.

Os Dez Mandamentos confirma a sina das adaptações do episódio do Antigo Testamento para a TV e o cinema: quem conta o conto bíblico não resiste a aumentar um ponto. No *Êxodo* e em outros livros que narram a trajetória de Moisés, há muitas lacunas sobre a vida do profeta que é adotado pela filha de um faraó, vira libertador de seu povo e



CARNAVAL NO RIO NILO

O faraó Seti I (Zécarlos Machado, à dir. na foto maior) e um momento ternurinha entre Moisés (Guilherme Winter) e Ramsés (Sergio Marone): visual improvável, sotaque carioca e pregação religiosa

recebe as tábuas dos mandamentos. Vagas indicações sustentam a hipótese de que o faraó desafiado por ele foi Ramsés II. Ainda assim, no clássico *Os Dez Mandamentos*, de 1956, o cineasta Cecil B. DeMille toma isso como certo para extrair um baita melodrama das Escrituras: criados como irmãos, Moisés e Ramsés travam uma disputa romântica e concorrem pela predileção do faraó. Mais recentemente, a série americana *A Bíblia* acrescentou pirotecnia à história, e o filme *Êxodo*, de Ridley Scott, fez do Moisés vivido por Christian Bale um guerrilheiro. A produção da Record emula o kitsch do clássico de DeMille e os efeitos visuais das duas últimas versões. Se traz novidade, é a decorrência elementar de se assumir como novela: a encheção de linguagem.

Enquanto o filme dos anos 50 resumia a narrativa bíblica em cerca de três horas, a brasileira *Os Dez Mandamentos* se estenderá por 150 capítulos. Com custo de 105 milhões de reais, mais de oitenta atores fixos e 500 figurantes, a novela completou seu primeiro mês no

ar empacada lá pelo meio do segundo capítulo (de um conjunto de quarenta) do *Êxodo*. Mas não tem sido difícil para a Record operar o milagre da multiplicação de tão poucas linhas. Como nas tramas exóticas de Glória Perez, o fato de se tratar de um folhetim é a senha para relaxar e soltar a fantasia. Há um desfile de nomes esquisitos (Aoliabe, Zelo-feade, Meketre). Tiradas surreais (“Minha promoção foi devorada pelo deus crocodilo”) misturam-se ao sotaque e à casualidade cariocas (“Ele está na boa”). O abilolado Ramsés (Sergio Marone) engrossa o cordão cômico: o futuro faraó frequenta até prostíbulo. No meio desse carnaval, ainda sobra lugar para a pregação religiosa. Consta que Cristiane Cardoso, filha de Edir Macedo, revisa diligentemente os roteiros. A condenação ao paganismo presente no original vira pretexto para uma conversa à la *Fala que Eu Te Escuto*.

Curiosamente, o ator que encarna o grande vilão pagão se identifica com o “barato” da religião egípcia. Com interesses que vão da filosofia oriental à umbanda, Zécarlos Machado estava empolgado na semana passada para gravar as últimas cenas de Seti I — sua mumificação. “Já testei meu sarcófago. Foi uma viagem. Agora, o desafio é mostrar como se faziam as múmias sem cair no grotesco.” Oremos. ■



SAM SCOTT/HUNTER 2011

DISCO *Rival Sons:*
diversidade religiosa
e ortodoxia sonora



EVERETT COLLECTION/GRUPO KEYSTONE

BLU-RAY *Jimi — Tudo a Meu Favor:* um bom filme sobre Hendrix, sem a música de Hendrix

DISCO

HEAD DOWN E GREAT WESTERN

WALKYRIE, RIVAL SONS (HELLION RECORDS)

■ Surgido em Los Angeles no fim da década passada, este quarteto americano tem em sua formação um sacerdote hindu, um cristão fervoroso e um devoto de uma seita indígena. O mexidão heterodoxo, no entanto, não interfere na sonoridade do grupo: hard rock dos anos 70 (a inspiração maior é Led Zeppelin). Passadista, sim, mas muito distante dos grupos nostálgicos que copiam a música de décadas anteriores com a sensibilidade de uma folha de papel-carbono. Scott Holiday, o tal sacerdote hindu, é um guitarrista de boa cepa que, com parcimônia, sabe equilibrar o pedal de distorção com dedilhados suaves e um solo melódico. Jay Buchanan, o pele-vermelha honorário, é vocalista de bons pulmões. Lançados no exterior respectivamente em 2012 e 2014, *Head Down* e *Great Western Walkyrie* chegam ao Brasil de carona nas apresentações do Rival Sons em um festival dedicado ao heavy metal. Antes tarde do que nunca: o grupo é uma alternativa vigorosa nesse festival de bandas pálidas e sem viço.



BLU-RAY

JIMI — TUDO A

MEU FAVOR (*Jimi*)

— *ALL IS BY MY SIDE*, INGLATERRA/IRLANDA/ESTADOS UNIDOS, 2013. PARAMOUNT

■ Primeiro, a notícia ruim: o filme não traz um acorde sequer tocado por Jimi Hendrix. A família do guitarrista americano não liberou as canções. Agora, a boa surpresa: a ausência dessas canções antológicas não compromete *Jimi — Tudo a Meu Favor*. Não se trata de uma cinebiografia de Hendrix, mas sim do retrato de um período específico de sua vida — o biênio 1966-1967, quando ele migrou das espeluncas de Nova York para Londres, que vivia uma ebulição musical. Um dos achados do diretor John Ridley — roteirista premiado com o Oscar por *12 Anos de Escravidão* — foi a escolha de André Benjamin, do duo de rap Outkast, para viver o guitarrista canhoto. A interpretação de Benjamin tem carisma e sensualidade no ponto certo. É sensacional o momento em que ele se vira para Eric Clapton (Danny McColgan), cita uma lista de clássicos do blues e pergunta se o guitarrista inglês conhece algum deles. E a cara de espanto de Clapton quando é devorado vivo no palco pelo americano é realmente impagável.



LIVROS

TODA LUZ QUE NÃO PODEMOS VER, DE ANTHONY DOERR (TRADUÇÃO DE MARIA CARMELITA DIAS; INTRÍNSECA; 528 PÁGINAS; 39,90 REAIS, OU 24,90 REAIS NA VERSÃO ELETRÔNICA)

■ Werner Pfennig, um recruta alemão com um valioso talento para consertar rádios e triangular sinais radiofônicos, está em Saint-Malo, na França ocupada, quando a cidade é bombardeada pelos aliados. A algumas quadras de distância, encontra-se Marie-Laure LeBlanc, uma garota cega que trabalha como mensageira para a Resistência Francesa. O título do segundo romance do americano Anthony Doerr refere-se não só à deficiência visual da protagonista: o rádio é um elemento central, e as ondas eletromagnéticas que cercam o mundo de mensagens invisíveis (nem todas, é verdade, luminosas) são uma metáfora fundamental do livro. Doerr, aliás, tem propensão a se deixar levar por imagens preciosistas, sobretudo nos primeiros curtos capítulos — em que um alvo militar é comparado a um dente podre a ser arrancado. Mas ele a compensa com uma habilidade folhetinesca para alternar as histórias de Werner e Marie-Laure, sobre os quais o leitor quer sempre saber mais.





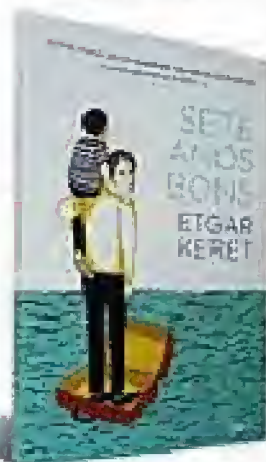
CINEMA Noite sem Fim: a pancadaria com sensibilidade dramática de Liam Neeson

SETE ANOS BONS, DE ETGAR KERET

(TRADUÇÃO DE MAIRA PARULA; ROCCO;
192 PÁGINAS; 24,50 REAIS)

■ Roteirista de cinema e de história em quadrinhos, mas aclamado sobretudo como contista — conquistou a admiração de Salman Rushdie e Amós Oz —, o israelense Etgar Keret, 47 anos, narra aqui a experiência trivial e desafiadora da paternidade. O olhar afeito aos fatos mais insólitos e a concisão que se torna-

ram marcas de seus relatos ficcionais manifestam-se também nestas páginas de memórias. Os sete anos bons do título fazem referência aos sonhos que José interpreta, narrados no Gênesis, sobre sete anos de fartura seguidos de sete anos de miséria.



Mas é também o período que vai do nascimento de Lev, o filho de Keret, à morte do pai do escritor, um sobrevivente do holocausto nazista. O primeiro capítulo, sobre a maternidade, já é um vislumbre dos conflitos da vida em Tel-Aviv: ao chegar ao hospital para dar à luz, a mulher de Keret não tem toda a atenção de que precisaria, pois médicos e enfermeiras estão ocupados com vítimas de um atentado terrorista. E, à medida que Lev cresce, seus pais contemplam se ele deve ou não servir no Exército. Soam, talvez, como temas graves — mas Keret os trata com encanto e, sobretudo, humor.

CINEMA

NOITE SEM FIM (*RUN ALL NIGHT*, ESTADOS UNIDOS, 2015. ESTREIA NO PAÍS NESTA QUINTA-FEIRA)

■ Não há mistério no fato de Liam Neeson ter se tornado, já no fim dos seus 50 anos (ele está com 62), um herói de filmes de ação e pancadaria: ele é muito bom no que faz, crível como peso-pesado e como homem torturado — uma espécie de Charles Bronson com sensibilidade dramática. Em seu terceiro trabalho com o diretor catalão Jaume Collet-Serra, depois de *Desconhecido* e *Sem Escalas*, a fórmula continua afiada. Neeson é Jimmy Conlon, que teve longa carreira como leal capanga do aterrorador chefe de uma máfia irlandesa em Nova York (Ed Harris). Jimmy, porém, anda meio aposentado (leia-se, bebendo até cair). Essa relativa paz etílica é quebrada quando seu filho Mike (Joel Kinnaman, de *RoboCop*), que o detesta, testemunha o que não devia e passa a ser perseguido pelo filho do mafioso. Jimmy prova que até um sujeito que foi péssimo pai a vida toda pode ter seu dia (ou sua noite) de melhor pai do mundo: gângsteres e policiais corruptos vão descobrir o que é bom para a tosse — tudo enquanto a câmera de Collet-Serra descreve voos improváveis, mas muito dinâmicos, por Nova York.

Os mais vendidos

FICÇÃO

- 1** **O Pequeno Príncipe**
Antoine de Saint-Exupéry [1 | 112#] VÁRIAS EDITORAS
- 2** **Se Eu Ficar**
Gayle Forman [2 | 36] NOVO CONCEITO
- 3** **Cidades de Papel**
John Green [10 | 71#] INTRÍNSECA
- 4** **Cinquenta Tons. Mais Escuros**
E.L. James [8 | 54#] INTRÍNSECA
- 5** **Para Onde Ela Foi**
Gayle Forman [6 | 26] NOVO CONCEITO
- 6** **Cinderela Pop**
Paula Pimenta [4 | 2] GALERA RECORD
- 7** **Simplemente Acontece**
Cecelia Ahern [9 | 5#] NOVO CONCEITO
- 8** **Divergente**
Veronica Roth [3 | 35#] RÓCCO
- 9** **Convergente**
Veronica Roth [5 | 25#] RÓCCO
- 10** **Insurgente**
Veronica Roth [7 | 23#] RÓCCO

NÃO FICÇÃO

- 1** **Bela Cozinha: as Receitas**
Bela Gil [3 | 23] GLOBO
- 2** **Fala, Galvão!**
Galvão Bueno e Ingo Ostrovsky [9 | 2] GLOBO
- 3** **Eu Fico Loko**
Christian Figueiredo de Caldas [1 | 11] NOVAS PÁGINAS
- 4** **Elis Regina – Nada Será Como Antes**
Julio Maria [4 | 6] MASTER BOOKS
- 5** **Sniper Americano**
Chris Kyle [5 | 9] INTRÍNSECA
- 6** **Meu Universo Particular**
Frederico Elboni [0 | 2#] BENVIRÁ
- 7** **O Diário de Anne Frank**
Anne Frank [8 | 45#] RECORD
- 8** **Nada a Perder 3**
Edir Macedo [2 | 25] PLANETA
- 9** **Sonho Grande**
Cristiane Correa [6 | 102#] PRIMEIRA PESSOA
- 10** **A Teoria de Tudo**
Jane Hawking [7 | 121] ÚNICA

AUTOAJUDA E ESOTERISMO

- 1 **Philia**
Padre Marcelo Rossi [1 | 7] PRINCÍPIUM
- 2 **Ansiedade**
Augusto Cury [2 | 67] SARAIVA
- 3 **Não Se Apega, Não**
Isabela Freitas [3 | 44] INTRÍNSECA
- 4 **Geração de Valor**
Flávio Augusto da Silva [4 | 21] SEXTANTE
- 5 **O Código da Inteligência**
Augusto Cury [10 | 69#] SEXTANTE
- 6 **O Poder do Hábito**
Charles Duhigg [0 | 41#] OBJETIVA
- 7 **Quem Me Roubou de Mim?**
Padre Fábio de Melo [0 | 79#] PLANETA
- 8 **O Poder da Escolha**
Zíbia Gasparetto [6 | 20] VIDA & CONSCIÊNCIA
- 9 **O Livro do Bem**
Ariane Freitas e Jessica Grecco [8 | 11#] GUTENBERG
- 10 **O Monge e o Executivo**
James Hunter [7 | 511#] SEXTANTE

A. B. k - a posição do livro na semana anterior. B' há quantas semanas o livro aparece na lista. B' semanas não consecutivas.

[illegible]



A desoras, desfeliz

Encenou-se no Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, no feriado de 21 de abril, em forma de peça teatral, uma celebração chamada “desenforcamento de Tiradentes”. Com advogado, promotor e júri popular, refez-se o julgamento do herói da Inconfidência Mineira, tudo mais ou menos conforme o que registram os autos de dois séculos atrás, mas com resultado inverso: no final o réu é inocentado. Ou seja, desenforcado. O melhor de tudo foi o título. “Desenforcamento” entra para o rol de mágicas palavras que o *des* inicial permite criar, invertendo significados e instituindo um mundo às avessas. Em *Apesar de Você*, sua música contra a ditadura, Chico Buarque pediu: “Você, que inventou a tristeza, ora tenha a fineza de desinventar”. Talvez já se invocasse o “desinventar” antes; depois, invocou-se mais ainda. Até foi acolhido no dicionário digital *Aulete*, que lhe dá o significado de “retroceder, retroagir na ação de inventar”, e oferece como exemplo um trecho do poeta Manoel de Barros: “É preciso desinventar os objetos. O pente, por exemplo. É preciso dar ao pente a função de não pentear. Até que ele fique à disposição de ser uma begônia”.



O prefixo *des* traz em si a atração anarquista de pôr o mundo de cabeça para baixo. Mesmo as palavras em *des* perfeitamente acomodadas à língua nos chegam com novo viço quando nos detemos a examiná-las



Numa de suas malucas aventuras no País das Maravilhas, Alice comemora seu *unbirthday*, como escreveu o autor do livro, o inglês Lewis Carroll. *Unbirthday* foi traduzida em português para “desaniversário”, bela palavra para significar um belíssimo não evento. E, por falar em belo, a escritora Ana Miranda deu o título de *Desmundo* ao romance em que narra a sina de uma órfã portuguesa enviada à força ao Brasil da época do Descobrimento para servir de esposa a um dos desbravadores da terra. “Desmundo” é mais que fim do mundo; é o mundo ao avesso. É o que aguarda, no romance, a inocente Oribela. Há bons exemplos mais antigos. No livro *Roteiro de Macunaíma*, de 1950, o crítico M. Cavalcanti Proença escreveu que o personagem de Mário de Andrade resumia as “desvirtudes nacionais”. O próprio Mário de Andrade engendrou por sua vez outro oportuno *des* ao lamentar, num poema (*Louvação da Tarde*), a “pátria tão despatriada”.

Desvirtudes nacionais e despatriamentos da pátria continuam em cartaz, 87 anos depois da publicação de *Macunaíma* e setenta depois da morte de Mário de Andrade, completados neste ano, mas não é disso que se trata aqui — por que raios, ó insistente leitor, o colunista teria sempre de afundar no mar de nossas misérias públicas? Refugiemo-nos nas palavras. O tema de hoje são as que portam o prefixo *des*, começando com as inventadas mas não se esgotando nelas. O exímio criador/recolhedor de palavras que foi Guimarães Rosa espalhou por suas obras, entre muitas outras, “desamigo”, “desendoidecer”, “desdormido”, “desexistir”, “des-triste”, “desfeliz”, “desviver”, “desfalar”. No precioso livro *O Léxico de Guimarães Rosa*, da professora Nice Sant’Anna Martins, registram-se exatas 230 palavras com *des*, sinal de que o *des* é uma tentação irresistível para quem gosta de brincar com as possibilidades do idioma. Até “desmim” Guimarães Rosa inventou. “Querer mil gritar, e não pude, desmim de mim mesmo, me tonteava, numas ânsias”, diz Riobaldo, no *Grande Sertão: Veredas*.

O *des* traz em si a atração anarquista de pôr o mundo de cabeça para baixo. Mesmo as palavras em *des* perfeitamente acomodadas à língua, e acolhidas nos dicionários há muitos anos, nos chegam com novo viço quando nos detemos a examiná-las.

A uma família melancólica pertencem “desamor”, “desventura”, “desencanto” e a fatal “desespero”, ao inverter o alto significado moral de “amor”, “ventura”, “encanto” e “esperança”. “Desassossego” vai no mesmo caminho. “Desentendimento” é mais bruta; é eufemismo para briga. Ao contrário, de alto valor moral são “deste-

mor” e “desassombro” ao opor-se ao temor e ao assombro. “Desatino” é humilhante; é perder o tino. “Desoras” só pode ter sido criada por um surrealista. Usa-se no sentido de “altas horas”, mas na pura raiz etimológica significa estar fora das horas — como assim, fora das horas? “Desasnar” é o inspirado sinônimo de aprender pela via de deixar de ser asno.

Uma ida ao dicionário, onde dormem as palavras em estado de inocência, revela maravilhas. O leitor não deve saber, como o colunista não sabia, que existe a palavra “desnamorar”, assim como “desnamorado”. A difícil arte do dicionarista revela-se em seu melhor na definição de “namorar” do Houaiss: “terem duas pessoas relacionamento amoroso em que a aproximação física e psíquica, fundada numa atração recíproca, aspira à continuidade”. Descontinuada tal relação, fica-se com a desconsolada figura do desnamorado, que se imagina desamparado, a desoras, desnorteado e desterrado de si mesmo, desfeliz.

**MÃE EU TE AMO =
BOLSA + SAPATO**

Subjeto a disponibilidade de estoque. Valor válido para a compra do determinado modelo de sapato mais bolsa, conforme combinações apresentadas.



R\$ 169,90



R\$ 399,90



R\$ 369,90



R\$ 339,90

AREZZO

© Reprodução proibida. Produtos registrados. Consulte o valor da parcela mínima. Os produtos exibidos estão sujeitos à disponibilidade de estoque e alteração de preço sem prévio aviso. VENDAS: www.vivara.com.br ou 0800 77 44 999.



Coleção Sideral Prata

Prata, pedra da lua e espinélios.

Anel 10x R\$ 199 ou à vista R\$ 1.990. Brinco 10x R\$ 299 ou à vista R\$ 2.990.

Pulseira 10x R\$ 499 ou à vista R\$ 4.990.

VIVARA
vivara.com.br